UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
INSTITUTO DE NUTRIÇÃO JOSUÉ DE CASTRO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM NUTRIÇÃO

AMANDA CUNHA NICOLAU

COMIDA E REFÚGIO: mudanças e permanências nas práticas alimentares de refugiados sírios

RIO DE JANEIRO
2021

Amanda Cunha Nicolau

COMIDA E REFÚGIO: mudanças e permanências nas práticas alimentares de refugiados sírios

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do título de mestre no Mestrado Acadêmico do Programa de Pós-Graduação em Nutrição, Universidade Federal do Rio de Janeiro

Orientadora: Drª. Maria Beatriz Trindade de Castro
Coorientadora: Drª. Marta Maria Antonieta de Souza Santos

RIO DE JANEIRO
2021

CIP - Catalogação na Publicação

CA484c

Cunha Nicolau, Amanda
COMIDA E REFÚGIO: MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS NAS PRÁTICAS ALIMENTARES DE REFUGIADOS SÍRIOS / Amanda Cunha Nicolau. -- Rio de Janeiro, 2021.
133 f.

Orientadora: Maria Beatriz Trindade de Castro.
Coorientadora: Marta Maria Antonieta de Souza Santos.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Nutrição Josué de Castro, Programa de Pós-Graduação em Nutrição, 2021.

1. Refugiados. 2. Cultura. 3. Práticas Alimentares. 4. Migração. 5. Tradição Alimentar. I. Trindade de Castro, Maria Beatriz , orient. II. Antonieta de Souza Santos, Marta Maria , coorient. III. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

Amanda Cunha Nicolau

COMIDA E REFÚGIO: mudanças e permanências nas práticas alimentares de refugiados sírios

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Nutrição, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Nutrição Humana

Aprovada em 05 de fevereiro de 2021

_____

Profª Drª. Maria Beatriz Trindade de Castro (Presidente)
Instituto de Nutrição Josué de Castro - UFRJ

_____

Profª Drª. Maria Cláudia Veiga Soares
Instituto de Nutrição Josué de Castro - UFRJ

_____

Profª Drª. Patrícia Carvalho Padilha
Instituto de Nutrição Josué de Castro - UFRJ

_____

Profª Drª. Denise Cavalcante de Barros
Escola Nacional de Saúde Pública – FIOCRUZ

“A diferença nos enriquece.
O respeito nos une.”

Rubens Santini

Aos meus pais, Rosangela e Celso, que com todo amor, dedicaram suas vidas a minha criação, me proporcionando os meios para que eu pudesse concretizar os meus objetivos.

Aos que atravessam fronteiras em busca de um recomeço.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Profª Maria Beatriz de Castro, pelos ensinamentos, apoio e por toda dedicação ao longo da construção dessa dissertação.

À minha coorientadora, Profª Marta Santos pelo comprometimento e valiosas contribuições durante o percurso do mestrado.

À Profª Maria Cláudia, pelos apontamentos na qualificação e pela revisão da dissertação com maestria, possibilitando o enriquecimento da versão final. Obrigada por sempre valorizar a riqueza do tema.

À Profª Mirian Baião, pela disponibilidade e por tornar o caminho mais claro quando me senti perdida.

Aos membros da banca, por aceitarem participar desse momento de amadurecimento acadêmico e pelas contribuições na qualificação e defesa.

À Profª Mirian Alves, por continuar a contribuir com o meu desenvolvimento após a qualificação.

À Profª Mary Nicoloau, por sanar as minhas dúvidas na fase embrionária do estudo. *Dank je!*

Aos participantes do estudo, que apesar da rotina ocupada, reservaram um tempo para a entrevista.

As amizades que o mestrado me concedeu, em especial, à Maria Eliza, Fernanda Bispo, Andreia Andrade, Bianca Martins e Manuela Dias. Todo apoio foi essencial para chegar até o fim.

Aos voluntários, imigrantes e refugiados da Feira Chega Junto, por me acolherem e me ensinarem a ser mais resiliente diante das adversidades da vida.

Aos voluntários e refugiados do *Havendiners,* que conversaram comigo para que eu pudesse compreender melhor o tema do estudo, ainda na construção no projeto.

Aos colegas da EARJ, principalmente à Lidia Neves pelo apoio quando precisei me ausentar para cumprir atividades do mestrado.

Ao meu amor, Rindert pela compreensão e paciência em aguardar a conquista desse sonho.

A todos amigos e familiares que compreenderam minha ausência e me apoiaram até o fim dessa jornada.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1. PAINEL DE DIVULGAÇÃO FIXADO EM DIAS DE FEIRA 51
FIGURA 2. ARTE DIVULGADA EM REDES SOCIAIS 52
FIGURA 3. BANDEIRAS FIXADAS NA ÁREA EXTERNA EM DIA DE FEIRA ... Erro! Indicador não definido.
FIGURA 4. MAPA DA SÍRIA MARCADO COM OS LOCAIS DE ORIGEM DOS PARTICIPANTES 69
FIGURA 5. MESA DE ALMOÇO NO FINAL DE SEMANA (RJ) 100

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACNUR/UNCHR – Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados

CEP – Comitê de Ética em Pesquisa

CONARE – Comitê Nacional para Refugiados

CPF - Cadastro de Pessoa Física

CTPS - Carteira de Trabalho e Previdência Social

OCDE - Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico

OIM/IOM – Organização Internacional para as migrações

ONU - Organização das Nações Unidas

PARES Cáritas RJ- Programa de Atendimento a Refugiados e Solicitantes de Refúgio

RJ – Rio de Janeiro

RNE - Registro Nacional de Estrangeiros

SMS-RJ – Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro

SOHR – Observatório Sírio para Direitos Humanos/Syrian Observatory for Human Rights

WFP – Programa Mundial de Alimentos/World Food Programme

RESUMO

NICOLAU, Amanda Cunha. **Comida e Refúgio:** Mudanças e Permanências nas Práticas Alimentares de Refugiados Sírios. Rio de Janeiro. 2021. Dissertação (Mestrado em Nutrição Humana). Instituto de Nutrição Josué de Castro. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

O conflito na Síria levou à migração forçada de milhares de pessoas. O Brasil é um dos poucos países que facilita a emissão de visto a esses indivíduos. Ao recomeçar a vida do zero, refugiados precisam enfrentar novos desafios e se acostumar com as mudanças impostas pelo novo contexto vivido, inclusive o alimentar. Esta dissertação teve como objeto as práticas alimentares de refugiados sírios, que vivem no Rio de Janeiro. O estudo, do tipo descritivo, foi desenvolvido por meio da abordagem qualitativa e teve como objetivos identificar mudanças e permanências relacionadas às práticas alimentares, bem como descrever barreiras e facilitadores que contribuem para a ruptura ou continuidade dessas práticas no período pós refúgio. Os dados foram obtidos por meio da aplicação de questionário sociodemográfico, entrevistas semiestruturadas e observação simples. Para explorar as práticas alimentares dos participantes do estudo, as transcrições foram categorizadas e analisadas por meio da análise de conteúdo temática. As entrevistas com os refugiados expuseram pontos em comum que dificultavam, ou mesmo impediam, a permanência das práticas alimentares comuns à vida na Síria, no período pós refúgio. As barreiras para manutenção de suas práticas alimentares foram relacionadas à dificuldade de encontrar produtos característicos da cultura alimentar síria no comércio local; ao custo elevado desses produtos, quando encontrados; e à falta de habilidade e tempo para cozinhar. Quanto aos facilitadores, a disponibilidade de restaurantes e alimentos, foi valorizada pelos participantes, pois por algumas vezes, motivados pela memória afetiva e reafirmação da identidade síria, se permitem ao acesso, apesar do custo elevado. Manter as práticas alimentares, parece aproximar o indivíduo à terra natal, mesmo que de forma parcial. As mudanças se relacionam à necessidade de adaptação ao contexto que estão envolvidos e às novas condições de vida, por vezes ilustradas pela insatisfação quanto à monotonia do padrão de alimentação brasileira e por outras com apreço a alguns alimentos brasileiros. A adaptação também é percebida como uma forma de integração e pertencimento ao novo ambiente.

Palavra-chave: refugiados, comida, Síria, tradições alimentares e cultura.

ABSTRACT

NICOLAU, Amanda Cunha**. Food and Refuge:** Changes and Continuities in Eating Practices of Syrian Refugees. Rio de Janeiro. 2021. Dissertation (Master in Human Nutrition). Federal University of Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

The conflict in Syria has led to the forced migration of thousands of people. Brazil is one of the few countries that enable the issuance of visas to these individuals. By starting life anew, refugees must face new challenges and get used to the changes imposed by the new situation they are living in, including the food context. This dissertation focused on the feeding practices of Syrian conflict refugees living in Rio de Janeiro. The descriptive study was developed through a qualitative approach, and is aimed at identifying changes and continuity related to eating practices, as well as to describe barriers and facilitators, which contribute to the rupture or continuity of these practices in the post-refuge period. The data were collected through the application of a sociodemographic questionnaire, semi-structured interviews, and simple observation. In order to study the eating practices of subjects, the transcripts were categorized and analyzed through thematic content analysis. The refugees' interviews revealed points in common that hindered, or even prevented, the remaining of eating practices, common to life in Syria, during the post-refuge period. The barriers to maintaining their feeding habits were related to the difficulty of finding products that belong to Syrian food culture in the local shops; the high cost of these products, when available; lack of time and cooking skills. Regarding the facilitators, participants valued the existence of restaurants and some familiar food, occasionally consumed, motivated by affective memory and reaffirmation of Syrian identity, regardless of the high cost. Maintaining eating practices seems to bring the individual closer to their homeland, even if only partially. The changes were related to the necessity to adapt to the context in which they are involved and to new living conditions, sometimes illustrated by dissatisfaction with the monotony of the Brazilian eating pattern and other times with appreciation for some Brazilian foods. Adaptation is also perceived as a form of integration and belonging to the new environment.
Keywords: refugee, food, Syria, food tradition and culture.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 23
1 INTRODUÇÃO 25
2 OBJETIVOS 33
3 REFERENCIAL TEÓRICO 33
3.1 PANORAMA DO REFÚGIO E O CONFLITO NA SÍRIA 33
3.2 REFÚGIO NO CENÁRIO BRASILEIRO 37
3.3 O PROCESSO DE REFÚGIO NO BRASIL E O ACOLHIMENTO NO RIO DE JANEIRO 39
3.4 COMIDA E CULTURA 41
3.5 ALIMENTAÇÃO E IDENTIDADE CULTURAL 43
3.6 PRÁTICAS ALIMENTARES E MIGRAÇÃO 45
4 CAMINHO METODOLÓGICO 49
4.1 DESENHO DO ESTUDO 49
4.2 CENÁRIO E SUJEITOS DA PESQUISA 50
4.3 CONSTRUÇÃO DOS DADOS 56
4.4 ANÁLISE DO CONTEÚDO DAS TRANSCRIÇÕES 60
4.5 CONSIDERAÇÕES ÉTICAS 62
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO 67
5.1 CARACTERÍSTICAS SOCIODEMOGRÁFICAS DOS REFUGIADOS SÍRIOS 67
5.2 UM NOVO CENÁRIO DE VIDA – O QUE VAI, FICA OU SE TRANSFORMA 71
5.3 AS PRÁTICAS ALIMENTARES: DA SÍRIA AO BRASIL 73
5.3.1 Costumes Alimentares na Síria - o antes e o depois da guerra 73
5.3.2 Do estranhamento a adaptação à comida brasileira 80
5.3.3 Práticas alimentares da Síria no Rio de Janeiro 90
6 CONCLUSÃO 106
REFERÊNCIAS 110
GLOSSÁRIO 124
APÊNDICE A – CARTA CONVITE PARA PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA 125
APÊNDICE B – INFORMAÇÕES PREVISTAS PARA O CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO SOBRE A PESQUISA 126
APÊNDICE C – FICHA DE DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS 128
APÊNDICE D – ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA 130
APÊNDICE E - PERFIL SOCIODEMOGRÁFICOS DOS PARTICIPANTES 131
APÊNDICE F – MATERIAL ILUSTRADO UTILIZADO NAS ENTREVISTAS 132

APRESENTAÇÃO

O interesse pela alimentação e refúgio como linha condutora da dissertação partiu de um sonho antigo de trabalhar nas Nações Unidas. Dois anos após a graduação, enxerguei no mestrado um caminho que pudesse contribuir na conquista desse objetivo. Ingressei no curso com um projeto de temática diferente, mas após 1 semestre, ao ter ciência da crise de refugiados no mundo e o papel do Brasil, uma inquietude motivada por questionamentos relacionados ao acolhimento, adaptação e alimentação nesse cenário deu início a construção da presente pesquisa.

Os alarmantes números e condições de vida na situação de refúgio, também foram fatores que impulsionaram a condução do estudo. Além disso, a migração forçada para um território repleto de códigos culturais diferentes, impõe várias mudanças, dentre elas, a alimentação, que além de ser uma necessidade fisiológica, está associada a uma série de significações, simbolismos e crenças que fazem parte da identidade de cada indivíduo e pode ser afetada no contexto de migração.

Ao buscar relação entre o problema da crise de refugiados e a importância do comer, percebi a relevância e extensão da temática na atualidade, assim como a necessidade de entender melhor, os percalços desse cenário, para que futuramente, tais achados pudessem fundamentar as estratégias de acolhimento e apoio de pessoas que se enquadram nesse contexto.

Ao longo dessa jornada, tive contato com refugiados de países diferentes e, também, com pessoas genuinamente dedicadas ao suporte desse grupo. Todos, foram essenciais para o meu aprendizado e amadurecimento, sem sombra de dúvida, os meus maiores ganhos.

O presente estudo teve como objeto descrever as práticas alimentares de refugiados sírios que vivem no Rio de Janeiro e buscou responder às seguintes questões norteadoras:

a. Como os refugiados caracterizaram a alimentação anterior à migração e após o refúgio no Rio de Janeiro?

b. Como as práticas alimentares atuais aproximaram ou distanciaram o refugiado da cultura do seu país?

Após a introdução, a dissertação foi estruturada em 4 partes. No **Referencial Teórico**, foram apresentadas questões relacionadas ao panorama do refúgio no Brasil e no mundo, o conflito na Síria, bem como aspectos no campo da alimentação e conceitos necessários para entendimento do objeto de estudo, como as práticas alimentares, migração, cultura, identidade cultural, comensalidade e memória. Para tal, certos estudos e autores puderam servir de lente para melhor compreensão dos dados coletados. No **Caminho Metodológico**, foi detalhada a metodologia utilizada para alcançar os objetivos propostos pelo estudo, bem como o desenho do estudo, a seleção dos participantes, os aspectos éticos, o detalhamento do campo e, por fim, as técnicas de coleta e análise dos dados. Nos **Resultados e Discussão**, foi apresentado o perfil dos participantes, segundo as informações obtidas pela aplicação do questionário de dados sociodemográficos, seguido da análise das falas dos participantes, organizadas em categorias para entendimento do objeto do estudo, com base no referencial teórico. Na **Conclusão**, foram reunidos os principais achados que respondem aos objetivos, e apontadas as limitações e sugestões para outros delineamentos e que poderão contribuir para o aprofundamento da temática.

1 INTRODUÇÃO

A permanência de conflitos, perseguições e crises são os principais motivos que levam ao aumento do fluxo migratório de refugiados[1]. A incerteza da sobrevivência, passa a ser um sentimento predominante entre aqueles que estão em áreas de risco e precisam cortar as pressas, raízes fincadas por várias gerações, afetando as tradições criadas, mantidas e transmitidas ao longo dos anos. O desespero e a necessidade motivam a ávida busca por um território seguro, pois, quem sabe, essa possa ser a única chance de garantia de futuro. Migrar[2] como refugiado pode representar a chance de retomar a vida e construir um futuro seguro frente a situações que ameaçam a existência e a liberdade.

Em 2016, o deslocamento forçado ultrapassou o fluxo migratório causado pela Segunda Guerra Mundial, tornando a migração forçada de refugiados, a crise humanitária mais dramática que acomete a humanidade (ACNUR, 2019). No cenário atual, a origem da maior parte dos refugiados é proveniente dos países da África, Oriente Médio, e mais recentemente da Venezuela[3] onde grande parte passa a viver em países vizinhos, como a Turquia, Uganda, Paquistão e Colômbia[4].

---

[1]Refugiado: Uma pessoa que saiu de seu país e precisa de “proteção internacional” por causa do risco de violência ou perseguição caso voltasse para casa. Isso inclui pessoas que fogem de guerras. Acesso em: 18 dez. 19. Disponível em: https://www.acnur.org/portugues/2018/06/19/mais-de-68-milhoes-de-pessoas-deslocadas-em-2017-e-essencial-um-novo-acordo-global-sobre-refugiados/

[2]Migração: Termo utilizado para reunir, numa só categoria, apátridas, emigrantes, refugiados, imigrantes, como pessoas que mudam de país ou região permanentemente ou periodicamente. Acesso em: 19 jan. 19. Disponível em: http://www.dedihc.pr.gov.br/arquivos/File/2015/PlanoEstadualMigranteRefugiadoParana.pdf

[3] UN NEWS. ACNUR: Venezuela tem segunda maior crise de refugiados do mundo após Síria. Disponível em: https://news.un.org/pt/audio/2019/10/1692481. Acesso em: 6 jan. 2021

[4] UNHCR. Figures at a Glance. Disponível em: https://www.unhcr.org/figures-at-a-glance.html. Acesso em: 20 nov. 2020

Segundo o relatório do Alto Comissariado das Nações Unidas (ACNUR), em 2019 a Turquia foi considerada o país que mais acolheu refugiados pelo quarto ano consecutivo (3,6 milhões). Apesar de 192 países fazerem parte das Nações Unidas, poucos definem cotas de reassentamento de refugiados[5].

Ainda que frequentemente a mídia[6] enfatize a crise dos refugiados em países da Europa, América do Norte e Oceania, a maioria daqueles indivíduos à migração forçada, vive em países vizinhos às suas pátrias, muitos dos quais demasiadamente pobres e, que recebem pouco apoio para cuidar dessas populações. Apesar de possuírem políticas de acolhimentos, os países desenvolvidos não têm uma política de portas abertas àqueles que precisam de refúgio, como a emissão de visto de forma facilitada, para que migrem de forma segura. Desesperados e motivados pela esperança de construir uma vida melhor, muitos buscam rotas dispendiosas e arriscadas para alcançarem esses países, mantendo a expectativa de, em momento oportuno e de forma mais segura, trazer seus familiares[7] para junto de si (ACNUR, s.d).

Em contrapartida, as Embaixadas Brasileiras na Síria e países vizinhos, concedem através de normativa Nº 17, de 20 de setembro de 2013[8], um visto aos

---

[5] Alemanha, Argentina, Austrália, Bélgica, Brasil, Canadá, Chile, Dinamarca, Estados Unidos da América, Finlândia, França, Holanda, Islândia, Irlanda, Noruega, Nova Zelândia, Portugal, Romênia, Reino Unido, República Tcheca, Suécia e Uruguai. Disponível em: https://www.acnur.org/portugues/dados-sobre-refugio/perguntas-e-respostas. Acesso em: 19 jan. 2019

[6] BBC NEWS. Europe's migrant crisis: The year that changed a continent. Disponível em: https://www.bbc.com/news/world-europe-53925209. Acesso em: 20 jan. 2019

[7] Reunião familiar: Procedimento que garante que membros da família de um refugiado reconhecido que se encontrem fora do território nacional possam se encontrar com ele no país de refúgio. Disponível em: https://help.unhcr.org/brazil/asylum-claim/reuniao-familiar-e-extensao-dos-efeitos-da-condicao-de-refugiado/. Acesso em: 19 jan. 2019.

[8]Dispõe sobre a concessão de visto apropriado, em conformidade com a Lei nº 6.815, de 19 de agosto de 1980, e do Decreto 86.715, de 10 de dezembro de 1981, a indivíduos forçosamente

indivíduos afetados pelo conflito da Síria, para que dessa forma possam emigrar de forma segura e solicitar o refúgio ao chegar no Brasil. A emissão desse tipo de visto preza pela migração segura diante de um período marcado por tragédias no mediterrâneo, onde só em 2018, 2.268 de pessoas morreram durante o percurso migratório (UNHCR, 2019).

Diferente de alguns dentre os países desenvolvidos, no Brasil, a solicitação de refúgio já garante ao indivíduo o direito de trabalhar legalmente, ter acesso ao serviço de saúde, assim como outros direitos comuns aos cidadãos brasileiros, exceto o voto. Além da garantia de refúgio, esses indivíduos também precisam enfrentar problemas vivenciados pela população brasileira, porém, com o agravante de não falar português e conviver abalos psicológicos que carregam consigo (BEMAK & CHUNG, 2017). Muitos, dependem do apoio oferecido por organizações não governamentais e da sociedade civil, resultante da escassez de políticas públicas e desamparo.

Segundo Medeiros (2018), o sujeito que migra enfrenta um “processo de reconhecimento de diferenças e semelhanças com relação ao seu contexto de origem.” Entretanto, a situação dos refugiados é diferenciada, visto que essa mudança pode ocorrer de repentina e forçada. Ao migrar às pressas para um novo um ambiente, o refugiado carrega consigo memórias, que por muito tempo serão a única conexão com as origens enquanto buscam reconstruir a vida num ambiente

---

deslocados por conta do conflito armado na República Árabe Síria. Disponível em: https://www.legisweb.com.br/legislacao/?id=258708. Acesso em: 08 jan. 2021

onde os costumes, as tradições e condições de vida são distintos daquelas na qual estavam habituados, dentre eles, a alimentação.

De acordo com Contreras e Gracia (2011, p.139) “cada grupo possui um quadro de referências que guia a escolha dos alimentos” possibilitando que se diferenciem através da alimentação. Para os autores:

> “as escolhas alimentares aparecem unidas, em boa medida, à cultura, de forma que, ao ingerir um alimento, as pessoas que comem se incorporam a um sistema culinário – práticas materiais e simbólicas – e, portanto, ao grupo que o pratica [...]” (CONTRERAS & GRACIA, 2011, p.139)

DaMatta (1986, p.37) defende que a "comida não é apenas uma substância alimentar, mas é também um modo, um estilo e um jeito de alimentar-se”, construído no contexto familiar na qual o indivíduo está inserido. Ou seja, além do modo de comer, aquele que o ingere tem a sua cultura e crenças formados e reconstruídos diante das suas experiências ao longo da vida.

O que é, e o que não é alimento é definido socialmente e culturalmente. Temos como exemplo, o consumo de insetos que para os tailandeses consiste em uma prática comum desde a escassez de alimentos enfrentada no nordeste do país, enquanto não é incorporada por outros povos (YHOUNG-AREE et al., 1997). Outro exemplo, seria o consumo de carne de vaca como parte da alimentação de muitas nações, enquanto na Índia o animal é visto como sagrado pelo hinduísmo e tem seu abate proibido. Nesse contexto, cabe aqui evocar a reflexão de DaMatta (1986, p.37) onde é defendido que “o jeito de comer define não só aquilo que é ingerido como também aquele que ingere”. Dessa forma, cada “aquele” tem uma cultura, memória e significados diferentes atribuídos aos alimentos.

Terragni e Ross (2019), afirmam que as memórias da comida de casa, as referências de “comida boa” e a disponibilidade de alimentos em um novo país moldam as experiências relacionadas à alimentação dos imigrantes.

A alimentação, representa um elemento que faz parte da identidade e que diante das novas circunstâncias pode ser reformulada, exigindo um processo de ressignificação. Além disso, é evidente na literatura que a transição para um novo ambiente na condição de refugiado, reflete direta e/ou indiretamente na alimentação, visto que o período pós refúgio pode ser marcado pela dificuldade com o idioma, insuficiência financeira, insegurança alimentar, falta de familiaridade com os alimentos disponíveis no comércio local, ou até mesmo aqueles culturalmente apropriados (SELLEN 2002; GALLEGO 2008; TERRAGNI, 2014; GHATTAS, 2018).

Considerando que as condições de vida e o ambiente que os refugiados estão inseridos no período pós refúgio, podem refletir em mudanças de aspectos sociais e culturais da alimentação, e que esses estão intimamente ligados ao bem-estar físico e mental (LOCHER, 2005), faz-se necessário o aprofundamento, das questões relacionadas à mudança da alimentação no cenário pós refúgio.

Compreender as mudanças e permanências que permeiam o contexto alimentar de refugiados, pode ser o passo inicial para produção de conhecimento necessária para fomentar a discussão a respeito do tema, e fundamentar condutas com uma perspectiva culturalmente sensível para esse grupo, de acordo com o que é defendido pelo documento da Organização Mundial da Saúde (2017):

> A formulação efetiva de políticas sobre nutrição significa entender como os contextos culturais impactam as escolhas alimentares que levam a resultados melhores ou piores e como as práticas alimentares podem reforçar ou desestabilizar a saúde e o bem-estar, a confiança social e a resiliência da comunidade. (NAPIER, D. et al, 2017, p.xii)

Corroborando com o contexto apresentado acima, Vivas (2019), aponta que a adaptação cultural, tem influência no acesso aos alimentos devido à falta de familiaridade com o idioma no momento das compras e por isso, propõe em seu estudo "*Análisis de la estrategia alimentaria en la acogida de personas refugiadas en Cataluña (España)*", programas de integração de refugiados que incluam a alimentação como eixo de adaptação cultural, como a promoção de planos de intercâmbio cultural com foco na alimentação, como uma maneira de formar um elo entre o refugiado e o ambiente que está inserido.

Embora a literatura internacional seja repleta de estudos referentes ao contexto alimentar de refugiados (LONGHI, 2015; HUIZINGA & HOVEN, 2018; BURGE, 2018; KAVIAN et al., 2020), a maioria é conduzida em países desenvolvidos e pouco se sabe sobre a alimentação de refugiados em países de desenvolvimento, como o Brasil. Até o momento, em relação aos estudos sobre alimentação de refugiados da Síria, somente foram encontradas as publicações de Scagliusi et al. (2018), Porreca et al. (2019) e Lima (2019), sendo as duas primeiras pesquisas, conduzidos em São Paulo e o segundo em Belo Horizonte. A escassez de estudos brasileiros que descrevem o contexto alimentar no cenário de refugiados, reforça a necessidade de dar voz aos indivíduos que se inserem nessa temática, para que o fenômeno seja compreendido a partir dos fatores determinantes, barreiras e facilitadores das práticas alimentares após o refúgio.

A comida tem o papel tanto de suprir as necessidades fisiológicas, quanto ser um meio de expressar seus valores e a integração social. Saber o quê, onde, como e com quem se come pode ser uma forma de compreender as práticas alimentares de refugiados, as dificuldades para se adaptar à alimentação e estratégias que

encontram para conduzir essa adaptação, seja para manter práticas alimentares da Síria ou incorporar práticas referentes ao ambiente que vivem. Nesse sentido, revelar quais são as mudanças das práticas alimentares que ocorrem num novo contexto podem ser interessante na ótica dos atores sociais que atuam no acolhimento, na construção de iniciativas e políticas direcionadas aos refugiados.

A falta de previsão de fim do conflito e a destruição em larga escala das cidades da Síria, podem ser fatores determinantes para a chegada e permanência e de sírios, que vivem em situação de refúgio no Brasil e ao redor do mundo por período indeterminado. Ainda que a legislação brasileira de refúgio seja bem delineada, e tenha contribuído para o crescimento do número de refugiados da Síria, a presença desses indivíduos no país ainda é percebida como um desafio para ambas as partes. A migração na condição de refugiado, é um determinante para a reconstrução do modo de vida no país desde o momento da chegada, onde o indivíduo precisa se adaptar ao meio, inclusive na forma de se alimentar.

Além disso, a alimentação é um direito humano contemplado pela Declaração Universal de Direitos Humanos de 1948 e, também, um direito garantido pela constituição e políticas públicas no Brasil (UNITED NATIONS, 1948; BRASIL, 2010).

A Política Nacional de Alimentação e Nutrição (PNAN), tem como um dos princípios, o respeito à diversidade e à cultura alimentar (BRASIL, 2003). Por isso, torna-se importante conhecer as barreiras e facilitadores das práticas alimentares dos refugiados sírios, assim como entender qual a relevância das mudanças ou permanências dessas práticas, a partir da percepção desses indivíduos.

Espera-se que os resultados desta pesquisa possam fomentar a discussão em torno do tema e viabilizar o acolhimento culturalmente sensível.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Descrever mudanças e permanências das práticas alimentares de refugiados sírios que vivem no Rio de Janeiro

2.2 Objetivos Específicos

a. Descrever as características sociodemográficas dos refugiados;

b. Identificar barreiras e facilitadores para a permanência de práticas alimentares sírias no período pós refúgio;

c. Identificar estratégias de adaptação na alimentação após o refúgio no Rio de Janeiro;

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 Panorama do refúgio e o conflito na Síria

O deslocamento de pessoas pelo mundo é um fenômeno que ocorre há muito tempo. Os primeiros relatos sobre movimentos migratórios podem ser encontrados na Bíblia e outras fontes históricas da antiguidade (BRZOZOWSKI, 2012). Nos dias de hoje o deslocamento, por vezes é forçado, em reação a conflitos, desastres ambientais ou por perseguições causadas em função da raça, etnia, gênero, religião e outras situações que ferem os direitos humanos.

Aqueles que migram, possuem diferentes motivações e por isso, são caracterizados por termos de acordo com a sua situação. Apesar de serem frequentemente usados como sinônimos, os termos, refugiados e migrantes possuem significados distintos. O presente estudo considera como refugiado *"*as pessoas que se encontram fora do seu país por causa de fundado temor de

perseguição por motivos de raça, religião, nacionalidade, opinião política ou participação em grupos sociais, e que não possa (ou não queira) voltar para casa*”*. Tal definição, é defendida pela Organização das Nações Unidas (ONU)[9] e acolhida pela legislação brasileira[10], que também estende o direito a todo indivíduo que “devido à grave e generalizada violação de direitos humanos, é obrigado a deixar seu país de nacionalidade para buscar refúgio em outro país”.

O termo refugiado, define um *status* mas também é percebido como um estereótipo, que resulta em preconceito por parte daqueles que possuem sentimentos de desconfiança e incompreensão sobre refugiados e a sua presença no mesmo contexto social que estão inseridos (MIAZGA, 2018; GOMES & SILVA, 2019).

Segundo esclarecimento do ACNUR[11], o indivíduo é um refugiado independentemente de já lhe ter sido ou não reconhecido com tal *status* pelo governo. Porém, cabe a cada governo a decisão de conceder o *status* de refúgio e garantia de direitos após análise de cada situação. Para o ACNUR (2015), migrantes são pessoas que “escolhem se deslocar não por causa de uma ameaça direta de perseguição ou morte, mas principalmente, para melhorar sua vida em busca de trabalho ou educação, por reunião familiar ou por outras razões”.

---

[9]A Convenção da ONU de 1951 sobre o Estatuto dos Refugiados e seu protocolo de 1967, assim como a Convenção da OUA (Organização da Unidade Africana) – pela qual se regulam os aspectos específicos dos problemas dos refugiados na África em 1969 – ou a Declaração de Cartagena de 1984 sobre os Refugiados continuam sendo a chave da atual proteção dos refugiados. Disponível em: https://www.acnur.org/portugues/2015/10/01/refugiado-ou-migrante-o-acnur-incentiva-a-usar-o-termo-correto/ Acesso em: 19 jan. 2019

[10] Lei Nº 9.474, de 22 de julho de 1997. Define mecanismos para a implementação do Estatuto dos Refugiados de 1951, e determina outras providências.

[11] ACNUR, s.d. Disponível em: https://www.acnur.org/portugues/dados-sobre-refugio/perguntas-e-respostas/. Acesso em: 19 jan. 2019

Diferentes dos refugiados, os migrantes podem voltar com segurança ao seu país de origem se assim desejarem, sem que suas vidas sejam ameaçadas. Sendo o emigrante, a pessoa que deixa o local de origem e o imigrante o indivíduo que chega a um novo lugar de residência (IOM, 2019).

Antes do século XX não existia um documento legal concedendo proteção jurídica a refugiados, asilados[12] ou apátridas[13]. Somente em 1951, na Convenção das Nações Unidas[14], em Genebra, foi criado um dos principais tratados internacionais de direitos humanos, o Estatuto de Refugiados, com o objetivo de garantir a proteção e o resguardo de refugiados da Primeira e Segunda Guerra Mundial (BARBOSA, 2015). Posteriormente, com a permanência de conflitos e perseguições de outras causas, esse estatuto foi ratificado pelo protocolo de 1967[15], oferecendo suporte às pessoas em condições de refúgio independente do período e localização geográfica.

Segundo relatório do ACNUR, publicado em 18 de junho de 2020, até o ano de 2019, estimava-se que cerca de 79,5 milhões de pessoas foram vítimas de migração forçada, sendo 26 milhões, refugiados. Países em desenvolvimento,

---

[12] Asilados: pessoas que recebem asilo ou proteção política em outro país (ACNUR, 2019).

[13] Apátridas: Homens e mulheres (idosos, jovens, crianças) que não possuem vínculo de nacionalidade com qualquer país. Seja por falta de reconhecimento como nacional pela legislação interna ou por falta de consenso sobre qual país deve reconhecer a cidadania dessas pessoas. Ex: quando um país deixa de existir (ACNUR, 2019).

[14] O Estatuto dos Refugiados da Convenção das Nações Unidas é um tratado global, que define refugiado e esclarece os direitos e deveres entre os refugiados e os países que os acolhem. No entanto, a Convenção só era considerada para acontecimentos ocorridos antes de 1º de janeiro de 1951. Disponível em: https://www.acnur.org/portugues/convencao-de-1951/. Acesso em: 20 nov. 2018

[15] Com a ratificação do Protocolo, os países passaram a aplicar o Estatuto dos Refugiados da Convenção de 1951 para todos os refugiados enquadrados em sua definição, mas sem limite de datas ou lugares.

como a Turquia (3,6 milhões) e a Colômbia (1,8 milhões) são os maiores responsáveis por acolher os refugiados, que se somam à população que também precisa de apoio do governo. Atualmente, grande parcela dos refugiados no mundo é da Síria (6,6 milhões) e da Venezuela (3,7 milhões) (ACNUR, 2020). A gravidade e a falta de previsão do fim das crises e conflitos em seus países natais, conferem à busca por refúgio, como uma chance de proteção e reconstrução da vida, apesar do grande desafio de adaptação e integração em outro país.

O conflito na Síria, está no seu décimo ano e resultou no deslocamento forçado de milhares de pessoas. Oficialmente chamada de República Árabe da Síria, o país possui fronteira com a Turquia, Iraque, Jordânia, Israel e Líbano. Desde o ano 2000, a Síria é governada pelo Presidente Bashar al-Assad. O presidente foi eleito através de um referendo, e seus pronunciamentos indicaram que o governo seria fundado pela democracia, liberdade de imprensa e respeito aos direitos humanos, em contraste com o governo anterior, marcado pela repressão aos opositores, onde seu pai, Hafez al-Assad permaneceu por 30 anos no poder.

O governo de Bashar al-Assad foi reeleito em 2007, através de referendo onde ele era o único candidato. Em 2011, a população síria, inspirada pela queda dos governos ditadores[16] da Tunísia e Egito, foi para as ruas protestar e exigir a renúncia de Bashar al-Assad. As manifestações foram repreendidas pelo exército do país e resultaram na morte e prisão de muitos manifestantes. Em consequência, formaram-se grupos armados contra o governo e a guerra civil se instalou. Durante a guerra, em 2014, o atual presidente concorreu com outros dois candidatos, e só

[16]Esses fatos ficaram conhecidos como a Primavera Árabe

houve votação em áreas controladas pelo governo (G1, 2014). O conflito entre o governo de Bashar Al-Assad e grupos de combate teve seu período mais crítico entre os anos de 2014 e 2016 e teve como consequência um grande fluxo migratório. Tornando necessária a ajuda humanitária no acolhimento dos afetados pelo conflito sírio que buscam segurança e condições de vida dignas.

A Síria é o local no mundo onde mais pessoas saíram em busca de refúgio e, também, onde cerca de 511 mil pessoas foram mortas desde o início do conflito (SOHR, 2018). Dessa forma, em face às difíceis condições de vida e sem perspectiva de melhora, essas pessoas precisam decidir entre permanecer nos países vizinhos à Síria, retornar ao seu país ainda em guerra, enfrentar o risco durante a travessia do Mediterrâneo em busca de uma vida melhor na Europa ou migrar para países que não seriam a primeira opção, mas onde a emissão de visto para indivíduos afetados pelo conflito sírio foi desburocratizada, como o Brasil.

3.2 Refúgio no cenário brasileiro

O Brasil é o país da América Latina que abriga a maior população de refugiados. Segundo a Cáritas, até o ano de 2020, no Brasil 43 mil indivíduos foram reconhecidos como refugiados. Número que aumentou expressivamente após a crise econômica e política que acometeu a Venezuela e que atualmente representa a nacionalidade com o maior número de refugiados no país. Segundo a 4ªedição do *Refúgio em Números,* até dezembro de 2018, a nacionalidade com maior número acumulado de pessoas refugiadas reconhecidas era a Síria (51%), o que também motivou a escolha da população alvo dessa pesquisa (BRASIL, 2019).

As Embaixadas Brasileiras na Síria e em países vizinhos, com o objetivo de facilitar o deslocamento seguro na busca de refúgio, viabilizaram a concessão do visto para sujeitos afetados pelo conflito da Síria, garantindo a migração segura até o Brasil, onde o refúgio pode ser solicitado ao chegar ao país. Devido à permanência dos conflitos com o consequente aumento do número de refugiados, a resolução seguiu vigente até novembro de 2019[17], e, também, favoreceu a escolha do Brasil como país de refúgio.

A lei brasileira de refúgio nº 9.474/97 garante o acesso à educação, saúde e trabalho aos solicitantes de refúgio, esse último acompanhado dos mesmos benefícios trabalhistas oferecidos aos brasileiros, através do Protocolo Provisório (documento de identidade do solicitante de refúgio) concedido, válido por um ano, assim como Carteira de Trabalho e Previdência Social (CTPS) e o Cadastro de Pessoa Física (CPF) (ACNUR, s.d). Após esse período, caso o status de refugiado ainda não tenha sido concedido, o Protocolo Provisório pode ser renovado por mais 1 ano. Por fim, quando o status de refugiado é reconhecido pelo Brasil, esses indivíduos têm como direito, a emissão da Carteira de Registro Nacional Migratório, CTPS, CPF e passaporte em caso de viagens autorizadas pelo CONARE[18](Comitê Nacional para Refugiados) (ACNUR, s.d).

Em vários países da Europa, o solicitante de refúgio não tem o direito de trabalhar. No Reino Unido, o solicitante de refúgio fica pelo menos 12 meses sem trabalhar (THE GUARDIAN, 2018). Outra diferença é a necessidade de

---

[17]http://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/19297025/do1-2017-09-18-resolucao-normativa-n-25-de-14-de-setembro-de-2017-19296756

[18]CONARE: é o órgão do governo responsável por analisar e decidir todos os pedidos de refúgios no Brasil. Além disso, se encarrega de formular a política sobre refúgio no Brasil e elaborar normas que esclareçam os termos da lei de refúgio.

permanecerem em centros de detenção, onde os solicitantes ficam até a concessão de residência ou pedido para deixarem o país (Agência Central para a Recepção de Requerentes de Asilo)[19]. Apesar do Brasil receber muitos refugiados, ainda é deficiente no que diz respeito à criação e execução de políticas direcionadas à assistência e integração do refugiado na sociedade, sendo as organizações da sociedade civil as responsáveis por grande parte no suporte (BARBOSA, 2015; BÓGUS, 2011).

3.3 O processo de refúgio no Brasil e o acolhimento no Rio de Janeiro

Para solicitar o refúgio é preciso estar no território brasileiro ou área de fronteira e preencher o termo de solicitação de refúgio. Posteriormente, todos os pedidos são encaminhados pela Polícia Federal para o CONARE. Esse órgão foi criado junto com o Estatuto dos Refugiados e é vinculado ao Ministério da Justiça. O CONARE possui representantes do Ministério das Relações Exteriores, do Ministério da Saúde, do Ministério da Educação, do Departamento da Polícia Federal e de organizações da sociedade civil. Após colher todas as informações trazidas pelo solicitante de refúgio, o pedido é analisado pelos membros do CONARE, que decidirão se o estrangeiro deverá ou não ser reconhecido como refugiado no país [20] (ACNUR, 2018). Os refugiados que tiverem o direito de refúgio concedido, podem permanecer por quatro anos com a situação regularizada no país. Após esse

---

[19]Agência Central para a Recepção de Requerentes de Asilo (PT) - *Centraal Orgaan opvang asielzoekers* (NL). Disponível em: https://www.coa.nl/en/reception-of-asylum-seekers/rights-and-obligations. Acesso em 20 jan. 2019.

[20]Cartilha para Solicitantes de Refúgio no Brasil

período, os refugiados poderão solicitar um visto de permanência no Brasil. O governo brasileiro, não se compromete a garantir moradia, emprego, treinamento profissional, aulas de português e ajuda financeira para refugiados e suas famílias. Entretanto, organizações da sociedade civil associadas ao ACNUR e CONARE oferecem informações sobre questões que envolvem moradia, saúde, educação, cursos de português, documentação e inclusão no mercado de trabalho (BRASIL, 2019). Além disso, os refugiados e solicitantes de refúgio podem ter acesso aos programas sociais do governo, desde que elegíveis as suas condicionalidades[21].

No Rio de Janeiro, uma das principais instituições que oferecem assistência aos solicitantes de refúgio e refugiados é a Cáritas, por meio do seu Programa de Atendimento a Refugiados e Solicitantes de Refúgio (PARES). O acolhimento ou assistência atua em três frentes: acolhimento, proteção legal e integração local. Vale ressaltar que a organização também possui diversos projetos em andamento, um deles é o curso de português, oferecido através de parceria com a Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Nesse curso, refugiados que falam espanhol, francês, inglês e árabe tem a oportunidade de aprender português. Outro suporte oferecido pela PARES, é o projeto CORES (Coletivo de Refugiados Empreendedores) onde os refugiados recebem capacitação, para montarem o seu próprio negócio (PARES, 2019).

Desde 2014, a Cáritas tem uma parceria firmada com a Secretaria Municipal de Saúde (SMS-Rio), pautada na necessidade da criação de materiais informativos em outros idiomas além do português e estruturação de um ambiente para

---

[21] https://help.unhcr.org/brazil/onde-encontrar-ajuda/assistencia-social/

conversas sobre saúde da mulher. Na publicação do SMS-Rio intitulada "*O Recomeço*", é destacada a importância de conhecer e considerar saberes de outras culturas, para promover um acolhimento mais adequado, como poderia ocorrer no campo da alimentação, ao considerar os aspectos relacionados à cultura:

> "É fundamental considerar as diferenças, buscando reduzir as desigualdades, por meio do diálogo entre os saberes técnicos e populares. Nesse contexto, e preciso formar uma equipe sensível à temática, que, por meio da escuta e do respeito, seja capaz de cuidar de forma integral do sujeito, considerando sua história de vida, de onde vem, como vem. A competência faz com que se busquem as melhores soluções para a atenção em saúde, considerando os comportamentos, as convicções culturais e as necessidades de cada indivíduo." (SMS-Rio, p.34)

O acolhimento, integração e adaptação de refugiados são essenciais para o restabelecimento na sociedade (WYCKAERTA, LEINFELDERB & DECKERC, 2020). Para isso, é preciso entender quais são as barreiras enfrentadas e de que maneira a migração pode influenciar o modo de vida dos refugiados.

3.4 Comida e cultura

A comida é rodeada de significados intimamente ligados à expressão cultural e social de um povo e difere do papel biológico da alimentação, como bem define Fischler (1995, p.68) quando diz que "A alimentação conduz à biologia, mas, é evidente, não se reduz a ela; o simbólico e o onírico, os signos, os mitos, os fantasmas também alimentam e concorrem a regrar nossa alimentação".

Apesar da cultura de cada povo ter sua origem num passado distante, deve ser compreendida como mutável. Segundo Claval (2007), a cultura é resultado de um processo histórico e dinâmico que varia no tempo e no espaço (apud OLIVEIRA, 2019, p. 46). A cultura alimentar é caracterizada como o resultado de um processo de aprendizagem desde o nascimento até sua consolidação no contexto familiar e

social (CANESQUI & GARCIA, 2005). A relação entre comida e cultura é tão íntima que é possível identificar nacionalidades ou até mesmo as regiões de um país através da alimentação, como a pizza nos remete à Itália, o croissant à França e o guacamole ao México.

Menasche (2012) defende que “marcadores” gustativos afirmam a identidade alimentar e reforçam o pertencimento culinário a um determinado território. Nesse sentido, o comer não contempla apenas a ingestão do alimento, mas, também, as relações sociais, culturais e por isso a cultura alimentar associa a manifestação do indivíduo na sociedade e facilita o entendimento da escolha de certos alimentos em detrimento de outros.

Para Montanari (2008) a comida é cultura quando produzida, preparada e consumida. A produção está ligada ao fato de o homem não consumir apenas alimentos encontrados na natureza, mas também criar sua comida, ou seja, a atividade de produção se sobrepõe à de predação. O preparo justifica-se pelo fato de o homem transformar os alimentos com o uso do fogo e outras tecnologias, como a conserva e os industrializados. Por fim, o consumo representa a cultura, pois além do homem poder comer de tudo, a escolha da sua comida é feita a partir de critérios relacionados à valores simbólicos, econômicos e aspectos nutricionais do ato. A exemplo dos muçulmanos, no qual a religião permite o consumo de frango, carne bovina e caprina apenas se os animais tiverem sido sacrificados segundo os preceitos do Islamismo.

Sendo assim, a comida pode funcionar como uma “lente” na compreensão de diferentes contextos socioculturais. A forma de comer é aprendida e compartilhada por indivíduos do mesmo grupo social. Mintz (2002) defende o papel da comida na solidificação da participação em grupos, assim como a sua divisão. A comida

representa comunidade e hospitalidade, que podem ser reforçadas pela comensalidade, entendida neste estudo como conviver à mesa e compartilhar alimentos. Na Síria, assim como em outros países, o momento da refeição é considerado uma importante atividade social, visto que comer com amigos e familiares é valorizado pelos sírios, assim como ter convidados para comer é um ato cortês (DAVIS et al., 2014).

3.5 Alimentação e identidade cultural

A identidade cultural é caracterizada por Stuart Hall (2006) como aspectos identitários que surgem do pertencimento à cultura, a partir da interação entre o eu e a sociedade e é transformada continuamente de maneira inconsciente. Ao migrar, o refugiado carrega consigo traços culturais das tradições, das linguagens e do contexto que estavam inseridos.

Segundo a obra de Poulain (2017), intitulada *"The Sociology of Food: Eating and Place of Food in Society"*, a circulação de pessoas entre sociedades é acompanhada de práticas alimentares e maneiras à mesa, de uma forma que a alimentação é percebida como essencial na manutenção da identidade (apud ALTOÉ, 2019).

Ao se deslocar para outro ambiente cultural, o indivíduo pode ter a sua identidade cultural ampliada, como resultado da fusão entre diferentes tradições culturais que viabilizam a produção de novas formas de cultura, as "culturas híbridas" que constituem um dos diversos tipos de identidade (HALL, p.91, 2006). Nessas ocasiões, definidas por Hall (2006), como tradução são mantidas fortes conexões com sua terra natal e tradições ao mesmo tempo em que é enfrentado, o desafio de

viver numa nova cultura sem modificar completamente sua identidade, carregada de traços culturais, histórias de vida e a língua (HALL p. 88, 2006). Diante da perspectiva de Hall, percebe-se a identidade cultural de um refugiado como traduzida.

> "Tradução: este conceito descreve aquelas formações de identidade que atravessam e intersectam as fronteiras naturais, compostas por pessoas que foram dispersadas para sempre de sua terra natal. Essas pessoas retêm fortes vínculos com seus lugares de origem e suas tradições, mas sem a ilusão de um retorno ao passado*"* (HALL, p. 88, 2006)

No contexto do estudo, a miscigenação de diferentes culturas deve ser ressaltada, visto que em processos de migração forçada, aqueles que mantêm fortes conexões com a cultura, podem ser resistentes quanto à descontinuidade parcial de algumas práticas pertencentes a identidade étnica do país de origem e incorporação de outras que fazem parte da nova cultura (SATIA-ABOUTA et al., 2002). No entanto, são transformadas de práticas alimentares para elementos da memória. Conforme Maciel (2005, p.50), quando há afirmação e constituição identitária em grupos, a comida pode ser utilizada para a função de "marcador identitário", e tem o poder de formar uma sociedade com diferentes culturas, onde o indivíduo consegue à nova cultura, ao mesmo tempo que mantém elementos pertencentes a sua identidade étnica. Além disso, Contreras e Gracia (2011, p.18) consideram que, a alimentação é "uma espécie de 'janela com vista' através da qual se pode observar, conhecer e procurar compreender a articulação de um emaranhado cultural mais amplo", é uma forma de conhecer a origem e cultura do outro a partir do que é consumido ou atitudes valorizadas ao redor da comida.

Segundo Fischler (1988), a comida é central na construção de códigos identitários dos grupos sociais. Nesse sentido, é pressuposto que mudar para um

ambiente de contexto alimentar diferente pode ser marcado por desafios que vão desde a aquisição de alimentos até o compartilhamento das refeições.

Ao recriar práticas alimentares, os indivíduos que migram buscam comer algo que possa remeter às origens. Dessa forma, a escolha alimentar não expressa apenas a identidade cultural, mas também demonstra o sentimento de pertencimento à um grupo étnico (FISCHLER, 1988; CHAPMAN et al., 2013).

3.6 Práticas alimentares e migração

Pela perspectiva de Pons (2005), a tradição alimentar nos grupos em processo migratório refere-se à origem e à lembrança de alto valor simbólico, e que se ressignifica através da culinária, servindo como ponte entre a situação presente e o destino.

De acordo com Bailey (2017), o contexto migratório possui quatro sentidos. O primeiro é o de *self,* que se refere à comida e pertencimento, ou seja, aspectos relacionados à manutenção da identidade étnica e percepção de si mesmo através da comida. O segundo, *home*, resgata o sentido de lar a partir de práticas alimentares e culinária. O terceiro, é o sentido de comunidade, que se refere a comensalidade[22] e o quarto, a ‘co-presença’, relacionado à conexão entre alimento e o cuidado. Nesse sentido, Holtzman (2006), ressalta a relação íntima entre comida e memória ao defender o papel do consumo de alimentos tradicionais[23] na promoção

---

[22]Comensalidade é a prática de comer junto com outras pessoas e significa unidade e compartilhamento na maioria dos contextos culturais (Tuomainen, 2014)

[23]Comida tradicional é entendida como aquelas preparações passadas de geração em geração e sofre poucas adaptações (OLIVEIRA, et al., 2019).

da reconexão com o passado perdido, definido como o sentimento de “estar em casa”, também relacionado ao comer a mesa com a família e a comida de mãe.

Concordando com essa reflexão, Longhi (2018) em seu estudo com refugiados que vivem em Berlim, constatou que o ato de cozinhar alimentos tradicionais funciona como uma forma de fuga sensorial. Pela perspectiva do autor, consumir esses alimentos pode levar a um sentimento de nostalgia positiva e conforto aos refugiados, enquanto reforça a sensação de pertencimento a uma comunidade que se reconhece pela comida. Deste modo, a comida também funciona como um elemento importante na construção de laço com a comunidade local, e dessa maneira reforça seu papel na integração dos refugiados, assim como uma poderosa ferramenta de comunicação, onde a comida pode transmitir a mensagem de reafirmação da identidade étnica.

Segundo a literatura, o processo de escolha e as práticas alimentares no país anfitrião pode depender de fatores ambientais, culturais, socioeconômicos e demográficos. As práticas alimentares tradicionais são constantemente alteradas ou perdidas após a migração, e substituída segundo a disponibilidade de alimentos no país anfitrião (SATIA-ABOUT et al., 2002). Sendo assim, Canesqui & Garcia (2005) entendem que estudar práticas alimentares de grupos inclui conhecer diferentes aspectos no contexto da alimentação.

> As formas de se alimentar, os produtos consumidos e forma de cozinhá-los estão relacionadas com os recursos locais, com as características do clima e dos solos, ou seja, com o território, com as formas de produção, com a agricultura e com a pecuária; e, também, com as formas de abastecimento e com o comércio. Também estão relacionadas com os sabores, com os conhecimentos, com as práticas culturais, inscritos em um contexto socioeconômico específico (Contreras e Gracia, p. 448, 2015).

Saber o tipo de alimento, forma de preparo, lugar, companhia pode ser útil para explorar preferências alimentares e os valores atribuídos aos alimentos. Pela perspectiva de Holtzman (2006, p.371), a transformação social marcada pelas

mudanças na alimentação “pode servir como uma lente tanto para caracterizar o passado e quanto para ler o presente através do passado”.

No estudo de Osei-Kwasi et al. (2016), foram mapeados 63 fatores que influenciam a alimentação de minorias étnicas, sendo a maioria relacionada ao ambiente social e cultural, crenças e percepções alimentares, e a situação da migração. À medida que as pessoas se afastam dos tradicionais atos simbólicos de compartilhamento de refeições, a alimentação passa a ser tratada apenas como uma necessidade nutricional básica (Organização Mundial de Saúde, 2017). Como foi verbalizado por um dos interlocutores *“Eu como aqui só pra não sentir fome”* (P2), onde a obrigação de comer passa a se resumir apenas ao ato meramente biológico e não o “comer” como um ato cultural e social.

É evidente a importância da alimentação para a sobrevivência de qualquer sujeito. Entretanto, para indivíduos em condições de vulnerabilidade como é o caso dos refugiados, a situação pode ser mais dramática e significados relacionados a alimentação vão além do sentido fisiológico, e, por isso, devem ser considerados. O aumento do número de refugiados oficialmente computados (ACNUR, 2018), exige atenção no acolhimento e suporte adequado, visto que, cozinhar e consumir alimentos preparados como no local de origem, pode permitir que os refugiados reafirmem sua identidade cultural e se a integrem comunidade local, através do compartilhamento de alimentos, histórias e, também, para fortalecer as relações sociais.

Por isso, é evidente a relevância de compreender como os refugiados percebem, adjetivam e identificam as mudanças, assim como conhecer os facilitadores e barreiras para a continuidade ou ruptura de práticas alimentares, a

partir de memórias do ato de comer. Conhecer esse contexto pode ser útil para futuramente compreender fatores influenciam a alimentação no período pós refúgio no Brasil, bem como identificar quais são aqueles mais relevantes e úteis na fundamentação do suporte adequado, por tornar esse momento de transição mais acolhedor.

Nesse sentido, dada a relação entre a forma de se alimentar e os recursos locais, somados à condição do refugiado, pressupõe-se que haverá mudança na alimentação desses indivíduos, resta saber como. Portanto, entender quais eram as práticas alimentares antes da migração é necessário para compreender quais foram as mudanças que ocorreram em relação ao acesso, preparo e a disponibilidade de alimentos, assim como as barreiras que impediram em a continuidade de práticas.

4 CAMINHO METODOLÓGICO

4.1 Desenho do estudo

O presente estudo, do tipo descritivo, foi desenvolvido por meio da abordagem qualitativa. Esse tipo de pesquisa geralmente nos permite ter flexibilidade durante o desenvolvimento da pesquisa, para mudar diante das circunstâncias enfrentadas no campo, além de poder de combinar diferentes técnicas de coleta de dados e a possibilidade de descrever fatores importantes relacionados à cultura e experiências vividas (PIRES, 2008). De acordo com Denzin & Lincoln (2007, p. 17)

> "A pesquisa qualitativa consiste em um conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade ao mundo. Essas práticas transformam o mundo em uma série de representações, incluindo as notas de campo, as entrevistas, as conversas, as fotografias, as gravações e os lembretes. Seus pesquisadores estudam as coisas em seus cenários naturais, tentando entender, ou interpretar, os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles conferem" (Denzin & Lincoln, 2007, p. 17)

No início do estudo, foi realizada uma revisão da literatura acerca de grandes temas relacionados ao universo de pesquisa. A busca foi feita nas bases de dados, PubMed, SciELO *e* Google Acadêmico, a partir do uso das seguintes palavras-chave em inglês e português, sem restrição de período de publicação: "práticas alimentares" ou "eating practice, "refugiado" ou "refugee", "migração" ou "migration", "identidade" ou "identity", "cultura" ou "culture" "comida" ou "food". Além disso, quando pertinente, houve busca de referências a partir da lista de referências dos artigos encontrados. A busca na literatura para entender os dados empíricos se tornou presente durante o desenvolvimento do estudo.

Nesse cenário, dentre as diferentes técnicas utilizadas na pesquisa qualitativa, este estudo se propôs a utilizar a observação simples e a entrevista semiestruturada.

4.2 Cenário e sujeitos da pesquisa

A seleção de participantes foi realizada a partir de uma ampla busca em espaços de diferentes perfis e cenários, sendo eles virtuais ou não, onde houvesse a possibilidade de encontrar participantes conforme os critérios de inclusão previamente definidos. Para tornar isso possível, foram identificados locais de comercialização de comida árabe por refugiados, como a *Feira Chega Junto* e barracas de lanche árabe. A busca no meio virtual foi feita através do *Facebook*[24].

A forma de seleção de indivíduos para participar da pesquisa é definida por Gil (2008) como amostragem por conveniência ou acessibilidade, na qual consiste na seleção de indivíduos que o pesquisador tem acesso, acreditando que esses possam representar significativamente os participantes da pesquisa. Por isso, para responder às perguntas norteadoras do estudo buscou-se locais onde fosse possível uma aproximação inicial com o contexto e os participantes elegíveis para o estudo.

Feira Chega Junto

A aproximação com o campo se deu por meio da participação da pesquisadora como voluntária na *Feira Chega Junto* (FIGURA 1). A feira foi encontrada através de busca no *Google* e o contato com a coordenadora da feira,

---

[24] Facebook é uma mídia social e rede social virtual lançada em 4 de fevereiro de 2004. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Facebook. Acesso: 21 jan. 2019

Luciara Franco[25] através da página institucional no *Facebook.* A Feira Chega Junto, iniciada pela coordenadora mencionada, em 2015, durante a feira da Junta Local[26], e com apoio da Cáritas (RJ). Entretanto, apenas a partir de 2016, com o apoio da *Christ Church*, localizada na Rua Real Grandeza 99, no bairro de Botafogo, Rio de Janeiro, a *Feira Chega Junto* passou a ser realizada nesse local, todo último sábado do mês, em conjunto com a Junta Local.

FIGURA 1. PAINEL DE DIVULGAÇÃO FIXADO EM DIAS DE FEIRA

Fonte: Autora, 2019.

Esporadicamente, a Junta Local reservava espaço para a Chega Junto em outras localidades, como o Museu da República, Gastromotiva, Parque Lage, locais esses

---

[25] Coordenadora social, comunicóloga por formação, anteriormente trabalhou no projeto "*Food Revolution*" da Fundação Jamie Oliver, onde organizou uma feira reunindo produtores locais e campesinos na região do Chiapas, no México. Disponível em: https://revista.juntalocal.com/ajuntados-da-junta-luciara-franco/. Acesso em: 6 jan. 2021

[26] A Junta Local é uma comunidade que reúne pequenos produtores do campo e da cozinha. Disponível em: https://www.facebook.com/ajuntalocal/. Acesso em: 06 jan. 2021

que também foram visitados pela pesquisadora. A divulgação da feira (FIGURA 2) ocorria por meio de redes sociais, notas de imprensa e por propagação “boca a boca”.

Apesar da feira e reuniões ocorrerem nas dependências de uma igreja, não há qualquer apelo ou imposição de prática religiosa. O objetivo da Chega Junto é promover a integração sociocultural dos refugiados por meio da gastronomia do seu país de origem. A maioria dos participantes não trabalhava com comida antes de migrar e encontraram na culinária uma oportunidade para se restabelecer no país. A feira é composta por refugiados da Síria, Venezuela, Nigéria, Congo, Togo, Camarões, Haiti, Colômbia e Gana.

FIGURA 2. ARTE DIVULGADA EM REDES SOCIAIS

Fonte: Instagram @feirachegajunto

FIGURA 3. BANDEIRAS FIXADAS NA ÁREA EXTERNA EM DIA DE FEIRA

Fonte: Autora, 2019.

O trabalho como voluntária ocorreu no período entre setembro de 2018 a marco de 2020, quando foi pausado por força da quarentena imposta pela pandemia de Covid-19. Ao longo do período de participação, foi possível à autora construir uma relação de confiança com os participantes, com vistas à captação de participantes para a pesquisa. Apesar de todos os participantes se comunicarem muito bem em português, em alguns momentos foi difícil entender certas palavras durante a entrevista. Além disso, o idioma inglês foi utilizado em momentos nos quais os participantes não sabiam determinado vocabulário em português. Por fim, quando a pesquisa foi iniciada, em julho de 2019, após a aprovação do comitê de ética, o trabalho voluntário já havia iniciado como forma de aproximação do campo a ser explorado.

Foram realizadas conversas individuais e presenciais para explicação sobre a proposta do estudo. Após esse contato, e diante do interesse em participar da pesquisa, foi enviado, via WhatsApp, o convite formal para a participação na

pesquisa. Esse campo – a Feira Chega Junto - resultou na seleção de três participantes para a pesquisa.

Barraca de lanches

A comercialização de comida árabe é uma prática realizada por refugiados (GONZALES, 2015; BARTONELLI, 2017). Diante disso, optou-se por convidar possíveis participantes durante o horário de trabalho na barraca de lanches árabes. Um participante foi selecionado a partir dessa estratégia, enquanto trabalhava na sua barraca, localizada na zona sul do Rio de Janeiro.

Facebook

Como estratégia de busca de participantes no campo virtual, mais precisamente no *Facebook*, foi realizada uma busca prévia no *Google* com as seguintes palavras-chave: “Refugiado”, “Rio de Janeiro”, “conflito”, “guerra”, “Síria” e “sírio”. A partir dessa busca, surgiram reportagens que mencionaram os nomes dos possíveis participantes da pesquisa, que posteriormente foram localizados através da ferramenta de busca do *Facebook*. Ao encontrar cada participante foi enviada uma mensagem, contendo uma breve apresentação referente a formação acadêmica da pesquisadora, os objetivos da pesquisa. Em caso de resposta positiva após este primeiro contato, foi enviado o convite para a participação da entrevista. Assim, foram contatados sete refugiados sendo que apenas três responderam ao convite e foram selecionados como participantes.

Após o contato pelo *Facebook* e resposta positiva sobre a participação, o diálogo seguiu pelo *WhatsApp*. A carta convite (APÊNDICE A), o documento contemplando as informações previstas para o consentimento livre e esclarecido sobre a pesquisa (APÊNDICE B) e a Ficha de dados Sociodemográficos (APÊNDICE C) foram apresentados nos idiomas português e árabe.

Para todos os participantes o convite formal foi feito através da carta convite (APÊNDICE A), enviada pelo WhatsApp e entregue no dia da entrevista. Nesse documento foram estabelecidos os objetivos, riscos e benefícios da pesquisa e uma explicação sobre a necessidade do preenchimento da ficha de dados sociodemográficos. Além disso, foi ressaltado que a participação seria voluntária e não previa nenhum tipo de pagamento ou gratificação financeira.

Após as primeiras entrevistas esperava-se ter acesso a outros participantes, por meio da técnica metodológica *snowball sampling*, também conhecida por cadeia de informantes ou método bola de neve (BIERNACKI e WALDORF, 1981). Nesta técnica, utilizada em pesquisas sociológicas, os participantes do estudo recrutam futuros participantes. Porém, os indivíduos indicados pelos participantes da pesquisa, não demonstraram interesse em serem entrevistados, se tornando uma limitação para o estudo. Apesar do número reduzido de participantes, foi possível alcançar a saturação, ou seja, um número suficiente de interlocutores que proporcionasse reincidência e complementaridade das informações (MINAYO, 2017).

Os seguintes critérios de elegibilidade e exclusão descritos abaixo foram empregados para selecionar a amostra do estudo:

Critério de inclusão – foram incluídos, refugiados ou solicitantes de refúgio com mais de 18 anos, que migraram para o Brasil em virtude do conflito na Síria, que vivem no Rio de Janeiro e que pudessem se comunicar em português ou inglês.

4.3 Construção dos dados

Instrumento utilizado: *Ficha de dados sociodemográficos*

Antes da entrevista, todos os participantes responderam a ficha (APÊNDICE C), contendo perguntas sobre a cidade de origem, idade, gênero, escolaridade e profissão. Esse instrumento foi utilizado para caracterizar o perfil dos participantes incluídos na pesquisa. Nos encontros de caráter presencial a ficha foi preenchida antes da entrevista. Para a entrevista por meio do telefone, o formulário foi adaptado e enviado via *Google Forms*. Para todos os participantes, foi reforçada a não obrigatoriedade do preenchimento e, também, que qualquer informação que não se sentisse confortável em conceder, poderia ser deixada em branco.

Técnicas Utilizadas

Observação simples

Neste estudo foi realizada a observação simples, na qual, de acordo com Gil (2008, p.101), o pesquisador observa o grupo e/ou fatos de maneira espontânea. Escolheu-se a observação simples, enquanto uma técnica complementar à entrevista semiestruturada, por permitir uma visão ampla e detalhada do objeto de estudo que permite enxergar aquilo que muitas vezes não é citado durante um discurso, uma entrevista, ou através da fala dos participantes.

Para registro e anotação de todos os aspectos importantes observados foi utilizado o caderno de campo. Bogdan e Biklen (2013) explicitam que as notas de campo são, na verdade, a descrição do que o investigador ouve, vê, experiencia e pensa no decurso da recolha, refletindo sobre os dados de um estudo qualitativo. Quer a observação seja estruturada ou não, quer seja participante ou não, o seu

papel consiste em observar e registrar da forma mais objetiva possível e em interpretar depois os dados recolhidos (BELL, 2004, p.164).

A observação também permitiu à pesquisadora a apreensão da comunicação não verbal (expressa por meio de gestos, códigos sonoros, sinais, expressões faciais ou corporais), constituindo-se em ferramenta essencial para a ampliação do entendimento das falas transcritas, pela recriação da experiência vivenciada durante a entrevista, visando contribuir para o entendimento do objeto de estudo.

Questiona-se se a presença do observador pode provocar alterações no comportamento dos participantes. Porém, autores como Lüdke e André (1986) esclarecem que, em função da relativa estabilidade dos ambientes sociais, a presença de um observador dificilmente será capaz de provocar alterações ao ponto de promover a distorção do fenômeno observado.

Entrevistas semiestruturadas

Para construção dos dados foi utilizada a entrevista semiestruturada, cuja técnica concede voz ao participante para expressar suas interpretações, perspectivas, opiniões e sentimentos. A entrevista foi feita, a partir do uso de um roteiro composto por perguntas principais, complementadas por outras questões que surgiram no momento da entrevista e que puderam contribuir para alcançar os objetivos da pesquisa (MANZINI, 2004). Cada indivíduo é único com uma história repleta de particularidades. Dessa forma, cada entrevista trouxe um ponto a ser mais explorado. Essa habilidade foi se desenvolvendo ao longo das entrevistas.

Ao transcrever cada entrevista, foi percebido que certos pontos poderiam ter sido mais aprofundados, e as entrevistas seguintes foram melhor exploradas. Além

disso, foi necessário entrar em contato com os participantes durante a transcrição das entrevistas, quando houve dificuldade no entendimento de algumas palavras.

As entrevistas foram realizadas individualmente em caráter presencial e não-presencial, em dias, horários e locais previamente definidos. Segundo Oliveira (2009), ambas as formas de entrevistas possibilitam o entendimento da circunstância estudada. Os participantes puderam optar entre a entrevista presencial e não presencial logo após o convite para participar da pesquisa. Dentre as opções não presenciais, o participante pôde escolher entre a ligação telefônica convencional ou online pelos recursos de chamada do *WhatsApp, Facebook ou Skype*, sem a obrigatoriedade do uso de vídeo.

Entrevista em formato presencial

Ao optar pela entrevista presencial, o local, dia e horário eram definidos entre a pesquisadora e o participante, através de troca de mensagens pelo *WhatsApp*, assim como a confirmação no dia anterior à entrevista. O documento com as informações sobre a pesquisa foi explicado para o participante, que recebeu duas vias, uma em português e outra em árabe (APÊNDICE B).

As informações foram coletadas em ambientes naturais aos participantes, em dia e horário acordados entre a pesquisadora e o(a) entrevistado(a). Os locais escolhidos para as entrevistas foram próximos aos seus ambientes de trabalho ou local de residência, e consistiram, principalmente, de locais em áreas públicas (praça, parque ou shopping) ou ambientes familiares, para que dessa forma pudessem ficar à vontade durante a entrevista.

Entrevista em formato não presencial

Apenas um participante optou pela entrevista não presencial, que foi conduzida pelo telefone por ligação convencional. Nessa ocasião a pesquisadora

ligou para o número do participante e selecionou a opção “viva voz” para captar o áudio com o mesmo gravador utilizado nas demais entrevistas. A opção pela entrevista não-presencial se justificou pelo respeito à privacidade e preservação do direito de escolha dos participantes, caso considerassem essa forma mais conveniente quando comparada ao face-a-face.

Ao entrar em contato pela primeira vez com o candidato, a pesquisa foi explicada brevemente e, havendo interesse em participar, foi enviada a Carta Convite para Participação na Pesquisa (APÊNDICE A). Nesse documento, foram apresentados, o objetivo geral e como seria a participação no estudo. Antes de cada entrevista, foi explicado e entregue o documento contendo as informações sobre a pesquisa (APÊNDICE B), condução da entrevista e como os dados seriam utilizados posteriormente. As entrevistas tiveram duração aproximada de 60 minutos e o conteúdo foi gravado conforme autorização verbal do participante, solicitada antes do início de cada entrevista.

O roteiro de entrevista semiestruturado (APÊNDICE D) foi guiado a partir de questionamentos que se referem às práticas alimentares, como ao acesso, preparo de alimentos, comensalidade e diferenças entre a alimentação na Síria e no Rio de Janeiro, no intuito de refletir acerca de permanências e rupturas de práticas alimentares.

Todos os participantes tinham um bom domínio de português, e apenas em algumas ocasiões houve dificuldade para compreensão do que queriam dizer, ao tentarem explicar uma preparação árabe ou lembrar de uma palavra. Assim, para facilitar o entendimento, antes das entrevistas foi elaborado um material ilustrado (APÊNDICE E) dos principais pratos típicos árabes assim como ingredientes. Para

evitar a indução, optou-se pelo uso desse material apenas pontualmente, quando houvesse alguma dúvida sobre a identificação de alimentos. Alguns participantes utilizaram o inglês para descrever expressões, alimentos, fatos e situações que não sabiam como expressá-las em português.

O idioma árabe, língua oficial da Síria, declarada como a língua materna por todos os participantes, foi utilizado para nomear alguns alimentos e preparos nativos (GLOSSÁRIO).

Por iniciativa de alguns participantes, visando facilitar a compreensão de certas palavras, o *Google* imagens também foi utilizado durante as entrevistas.

Inicialmente, a entrevista foi norteada pelas perguntas do roteiro. Entretanto, durante o curso surgiram questionamentos não previstos, mas que se adequaram à proposta da pesquisa.

4.4 Análise do conteúdo das transcrições

Após coletadas as informações, as entrevistas foram transcritas de forma fidedigna e posteriormente analisadas. A análise dos dados foi realizada utilizando-se como procedimento técnico uma adaptação da Análise de Conteúdo na modalidade temática[27] proposta por Laurence Bardin (2008).

> Análise de conteúdo significa um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (Bardin, 2008, p. 44).

[27] Análise temática: descobrir os núcleos de sentido que compõem a comunicação e cuja presença, ou frequência de aparição podem significar alguma coisa para objetivo analítico escolhido (BARDIN, 2008, p.131)

A partir desse procedimento foram feitas deduções lógicas, relacionadas à origem das mensagens (verbais ou não-verbais), ou seja, buscou-se deduzir o conteúdo dito e não dito, através do que estava por trás das palavras, o que não foi falado diretamente, mas que pode ser interpretado a partir da classificação do documento em temas e categorias e também ao analisar o contexto, gestos, entonação da voz e outros fatos observados durante a entrevista e que tem a capacidade de enriquecer o material de análise. As reações não-verbais complementaram a mensagem que estava por vir no discurso (euforia, tristeza, frustração, emoção entre outras reações).

A condução da análise dos dados consistiu em três fases fundamentais: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados, a inferência, e a análise propriamente dita.

Pré-análise

A pré-análise é considerada a fase de organização da análise de conteúdo. Essa etapa foi iniciada com a leitura *flutuante* (contato exaustivo com o material) das transcrições das entrevistas e observações registradas em diário de campo. Durante a leitura do material, foram feitos registros de pequenas notas ao lado de fatos relacionados aos objetivos do estudo, assim como aqueles que surgiram, mas que também tinham relação com o problema levantado na pesquisa, para que fosse formado o *corpus* de análise, que no caso da presente pesquisa foi formado a partir do conjunto de transcrições das entrevistas e notas de campo.

Após a leitura do *corpus* de análise, foram feitas categorizações referentes às práticas alimentares dos participantes. Nessa etapa, foi elaborada uma tabela onde

foi feito um recorte do texto em unidades comparáveis de categorização para a análise temática.

A exploração do material

A fase da análise propriamente dita consiste em operações de codificação por tema e definição do núcleo de sentido. Nessa fase, o *corpus* de análise foi recortado em unidades de registro, que tiveram sua escolha fundamentada de acordo com a pertinência referente aos objetivos da análise (BARDIN, 2008, p.130). A aglutinação dos núcleos de sentido deu origem à descrição textual.

Tratamento dos resultados obtidos

A partir da identificação de questões relevantes, presentes no conteúdo das entrevistas e no diário de campo, foi feita a inferência e descrição dos resultados.

4.5 Considerações Éticas

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa sob número CAEE: 14219019.0.0000.5257. A realização da presente pesquisa obedeceu aos preceitos éticos da Resolução nº 510/16 do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 2016). No que diz respeito à exigência do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, assinado, optou-se por não adotar tal conduta, como forma de deixar o participante seguro quanto à confidencialidade dos dados coletados.

Faz-se necessário registrar que, no Brasil, o aumento do número de refugiados de diferentes etnias, religião, classe e gênero resultou em atos de preconceito e xenofobia (FARAH, 2017; SILVA & FERNANDES, 2017), incluindo agressões verbais e físicas. Além disso, alguma pendência legal no *status* do refugiado poderia ser uma barreira ao consentimento, pois tal registro poderia ser percebido como uma ameaça à sua permanência no país, mesmo que a confidencialidade fosse garantida pela pesquisadora.

No estudo de Krause (2017), refugiados relataram a possibilidade de riscos físicos caso tenham a sua identidade divulgada. Segundo Clark-Kazak (2017), as pessoas deslocadas que tiveram experiências negativas com autoridades e/ou de diferentes culturas podem suspeitar do Consentimento Livre e Esclarecido.

Dessa forma, a solicitação do consentimento pode resultar em desconfiança e desconforto. Por isso, o presente estudo solicitou a dispensa do Registro do Consentimento, apoiado no §1 do Art.16 da Resolução nº 510/2016, do Conselho Nacional de Saúde:

> Os casos em que seja inviável o Registro de Consentimento ou do Assentimento Livre e Esclarecido ou em que este registro signifique riscos substanciais à privacidade e confidencialidade dos dados do participante ou aos vínculos de confiança entre pesquisador e pesquisado, a dispensa deve ser justificada pelo pesquisador responsável ao sistema CEP/CONEP.

Nesse sentido, a dispensa do Registro de Consentimento Livre e Esclarecido foi solicitada e aprovada pelo comitê de ética, para que os indivíduos ficassem à vontade para participar do processo de pesquisa, sem se sentirem expostos à riscos. A dispensa de registro não isentou a pesquisadora de informar aos participantes, sobre o objetivo da pesquisa, procedimentos, direitos, riscos, benefícios, confidencialidade e como os dados serão utilizados. Conforme previsto no § 1º do Art. 15 da referida resolução:

> Quando não houver registro de consentimento e do assentimento, o pesquisador deverá entregar documento ao participante que contemple as informações previstas para o consentimento livre e esclarecido sobre a pesquisa.

Dessa forma, foi disponibilizada uma versão do documento a cada participante. Após aprovação do comitê de ética em pesquisa, a tradução em árabe foi incluída na pesquisa.

O caráter de um acordo verbal permite conversas aprofundadas e protege a identidade dos participantes, pois os nomes, não os nomes reais não serão fornecidos.

Riscos e benefícios

Durante a entrevista, o roteiro serviu como um guia para evitar que perguntas irrelevantes ao objetivo do estudo fossem realizadas. Ainda assim, como a participação na pesquisa é pautada em histórias pessoais, algumas respostas trouxeram pontos delicados que talvez tenham contribuído para algum desconforto com lembranças e sentimentos emergidos a partir das perguntas relacionadas à comida. Entretanto, nenhum participante decidiu interromper a pesquisa mesmo estando ciente do direito de interromper a participação na entrevista a qualquer momento, bem como solicitar a exclusão dos dados já disponibilizados sem penalização ou prejuízo.

Quanto aos benefícios, apesar da pesquisa não ter previsto gratificação financeira, a produção de conhecimento acerca do tema é necessária para compreensão do contexto que envolve a comida e refúgio. Sendo assim, foi reforçado que os resultados obtidos a partir dos relatos, poderão auxiliar no entendimento e na formulação de abordagens que levem em consideração crenças, gostos e costumes desse público, durante o acolhimento e suporte no desenvolvimento de políticas públicas culturalmente sensíveis. Além disso, a proposta do estudo poderá ser replicada em grupos de refugiados de diferentes origens e culturas. Após a defesa da Dissertação, os resultados da presente pesquisa serão apresentados aos participantes que tiverem interesse, em data a ser agendada.

Confidencialidade

Após a coleta dos dados, as gravações foram completamente mantidas sob anonimato, para que nenhuma informação fosse diretamente vinculada à um indivíduo em particular. Os pesquisadores envolvidos no processo assinaram um acordo de confidencialidade.

Armazenamento dos dados coletados

Os dados coletados nesta pesquisa permanecerão armazenados em arquivos, sob responsabilidade da autora pelo período de mínimo 5 anos.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesse capítulo estão descritos os resultados e a discussão acerca das informações obtidas na Ficha de Dados Sociodemográficos (Apêndice C) e do cenário da pesquisa relatado pelos participantes e das categorias de análise construídas a partir do conteúdo das entrevistas (Apêndice D) realizadas com os refugiados sírios na cidade do Rio de Janeiro.

5.1 Características sociodemográficas dos refugiados sírios

Participaram da pesquisa 7 refugiados sírios, sendo seis homens e uma mulher, com idades variando entre 22 e 34 anos (APÊNDICE E). Esse perfil representado majoritariamente por jovens do sexo masculino, também foi observado em outros estudos conduzidos no Brasil com o mesmo perfil de participantes (GOMES & SOUZA, 2019; SCAGLIUSI et al., 2018). No estudo de Gomes & Souza (2019), referente ao perfil socioeconômico de refugiados no Rio de Janeiro, 10 dos 12 dos participantes da Síria eram do sexo masculino. A maior representatividade masculina de refugiados sírios no Brasil pode ser em parte atribuída à obrigatoriedade do serviço militar na Síria, fato mencionado por participantes desse estudo e, também, observado por outros autores (LIMA, 2019; QUEIROZ, 2020).

Houve uma dificuldade em encontrar participantes do sexo feminino. Dentre as três mulheres que receberam o convite, apenas uma aceitou participar da pesquisa, sendo que as demais que alegaram falta de tempo para sua participação.

Sobre a religião dos entrevistados, quatro declararam não ter religião ou crença, dois eram muçulmanos e um cristão ortodoxo (APÊNDICE E). Apesar da

maioria dos participantes dessa pesquisa não declararem uma identidade religiosa, durante a entrevista constatou-se que cresceram num lar muçulmano, o que pode implicar na construção de crenças. As cidades de origem dos participantes foram destacadas na FIGURA 4[28]. São elas Damasco, capital da Síria, Alepo, Latakia, Tartus e Dayr al-Zawr, todas localizadas em áreas urbanas e com população atualmente estimada acima de 1,5 milhões de pessoas, exceto Latakia, Dayr al-Zawr e Tartus, que têm menos de 0,5 milhão de habitantes[29]. A cidade de Tartus foi considerada como cidade pequena pelos entrevistados, e hoje tem uma população estimada inferior a 100 mil pessoas, situa-se ao sul de Latakia e ao noroeste de Damasco, que está ao sudoeste do país. A cidade de Alepo fica ao norte da Síria e Dayr al-Zawr situa-se as margens do rio Eufrates na parte oriental do país.

A chegada dos participantes do estudo ao Brasil ocorreu entre os anos de 2012 e 2016. Sendo que três dos refugiados entrevistados, chegaram ao Rio de Janeiro (RJ) após viverem em outros estados brasileiros, um em Florianópolis e dois em São Paulo, onde ficaram por volta de 1 mês antes de se mudarem para a cidade do RJ em busca de melhores oportunidades de trabalho.

Quanto à situação conjugal, três eram casados, três solteiros e um divorciado. Com relação a escolaridade e as condições de trabalho (APÊNDICE E), três dos entrevistados relataram possuir ensino superior completo nas áreas de Administração, Engenharia de Telecomunicações e Economia, nas quais já tinham

---

[28] Disponível em: <https://www.britannica.com/place/syria>. Acesso em: 15 nov. 2020
[29] Disponível em: <https://www.worldometers.info/world-population/syria-population/>. Acesso em: 23 jan. 2021

a profissão consolidada no país de origem, e quatro dos participantes informaram ter o ensino médio completo.

FIGURA 4. MAPA DA SÍRIA MARCADO COM OS LOCAIS DE ORIGEM DOS PARTICIPANTES

Fonte: Encyclopædia Britannica

Ao chegar no Rio de Janeiro, dois participantes com ensino médio ingressaram no ensino superior. Um deles já havia sido aprovado para ingressar na Faculdade de Química na Síria, e hoje cursa Relações Internacionais, e o outro não especificou o curso superior na ficha. Dois dos entrevistados com ensino superior completo antes do refúgio buscaram outra formação no Rio de Janeiro, um deles concluiu a especialização em Gestão de Serviços de Alimentação (Master in Business Administration – MBA) e outro está fazendo Graduação em Pedagogia.

Em geral, os refugiados que chegam ao Brasil, incluindo sírios, têm um bom nível de escolaridade, sendo que cerca de 34% desses indivíduos possuem o ensino superior completo (ACNUR, 2019). Especificamente em relação aos refugiados

sírios, segundo os dados do Observatório de Migrações em São Paulo, 56% deles têm ensino superior. Comparativamente aos brasileiros, 21% da população acima de 25 anos alcançou o mesmo nível (OCDE, 2020).

Com relação às informações econômicas dos refugiados, atualmente, a renda de cinco dos entrevistados é oriunda de comercialização (preparo e/ou venda) de comida árabe, seja através de venda em barracas na rua, em feiras ou preparo sob encomenda. A comercialização de comida se tornou uma opção de trabalho diante da dificuldade de conseguir emprego na área de formação e/ou na que de fato trabalhavam quando viviam na Síria. De forma similar, o mesmo foi observado no estudo conduzido por Scagliusi et.al, (2018), que pontuou que os refugiados sírios que vivem em São Paulo, embora estivessem trabalhando com a comercialização de comida síria, como proprietários de restaurantes, encomenda de alimentos ou participação em feiras e eventos, tinham relatado diferentes profissões na terra natal, onde eram médicos, engenheiros, professores e administradores. Segundo relatório do ACNUR (2019), cerca de 20% dos refugiados no Brasil estão desempregados e 31% trabalham por conta própria.

Dois dos entrevistados são estudantes universitários e trabalham com o ensino de idiomas (inglês e árabe). No relatório do ACNUR (2019), o ensino de língua estrangeira por refugiados no Rio de Janeiro foi apontado como um importante trabalho para a vida econômica e social. Abraço Cultural (RJ e SP), Escambo de Cultura (RJ) e o Bibliaspa (SP) são alguns dos cursos integrados por refugiados no Brasil.

Com relação ao idioma português, critério adotado como elegibilidade para a seleção dos participantes, de modo geral, os refugiados informaram possuírem um bom nível de português na Ficha de Dados Sociodemográficos, e de fato houve uma

boa comunicação ao longo das entrevistas. A maioria dos participantes da pesquisa (6) consideraram que atualmente possuem bom nível de português, enquanto um considerou ótimo. Essa fluência do idioma também foi apontada no estudo de Lodetti (2018), sobre os impactos psicológicos da imigração em refugiados sírios de Florianópolis, que apontou que 10 dos 13 participantes consideraram a compreensão oral como ótima. Ressalta-se que todos os participantes do estudo mencionaram nas entrevistas ou por conversa informal terem chegado ao país sem saber falar português e que aprenderam ao longo desses anos, seja realizando cursos ou com o convívio social com amigos, familiares no Rio de Janeiro, namoradas, marido/esposa ou clientes.

5.2 Um novo cenário de vida – o que vai, fica ou se transforma

A partir das entrevistas foi possível compreender parte do contexto em que essas pessoas viviam até a necessidade de buscar refúgio. A mudança para outro país na condição de refugiado representava uma nova chance de recomeçar longe dos perigos da terra natal, porém, num estilo de vida diferente daquele que se vivia na Síria antes da Guerra. A vida anterior à guerra é lembrada pelo conforto, reuniões familiares e fartura de alimentos. Ao navegar em seus novos papéis, os refugiados precisam se adaptar às condições de seus novos modos de vida.

Rapazes prestes a ingressar na universidade se mudaram às pressas para escapar do alistamento militar, profissionais altamente qualificados abriram mão de suas carreiras em troca de segurança e famílias buscaram o mesmo destino como refúgio com a intenção de permanecerem unidas, proteger os filhos e proporcioná-

los um futuro longe dos perigos e consequências da guerra, onde fica difícil imaginar algo diante de uma guerra sem previsão para o fim.

Considerando a idade atual dos participantes e o ano em que a guerra foi iniciada, 2011, acredita-se que a percepção dos indivíduos seja diferente, frente a divergência dos contextos que foram interrompidos nessa década de conflito sírio. O participante que hoje tem 22 anos, tinha 13 no início da guerra. Em contrapartida, outros participantes, que hoje estão com 34 anos, já estavam formados e trabalhando na área. Porém, ao chegar no Brasil sem falar português, enfrentaram a dificuldade de conseguir um emprego na área de expertise e por isso, muitos decidiram trabalhar no ramo da alimentação.

> "*Fiquei uns 5 meses procurando emprego como engenheiro, não consegui e surgiu por acaso. Na verdade, fiquei em São Paulo procurando, todo mundo falou lá você consegue mais rápido, mas não falava português, [...] Depois com um amigo do amigo, eu fiz um jantar em casa, foi meu aniversário, dia 16 de agosto, então o meu amigo convidou muita gente que não conhecia. Então, um deles que gostava muito da comida. -Olha, eu tenho um café aqui em Botafogo, na Voluntários da Pátria. Se você quiser, pode durante fim de semana alugar o lugar e vender sua comida. Comecei aqui, preparando simples. Deu certo, a galera estava voltando, isso me deu uma motivação (...)"* (P4)

Ao chegar no Brasil, alguns deles passaram a morar em locais temporários, como abrigos coletivos em igreja ou em casas de conhecidos, até conseguirem condições de pagar por um lugar próprio para morar, enquanto outros trouxeram uma quantia de dinheiro suficiente para custear o aluguel de um apartamento ou a hospedagem. Desde a chegada começaram os desafios de ser um refugiado, como regulamentar a solicitação de situação de refúgio, emissão de documentos, aprendizagem do idioma e desemprego.

5.3 As práticas alimentares: da Síria ao Brasil

5.3.1 Costumes Alimentares na Síria - o antes e o depois da guerra

No geral, ao descrever a alimentação na Síria, os interlocutores se referiram ao período anterior aos percalços da guerra, utilizando como referencial atividades rotineiras como ir à escola, trabalhar, sair com os amigos, entre outras atividades cotidianas.

Para entender o que mudou nas práticas alimentares dos refugiados sírios foi preciso explorar como era o contexto alimentar na Síria. Essa busca foi feita a partir da abordagem de tópicos relacionados a formas de estrutura das refeições, acesso, preparo, aquisição de alimentos e ingredientes, preferências e comensalidade. Em meio as respostas, frequentemente surgiram histórias que remetiam a significações atribuídas à alimentação.

Estrutura de refeições

As refeições dos participantes consistiam em café-da-manhã, almoço e jantar. O café-da-manhã era composto por “coisas pequenas” e consideradas “leves” como pão árabe (presente na mesa em todas as refeições), queijo branco, coalhada seca, azeite, *za'atar*[30], azeitona preta, azeitona verde, *makdous*[31], chá preto, e quando possível acompanhado da família. Na Síria, as sextas-feiras fazem parte do final de semana e, portanto, não tem trabalho, nem escola. Nesses dias, o café da manhã

---

[30]Za'atar: tempero feito com orégano, sumac, cominho, gergelim, sal e pimenta
[31]Makdous: conserva de pequenas berinjelas recheadas com nozes, pimentão, alho e sal

ocorria de maneira diferenciada, a mudança de rotina foi enfatizada ao valorizar a reunião em família ao redor da comida e também foi verbalizada pelos participantes.

> *"Ah, o foul, a fava...Comia uma vez toda sexta-feira. Como é final de semana, todo mundo tá em casa [...] É cultural comer foul sexta de manhã, em grande quantidade no café-da-manhã" (P1)*

Durante a semana, o almoço ocorria, geralmente, por volta das 14h e coincidia com o horário de final de expediente e saída da escola. No almoço, todo dia tinha "culinária diferente", trigo grosso como opção ao arroz, muitas preparações com grão de bico, ensopados e pão árabe. A variedade de preparações à mesa foi um aspecto exaltado nas falas de todos os refugiados, assim como o "encher a mesa" costumava ser uma prática comum no dia-a-dia. Outros autores, também identificaram a valorização da mesa farta em variedade e quantidade de comida nas refeições dos refugiados sírios (PORRECA, 2019; LIMA, 2019). O almoço foi considerado a refeição principal do dia e geralmente realizado em família.

> *"Almoço é bem diferente daqui, porque lá todo dia tem culinária diferente. Não parece aqui, aqui todo dia tem arroz e feijão e no final de semana tem lasanha, macarrão, coisa. Lá não, lá todo dia faz uma comida diferente. E tem, parece 300 [risos], comidas lá. Todo dia tem arroz ou trigo. Trigo grosso." (P3)*

> *"A gente almoça normalmente é diferente [...] lá você enche a mesa. Cada vez tem que ter três tipos de comida, não é só um." (P5-por telefone)*

O jantar é reconhecido como uma refeição "leve" e é composto pelos mesmos itens presentes no café-da-manhã. Ao explicar que o jantar na Síria é "leve", uma das participantes faz uma comparação com o jantar no Brasil, composto por "comida muito forte", como a batata frita, por exemplo.

> *"Jantar parece café de manhã, a mesma mesa, às vezes não. Às vezes à noite come "shawarma", coisas. A maioria dos dias come parece de mesa de café da manhã, esse queijo, ovo omelete, ovo frito, ovo cozido, essas coisas." (P3)*

> *"Janta não é o mesmo daqui que janta comida muito forte, batata frita, essas coisas. Lá a janta fica mais leve, por exemplo, café da manhã" (P7)*

As refeições eram à mesa, composta por uma variedade de preparações, onde o utensílio mais utilizado era a colher, juntamente com o pão árabe que também tem a função de apoiar os alimentos que vão até a boca. Além disso, a importância do pão árabe na mesa foi enfatizada por todos os participantes, como item sempre presente na mesa, que não falta.

> *"Uma mesa grande cheia de comida, muita comida. A gente coloca a comida toda, aí cada pega um prato e coloca o que quiser, mas a mesa fica sempre cheia de comida. Sempre sobra"* (P6)

> *"A gente come quase tudo pelo pão[...]. Tem que usar sempre colher e garfo né. Mas é normal porque eu comia arroz, macarrão antes, comia sopa, então eu sei usar as coisas [...]. Nunca pensei que fosse comer arroz com garfo, só aqui. A gente usa colher" (P6)*

Ainda sobre as maneiras à mesa, o "comer a mesa" foi referenciado pela maioria dos participantes como o usual, chamada de "civilizada" pelo único participante que mencionou o costume de realizar as refeições no chão, por ficar mais "à vontade".

> *"Quando tem convidado, na mesa mais civilizada, mas geralmente no chão. Tem tipo um tapete, eles botam outro tipo de plástico, e bota...Imagina toda mesa, só no chão, a gente senta. Geralmente comemos com uma colher, não precisa cortar" (P4)*

Apesar desse participante não ter declarado uma identidade religiosa, cresceu num lar muçulmano o que pode justificar tal prática, que também foi observada por outros estudos com muçulmanos, não especificamente com sírios (ZAMAN, 2014; ATAMAN, 2017; FERRAZ, 2018). Na tese de Zaman (2014), paquistanesas muçulmanas relataram manter essa prática e afirmaram que comer

no chão é uma atitude virtuosa, pois é a forma que o profeta Maomé[32] conduzia as refeições.

Preparo e aquisição de alimentos

As mães, esposas, avós e irmãs foram referenciadas pelos participantes do estudo como as principais responsáveis pelo preparo das refeições quando viviam na Síria. Esses relatos vão de acordo com o estudo de Scagliusi et al. (2018), que destaca o longo tempo dedicado ao preparo dos alimentos pelas mulheres na Síria. Segundo documento das Nações Unidas, tradicionalmente, as responsabilidades das mulheres sírias incluem cozinhar, cuidar da casa e dos familiares (UNITED NATIONS POPULATION FUND, 2015). Entretanto, Contreras e Gracia (2011, p.224) afirmam que embora as mulheres sejam as responsáveis pela comida na maioria das sociedades, “não significa que determinados aspectos dessa atividade não sejam assumidos ou desempenhado pelos homens”. Portanto, foi observado a partir das entrevistas, que apesar da função de preparo de alimentos ter sido principalmente atribuída as mulheres, também houve relatos onde alguns participantes, do sexo masculino, verbalizaram auxiliar no processo de preparo de alimentos.

> *“A mãe cozinhava, mas todo mundo ajuda. Ela pedia ajuda de todo mundo. Eu ajudava muito.” (P4)*

A decisão do que seria consumido durante a semana, ocorria em conjunto entre os pais ou marido dos interlocutores. Os pais e os filhos eram responsáveis pela ajuda com as compras, que eram realizadas no dia a dia ou semanalmente.

---

[32] Fundador do Islamismo

Geralmente, a aquisição de alimentos ocorria em feiras de rua, mercearias pequenas, e açougues. Além disso, costumava ser comum o cultivo e preparo de certos tipos de alimentos que são a base da alimentação síria, como azeite, trigo, azeitona, coalhada, iogurte, geleia de pêssego, *makdous*, leite e derivados, e ovos. Foram frequentes os relatos sobre a existência de um quintal para produção de alimentos ou a posse de um "terrenozinho" da família, onde eram produzidos para consumo próprio e também enviados por familiares.

> *"Geralmente, lá cada um tem tipo um terrenozinho, com as coisas deles. Cada estação do ano tem umas verduras. A gente sempre fazia pra gente mesmo, não comprava no mercado, ou nas feiras. Isso que está diferente, sem química, a gente sabe o que está comendo (...) Isso antes da guerra, não agora. Depois que aconteceu a guerra, a gente deixou a nossa cidade (...). Geralmente, na minha cidade, cada família tinha um terreno, tipo atrás da casa. Um pouco longe, que mora na cidade mesmo, mas a maioria das famílias tinha terrenos, como azeitona, só pra eles mesmo (...) Azeitona, pêssego, nozes (...) Quase todo mundo lá tinha animal, tipo vaca, galinhas. A gente fazia leite, coalhada, queijo, tudo feito em casa (...). Metade da nossa comida é feita em casa [Síria], azeitona a gente faz em casa, iogurte." (P5 – por telefone)*

No estudo, o elo entre a família e a produção de alimentos remete a recordações, e com isso pode ser compreendido que por trás de cada alimento existe um significado, construído a partir das experiências de vida. Algumas memórias surgiram a partir do relato sobre os alimentos constituintes da alimentação e certamente marcam uma conexão com a comida, conforme defende Holtzman (2006), quando diz que "alimentos específicos podem ser veículos para reconexão com um passado perdido". No caso do relato, o fato de descrever os ingredientes mais comuns da alimentação na Síria evocou a memória ilustrada através da fala abaixo.

> *"Churrasco na época de azeitona. Que a gente fazia churrasco na terra mesmo. A gente fazia um buraquinho na terra, colocava uma pedra aqui uma pedra aqui. Matava galinha na hora, limpava a galinha e colocava no espeto, na terra mesmo, fazia e pegava pasta de alho, azeite e hortelã e*

> *come o churrasco. Coloca no pão árabe e faz assim no molho [movimento de mergulhar o pão árabe no molho], coloca no molho assim esse de hortelã com alho e come. É bom demais! Essa aqui [mostrando com a mão], eu e meu pai tipo sentados na terra, na areia, na pedra sentado na pedra comendo uma coisa super simples, sabe?" (P2)*

Apesar de saber que a guerra na Síria teve impacto na produção de alimentos (ZURAYAK, 2020), optou-se por não explorar no roteiro das entrevistas desse estudo esse período, no sentido de resguardar os participantes das lembranças de guerra e causar possível sofrimento. No entanto, alguns participantes mencionaram as dificuldades desse período de forma espontânea.

Entretanto, a maioria dos entrevistados teve suas respostas baseadas em recordações de momentos em família alegres, anteriores ao período marcado pelos percalços da guerra.

Após a guerra a prática de cultivo de alimentos mencionada na seção anterior, foi descontinuada por algumas famílias que tiveram que mudar de cidade. A permanência da guerra resultou no aumento do custo e diminuição da qualidade dos alimentos de forma geral. Com isso, as famílias habituadas com a fartura de alimentos precisaram remodelar suas práticas, considerando o custo e disponibilidade dos alimentos. Após o início da guerra, alguns estados foram fechados, áreas de produção foram afetadas, impedindo que os alimentos, quando produzidos, circulassem ao redor do país, refletindo na logística para o acesso, aumento do custo, menor disponibilidade e influenciando nas características da qualidade do cultivo, como no sabor.

> *"O quilo de batata por exemplo antigamente era 10, 15 lira, agora 900 mil, então a gente precisa pensar muito antes de ir [comprar]. E salário não acho que é muito, muito de mesmo, mas tudo isso por causa da guerra ...As pessoas não tem muito dinheiro pra comprar coisas." (P7)*

> *"Você compraria tomate por 1 cent, antes da guerra, da terra, fresquinho, saboroso. Depois da guerra ficou feito em casa plástico [estufa]. Sem sabor, plástico. Sem sabor, só cor. Pepino também. Essas coisas que ficou*

> *diferente no parte de guerra. Não faltou comida, mas o preço ficou 10x mais caro. Todo dia tem um preço.“ (P3)*

Reflexões relacionadas ao consumo de carne surgiram de maneira espontânea durante as entrevistas. Usualmente, a carne tinha um preço elevado quando comparado aos outros itens presentes numa refeição. Entretanto, com a guerra na Síria, a inflação ocasionou um aumento expressivo no custo da alimentação em geral, e houve uma tendência de algumas famílias diminuírem a frequência no consumo de carne, conforme observado na fala dos participantes. Segundo dados atualizados do Programa Mundial de Alimentos (WFP), em 2020, esse problema apresentado pelos participantes se agravou devido a redução do poder de compra dos sírios, e hoje o consumo de carne vermelha não é acessível e frango consumido por volta de duas vezes ao mês.

Ao delinear o roteiro para explorar o contexto alimentar anterior à migração, a comparação entre os períodos pré e pós-guerra não foi prevista. Entretanto, durante algumas entrevistas a comparação foi ressaltada por parte dos participantes. Ao falar sobre a alimentação na Síria, os participantes da pesquisa naturalmente recordaram os momentos que são anteriores à guerra. Lembranças da família e amigos reunidos, colheitas e produção de alimentos para consumo próprio, variedade e fartura à mesa são descritos com muito orgulho e nostalgia.

Por vezes, durante as entrevistas, esses momentos foram descritos com alegria, até que suas feições sofriam mudanças e com um certo desapontamento era ressaltado que os fatos descritos e percepções seriam em referência ao período anterior à guerra.

5.3.2 Do estranhamento a adaptação à comida brasileira

O contexto social vivido no Rio de Janeiro é caracterizado pela mudança nas condições de vida, rotina, recursos, cultura que inevitavelmente refletem da forma que esses indivíduos se alimentam, como também foi observado em outros estudos com refugiados (BURNS 2010; DAHORD, 2013). A relação entre o estilo de vida e dificuldades referentes a comida foi constatada por Dharod (2013). Em seu estudo com refugiados nos Estados Unidos, foi observada, que os participantes precisaram se esforçar para planejar e gerenciar a compra semanal, ao invés de comprar alguns itens diariamente, como ocorria no país de origem.

A alimentação no Rio de Janeiro é frequentemente comparada àquela que era mantida na Síria, em especial no período anterior à guerra, sendo a comida síria a referência de comida desejada, que tem um significado especial, que remete a vida na terra natal, assim como todo o contexto ao redor do comer como bem define um dos participantes *"uma comida muito importante porque nasci comendo essa comida com minha família"* (P5). As memórias relacionadas à alimentação aparentam ser um tesouro que carregam consigo nessa jornada de restabelecimento numa nova pátria, na condição de refugiado.

De modo geral, as dificuldades identificadas pelos participantes são contrárias àquilo que é percebido como ideal, e o ideal é percebido como a forma que ocorria anteriormente, que foi apresentada como o "certo" durante a vida toda. Contreras e Gracia (2011), afirmam que ao interagir com outras populações, membros de um específico grupo "tomam consciência de suas particularidades" e "só assim se realiza o sentido de pertencimento e identidade". Os autores também sustentam o que foi encontrado nessa pesquisa quando dizem que "seres humanos marcam tal

pertencimento mediante de sua peculiaridade alimentar diante e em contraste aquela dos outros", nesse caso os outros seriam os brasileiros.

A monotonia do arroz e feijão de cada dia é frequentemente comparada à variedade da culinária síria. Apesar do estranhamento causado pela aparência e repetição diária, por questões econômicas e novo estilo de vida, foi preciso se adaptar à combinação que representa a base da alimentação dos brasileiros. Justamente o prato típico brasileiro, que fora do país é um símbolo de identidade nacional e procurado por imigrantes brasileiros no exterior (BRIGHTWELL, 2015).

Contreras e Gracia (2011, p.136), associam a "incorporação" de "novos alimentos por parte de uma cultura" como uma forma de fundamentar a identidade dos indivíduos que muda conforme as experiências que vive. Inicialmente, o consumo de arroz e feijão preto não era tido por todos como uma refeição oportuna. Na Síria, o feijão presente na culinária é branco e preparado com molho de tomate, justificando a resistência e/ou surpresa demonstrada por alguns entrevistados.

O estranhamento inicial associado à aparência da comida brasileira é nítido nas falas dos entrevistados, que valorizam o prato "colorido", ou melhor, a apresentação das refeições.

> *"[Na Síria] Sempre tem salada colorida, verde, bonita, isso atrai e você come com os olhos, não só com a boca. Então...É ...[pausa para pensar]. Você tem o desejo de comer. Então no início foi bem difícil, sempre aquele prato preto e branco, cinza né?" (P1)*
>
> *"Pra mim não existia um feijão escuro. Desde que eu nasci conheço que o feijão era branco. Aí eu chego num país que o feijão é preto [...]. Demorei uns 9 ou 10 meses para provar a primeira vez" (P5 – por telefone)*

Num estudo com mulheres refugiadas na Noruega, os autores afirmam que o primeiro período após a migração é a fase onde se tem pouco conhecimento sobre

a comida local, levando a mudanças nos hábitos alimentares, principalmente no que diz respeito aos aspectos relacionados a disponibilidade de alimentos, preparo e organização das refeições (TERRAGNI, 2014).

Pela percepção de alguns participantes da pesquisa, o Rio de Janeiro é um local onde há pouca variedade de pratos tradicionais da cultura brasileira, em contraste ao que estavam habituados na Síria. A monotonia da alimentação brasileira, reconhecida pelo arroz e feijão diário, é frequentemente comparada à alimentação na Síria, que é unanimemente descrita pelos entrevistados como variada, saborosa e sinônimo de prazer e de comida saudável.

A comida brasileira também foi considerada monótona pelos refugiados sírios que vivem em São Paulo, onde houve relato de crianças que reclamaram do arroz e feijão servido diariamente na escola (SCAGLIUSI et al., 2018). Por vezes, o consumo de arroz e feijão não se relaciona à uma vontade genuína, mas sim à necessidade de adaptação à nova realidade.

A aparência atraente e disponibilidade de variedade de preparos é valorizada com frequência pelos indivíduos entrevistados, que relatam apreço por restaurante à quilo, onde podem optar dentre a variedade de opções oferecidas. Ao caracterizar a comida síria, alguns participantes exemplificam a comida brasileira como o oposto: “sem tempero” e “sem variedade”. A “falta de tempero” na comida do país hospedeiro foi observada em outros estudos com refugiados (VANDERVOORDT, 2017; KAVIAN, 2020). Na Síria, são usados temperos que não são comuns na culinária brasileira, como o uso da canela, gengibre, noz moscada e cardamomo, mencionado por um dos participantes. A falta de sabor relatada, na verdade se refere a falta de sabor que foram acostumados a reconhecer como tempero.

A falta de variedade e dificuldade de aceitação inicial foi verbalizada até por participantes que atualmente relatam ter incorporado o consumo do arroz e feijão na alimentação do dia a dia.

> *"Todo dia arroz e feijão? Todo dia arroz e feijão? Todo dia. As pessoas não cansam?(...) Quase sempre o almoço arroz e feijão. Mas às vezes não tenho vontade nenhuma. Passou um mês que fiquei sem comer arroz e feijão, um mês, até mais (...) Por que a nossa comida [Síria] é todo dia diferente" (P2)*

Nesses casos, a falta de prioridade em considerar o prazer em comer é mencionada com frequência, sendo percebida como necessária na adaptação alimentar no novo contexto. O aspecto econômico contribuiu de forma significativa para a aceitação da comida brasileira no dia a dia.

> *"Então, eu acostumei, não tem jeito, tem que comer arroz com feijão, depois gostei, tipo, não tô comendo sempre, moro aqui há três anos, acostumei, agora estou gostando". (P5 – por telefone)*

Nesse estudo, o medo de provar algo novo é visto como uma barreira no período de adaptação, posteriormente superada ao perceber que pessoas de confiança como amigos e familiares comem o que é percebido como estranho. Com o passar do tempo, a prática que inicialmente não era familiar passa a fazer parte da rotina. De forma similar, Kavian et al. (2020), identificou em seu estudo com mulheres refugiadas do Afeganistão, o sentimento de incerteza relacionado as culinárias disponíveis na Austrália e a preferência de comer em casa ou em restaurantes afegãs.

Apesar da comida brasileira ser percebida por uns como monótona e sem sabor. Alguns pratos são apreciados e também servem como ponte para integração entre ambas culturas.

> *"Como eu falei, não tem diferença, não tem. Aqui gostamos de comida, de todos os tipos de comida. Só não comemos porco, e aqui tem as comidas que são com porco, já sabemos disso. Outras comidas tudo, conseguimos comer (...). Eu quando experimentei aqui, porque eu gosto comida diferente, eu gosto experimentar essas comidas. Por isso, quando experimentei feijão preto, eu gostei, e agora eu cozinho muito feijão preto, porque meus filhos gostam muito" (P7)*

Para aqueles que não tinham costume de comer carne com frequência na Síria, chegar ao Rio de Janeiro, consumir a carne comumente presente em opções como "prato feito" e "quentinha" trouxe um sentimento de "riqueza". O aumento no consumo de carne no período pós-refúgio, frente a acessibilidade e disponibilidade, pode ter ocorrido também em virtude da privação oriunda do custo elevado da carne no cenário anterior ao refúgio, como confirmado na fala de um dos interlocutores;

> *"Nem sempre tem carne, então assim, a carne é muito cara lá, muito mais cara do que aqui. Então, não dá para você comer carne todo dia [...]. Aqui comecei a comer carne todo dia, e era maravilhoso, me sentia rico, sei lá, por que não é costume. Hoje não consigo não comer carne e isso não é bom." (P1)*

Essa prática é descrita em outros estudos com refugiados, como no estudo de Rondinelli (2011) onde refugiados do Camboja, nos Estados Unidos, aumentam o consumo de carne após um longo período de privação fundado pelas condições do seu país. Dharod (2013), também identificou e seu estudo, o aumento no consumo de carne após a mudança para o país hospedeiro, por ser de mais fácil acesso físico e econômico, que no contexto anterior ao refúgio.

Apesar do consumo de carne ser valorizado por um sentimento de status social e pela menor disponibilidade no cotidiano alimentar antes do refúgio, um participante desse estudo, expressa ambivalência ao confessar que o consumo diário de carne contradiz o que considera como saudável, isto é, a redução na frequência do consumo de carne é percebida como mais saudável, e justificada frente à variedade de opções da culinária síria.

> *"A variedade dos pratos que não precisa comer carne todo dia, é mais saudável. (P1)*
>
> *"A gente, árabe não tem costume de comer carne sempre. Tem muitas comidas árabes feitas sem carne." (P2)*

O desejo constante pela comida árabe é associado à frustração diante da impossibilidade de manter a alimentação da mesma forma como ocorria na Síria. Isso pode ser explicado pelo fato dessa dificuldade funcionar como uma lembrança da distância da terra natal, ocasionada pela migração forçada. Ao contrário daquele que se frustra na tentativa de manter a alimentação mais próxima daquela que estava acostumado na Síria, mudanças são vistas como necessárias para facilitar o processo de adaptação ou até mesmo uma forma de minimizar a dor causada pelo refúgio ao perder a autonomia de escolher alimentos familiares. Segundo Longhi (2018), não poder escolher alimentos que realmente desejam pode ser percebido como mais uma perda frente a tudo que já deixaram para trás. Nesse sentido, o estudo conduzido por Vandevoordt (2017), com sírios solicitantes de refúgio que vivem num centro de acolhimento na Bélgica, mostra como eles sentem falta da independência e da autonomia ao terem como única opção as refeições servidas conforme a estrutura alimentar belga. Esse fato impactou os participantes de forma tão profunda, que foram criados meios para consumir alimentos familiares no quarto, como armazenar pão árabe com za'atar embaixo da cama, mesmo que proibido pelo centro de recepção onde vivem.

Além do aspecto econômico contribuir de forma significativa para a adoção e a aceitação da comida brasileira no dia a dia, a decisão de ser flexível nas escolhas alimentares no novo ambiente, torna a adaptação mais tranquila e fora de uma "bolha";

> *"A minha única regra é alimentação saudável e equilibrada. Eu quero ter mais tendência a ser mais brasileiro, tem que se adaptar. se faz parte da evolução, se eu vou ficar comendo comida síria daquele jeito [árabe], vou gastar muito dinheiro, não é coisa sustentável. Vou ficar numa bolha" (P4)*

Após algum tempo, o desconforto inicial ao comer comida brasileira diminui e os indivíduos possuem mais familiaridade e apreço pela comida local. Considerando o papel da comida na construção de identidade, consumir alimentos locais pode servir como um código de reconhecimento social ao fortalecer o sentimento de pertencimento ao local de refúgio. Como se a inclusão dessas comidas na rotina diária criasse um elo com o Brasil.

> *"Não conheço muitos sírios aqui, só alguns na feira (...). Tem parte que não quero muito, eu quero mais integrar, sabe? Eu acho que ficar numa comunidade, fica um pouquinho contra a integração, você vai perder um pouquinho. Se você quer realmente preservar, bota uma coisa na cabeça, quando você mais preserva isso, você fica nesse...Não é tão real, não é vida, eu, eu acho pra mim faz mais sentido o contrário" (P4)*

No estudo de Longhi (2018), refugiados em Berlim, ao se inserir numa nova cultura alimentar, os participantes buscaram se adaptar ao contexto enquanto continuavam valorizando a sua identidade no sentido da alimentação. Nesse contexto, no presente estudo os participantes, apesar de comerem arroz e feijão para se encaixar ao meio, ainda mantém, quando possível, práticas alimentares pertencentes à sua cultura de origem. No estudo Hall (2006), define esse contexto como tradução, ao considerar a identidade de indivíduos que atravessam fronteiras e permanecem longe da terra natal, mas que valorizam o vínculo com a terra natal, assim como suas tradições. Nesse sentido, Altoé (2019) defende a existência de uma identidade múltipla para refugiados. Nesse sentido, a alimentação representa uma conexão entre as diferentes formas de viver, seja mantendo os costumes alimentares da Síria, as práticas adquiridas após o início da vida no RJ, ou uma mistura de ambos os contextos.

O preparo da comida no Rio de Janeiro foi descrito como “sem tempero”. Essa definição se baseia naquilo que o indivíduo reconhece como tempero e que faz parte da sua identidade síria, ou seja, aquilo que lhe foi apresentado como comida temperada e contribuiu na formação do seu paladar. Nesse estudo, foi observado que o indivíduo exposto a uma cultura diferente, mistura práticas provenientes do lugar de origem, nesse caso o uso de temperos, com outras incorporadas no local de refúgio, como cozinhar comida brasileira com um toque “sírio”, ao utilizar temperos familiares.

> *“Acho que comida aqui não leva tempero. Coloca aí noz moscada, cardamomo, gengibre, canela, essas coisas com carne dá um sabor maravilhoso. Eu cozinho comida brasileira e eu prefiro [colocar] que eu acha vai dar mais sabor” (P3)*

O sabor traz a recordação de momentos e o sentimento de proximidade da família e a sensação de conforto. A insatisfação pela falta de tempero na comida brasileira é presente em algumas falas, como;

> *“Comida da Síria, na hora lembro da minha família, a comida de lá tem sabor, pra mim a comida de vocês não tem sabor de nada, por isso vocês comem molho. Então quando meu amigo faz comida na hora eu lembro da minha mãe quando faz comida. Bem temperada, que tem sabor pra comer, não precisa comer arroz com feijão, tem muita coisa boa pra comer (...). Eu nunca comi aqui comida com sabor, sempre sem nada” (P6)*

Outro fato percebido pelos participantes, se refere à falta de sabor de algumas frutas, legumes e verduras encontradas no Rio de Janeiro. Enquanto na Síria, os alimentos orgânicos eram economicamente acessíveis antes da guerra, no RJ, esses alimentos têm alto custo e apesar de serem desejados, não é adquirido pelos participantes entrevistados, com exceção de um dos interlocutores, que em dias de feira aproveita para comprar alimentos dos produtores de orgânicos da Junta Local. Num estudo conduzido por Dawson-Hahn (2019), nos Estados Unidos, um grupo de

refugiados de diferentes nacionalidades percebe a diminuição no acesso à alimentos orgânicos após a migração, assim como o desejo do alimento se tornar economicamente acessível.

A estrutura de refeições no contexto pós-refúgio sofreu mudanças quando comparado a forma que ocorria na Síria. Tais mudanças foram relacionadas ao custo e disponibilidade dos alimentos a que tinham acesso na Síria, assim como a falta de habilidade e tempo para cozinhar associados à necessidade de se adaptar ao novo cenário alimentar que estão inseridos. Além disso, o ato de comer não parece tão guiado pelo prazer, por vezes é relacionado ao medo de provar alimentos novos, e também ao desconforto como resultado do consumo de carne não *halal*[33].

O café-da-manhã foi descrito com uma variedade limitada de alimentos e é geralmente composto por “pão na chapa e cafezinho”, caracterizado por um dos participantes como o café-da-manhã do brasileiro, pão francês, torrada com geleia, coxinha e açaí, e por vezes o desjejum não está presente na rotina de alguns interlocutores. O almoço é geralmente composto por “prato feito", “quentinha” e “salgado”. No jantar, são consumidos alimentos, como arroz com ervilha, feijão, macarrão, hambúrguer, cachorro-quente, sardinha enlatada, entre outros que representam refeições práticas. Os que relataram o consumo de arroz e feijão, são aqueles que têm parceiro (a) brasileiro (a) ou filhos que nasceram no Rio de Janeiro.

> *“Não tenho tempo para cozinhar por 2 horas e depois lavar a louça. Na faculdade a gente comia no bandejão. Hoje em dia não, eu só como fora de casa. Como um salgado à tarde, às vezes não dá tempo de almoçar, como um salgado, janto alguma coisa” (P1)*

---

[33] Halal: Em árabe, o termo haram significa proibido e é diretamente oposto a halal, permitido. Para ser halal, os animais precisam ser abatidos de acordo com um ritual.

A rotina de trabalho intenso para garantir a renda consome grande parte da energia e do tempo, então “qualquer coisa prática” passa a ser a opção de refeição. O local onde as refeições são feitas variou entre o lar e a rua. Aqueles que não têm habilidade/tempo para cozinhar, moram sozinhos ou trabalham na rua, comem fora ou omitem refeições.

> *“No dia a dia, por causa do meu trabalho eu não almoço, só janto” (P5 - por telefone)*

Enquanto outros que dividem a moradia com alguém são mais motivados a comer em casa. Diferente de como ocorria na Síria (diariamente em feiras e mercados a granel), no Rio de Janeiro a aquisição de alimentos ocorre em supermercados, onde conseguem encontrar alimentos de diferentes categorias no mesmo local, ônibus hortifruti que vende todos os saquinhos pelo mesmo preço, loja de produtos a granel* onde referem encontrar alguns alimentos não encontrados no supermercado, como temperos, lentilha vermelha, tâmara, fava, pão árabe, e cardamomo. E, também, alimentos prontos para consumo, como foi o caso de alguns dos participantes entrevistados.

> *“Normalmente [jantar] é uma coisa tipo aquelas sardinhas de lata. Qualquer coisa prática...Um ovo frito com cebola crua, um pouco de tomate e pepino. Entendeu? Batata cozida. Qualquer coisa assim. Macarrão instantâneo* [marca], como chama? [risos]”(P2)*

> *“Estou muito longe da cozinha, eu como tudo fora de casa, eu não sei fazer nada. Na minha casa não tem fogão, nem geladeira, não tem nada [risada]. Eu como tudo fora de casa” (P6)*

Um dos participantes associou a continuidade do consumo de fruta à conveniência criada pela mãe, que por muitos anos não era apenas a responsável pela compra, mas também por oferecer o alimento. Esse contexto construído durante uma vida inteira se torna um ponto chave na descontinuidade no consumo de frutas

durante a vida no Brasil. Ao associar o consumo de frutas à conveniência do lar na Síria, o indivíduo se vê num ambiente onde essa prática dificilmente pode ser mantida, a não ser quando acompanhada de uma certa conveniência. Como ocorre quando é estimulado a consumir o abacaxi ao ver o vendedor de rua oferecendo a fruta já descascada e pronta para consumo. Frente a um contexto repleto de significados, o indivíduo se vê num ambiente onde a conveniência mantida pela mãe não existe mais, deixando uma lacuna na sua vida.

A decisão de consumir comida rápida e processada é um dos principais pontos destacados por homens solteiros, que não estavam acostumados a cozinhar na Síria, por residirem com a mãe ou esposas, ou seja, as responsáveis pelo preparo. Concordando com os relatos de participantes desse estudo, Vivas (2019) destaca que os meses após chegar ao país anfitrião, são caracterizados pela mudança nas preferências por alimentos simples e de preparo rápido.

5.3.3 Práticas alimentares da Síria no Rio de Janeiro

A adaptação é permeada por motivações que surgem de acordo com a identidade, valores e percepções de cada indivíduo. Nesse estudo foi reforçado que geralmente os participantes buscavam se unir aos que compartilhavam o idioma árabe e costumes similares, como forma de contribuir para a manutenção da identidade e o sentimento de pertencimento à cultura árabe construído desde o início da jornada de vida.

Os costumes alimentares são construídos por meio de repetições do consumo de alimentos que estão presentes no meio em que se vive, isto é, “com base em um saber coletivo que foi se constituindo ao longo das gerações” (CONTRERAS e GRACIA, 2011).

Dessa forma, o sujeito que migra, como o refugiado, carrega uma bagagem repleta de costumes e memórias de sabores do seu país. Ao chegar no seu destino se encontra num meio onde estão disponíveis alimentos diferentes daquele que estava habituado e também alimentos iguais, mas com sabores diferentes. Enquanto uns preferem se conformar e abdicar o consumo de alimentos que não estão presentes no Rio de Janeiro por acreditarem que a adaptação dessa forma é melhor, outros, quando possível tentam manter essa prática mesmo apesar das barreiras econômicas e físicas.

Ao consumir comidas que remetem ao lar na Síria, os participantes demonstraram que podem manter as conexões apesar da separação no tempo e espaço. De forma similar, Huizinga & Hoven (2018), constatam a partir da percepção de refugiados sírios que vivem na Holanda, que comer comida de casa evoca sentimentos, memórias e experiências do passado.

Custo, disponibilidade e crenças

Apesar da comida carregar uma série de simbolismos que reforçam a identidade e pertencimento à cultura síria, o custo e a disponibilidade de alimentos que a compõem, surgem nas falas como barreiras que dificultam a continuidade de práticas alimentares usuais da vida na Síria no Rio de Janeiro. Reclamações sobre o preço elevado e dificuldade de acesso foram verbalizadas com frequência. A falta do acesso a alimentos que reconhecem como parte da cultura é algo frustrante para os participantes da pesquisa, tanto no período de adaptação e, também, após um certo tempo morando no Rio de Janeiro. A frustração é percebida através da fala e gestos dos participantes como em "*Ah não tô encontrando a fava, tô bolado* (...)" (P1).

Dessa maneira, não encontrar “folhas de uva”, “fava”, “*molokhia*”[34] e “cardamomo moído” causa frustração, como se fosse um empecilho na manutenção de um costume alimentar valorizado. Dentre os alimentos não disponíveis no RJ, o *makdous*[35], foi sem dúvida o mais mencionado pelos participantes, inclusive aqueles que possuem habilidades culinárias e poderiam reproduzir o preparo mesmo longe da terra natal. Entretanto, a indisponibilidade da berinjela pequena, impossibilita o preparo, que além da berinjela de tamanho específico exige tempo. Na Síria, o alimento é feito uma vez por ano, e fica em conserva o ano inteiro. Ainda assim, outro participante, já tentou fazer com a berinjela que encontrou aqui, mas não obteve sucesso.

A disponibilidade e acessibilidade aos alimentos foram destacadas pelos participantes da pesquisa de Al-Sayed e Bieling (2020), refugiados sírios na Alemanha, principalmente por aqueles que tiveram dificuldade em relação ao acesso aos alimentos ainda na Síria em guerra. Esse fato se assemelha ao que foi relatado por alguns participantes no presente estudo, onde expressaram que sentem falta de certos alimentos que já não tinham acesso desde o agravamento do conflito.

Ainda assim, foi relatado que alguns dos participantes encontram meios para tornar possível o acesso aos alimentos que consideram importantes de serem mantidos nas suas rotinas, apesar do preço elevado. No estudo de Osei-Kwasi et.al (2016), os participantes enfatizaram a importância de manter a identidade cultural

---

[34] Molokhia: folhas geralmente utilizadas desidratadas ou frescas similar ao espinafre e geralmente utilizadas acompanhadas de frango, carne ou cordeiro.

nas práticas alimentares, ao mesmo tempo que relataram manter as algumas práticas alimentares tradicionais do Reino Unido.

Sendo assim, o comer vai além da simples ação de ingerir o alimento, a comida é um componente central do senso de identidade, que além de reforçar o sentimento de pertencimento a identidade étnica, remete ao cuidado e afeto materno e familiar, é aquela que o consumo é movido pelo prazer, evoca sentimentos e memórias. Como defende Kershen (2014), que define a comida como um mediador que protege a conexão com o lar e mantém a identidade de imigrantes. Todos esses aspectos podem motivar a compra de alimentos que lembram a comida de casa, mesmo que para isso precisem pagar caro. Essa prática também foi observada no estudo de Scagliusi et al. (2018), onde os indivíduos mantiveram o consumo de tâmara, pistache e cardamomo, apesar do custo elevado. Um dos participantes reforça a relação entre comida e identidade. Mintz (2001) defende que o comportamento relativo à comida está diretamente ligado ao sentido de nós mesmos e à nossa identidade social.

> *"Comida é identidade, comida é galera junta, cultura, alimentação, comida é prazer, comida é muito prazer (...) Comida é uma maneira de mostrar carinho" (P4)*

Outros, conseguiram adquiri-los através de pedidos feitos à amigos e familiares que vêm do Oriente Médio ou de São Paulo[36]. Tal prática também foi relatada pelos participantes para o acesso a utensílios utilizados na preparação de

[36] São Paulo é referenciado como um local que possui mais ingredientes procurados e de melhor qualidade possivelmente pela quantidade de comunidades árabes já estabelecidas antes do fluxo migratório de refugiados (Gandin, 2017)

iguarias, como *falafel*[37] e *mahshi*[38]. A necessidade do uso vai além da funcionalidade em si. O desejo de reproduzir uma prática alimentar num contexto em que não é comum, é compreendido como a busca pelo sentimento de pertencimento e também da aproximação com um contexto que ficou para trás.

> *"O makdous é muito difícil, a gente compra de São Paulo, mas como é muito caro. Cada vidro custa 40 reais e se tivesse aqui [Rio de Janeiro] eu ia comprar toda semana, com certeza. Ia ficar mais pobre ainda. Eu sou pobre porque gasto o meu dinheiro com comida." (P1)*

> *"São Paulo tem coisas que não é comida que quero lá. Tem esse aparelho de falafel." (P3)*

A comida que se aproxima ao sabor de casa, representa a construção de uma ponte entre o passado e o presente. Para Holtzman (2006), a comida é um elemento que tem a capacidade de conectar ao passado. A falta de acesso a alguns alimentos da culinária síria/árabe, por serem muito caros e/ou com pouca disponibilidade, impossibilita a construção dessa ponte, e é percebido como um problema que pode causar frustração. Sendo assim, apesar do custo elevado, o consumo de alimentos da culinária árabe é visto como um merecido agrado a si mesmo em meio a tudo que está acontecendo e possui espaço importante na alimentação. Dada a importância de certos alimentos, Dharod et al. (2013) observou que refugiados da Libéria, Sudão e Vietnã, preferem comprar alimentos em mercados étnicos, mesmo que para isso precisem pagar mais caro. Os autores constataram que isso ocorre diante da falta de familiaridade, sabor e frescor dos alimentos dos Estados Unidos.

Em outro estudo, Elshahat e Moffat (2020) verificaram que árabes refugiados ou imigrantes que vivem no ocidente, identificaram que a disponibilidade de lojas étnicas com alimentos tradicionais e familiares, é um facilitador para manutenção de

---

[37] Falafel: bolinho de grão de bico ou fava frito
[38] Mahshi: abobrinha ou berinjela recheada com carne moída ou cordeiro, nozes e arroz.

práticas alimentares saudáveis. Consumir comida árabe pode ser um dos poucos prazeres na vida pós refúgio e, também, uma forma que encontram para permanecerem próximos da família, da cultura e do passado na Síria.

No estudo de Porreca et al (2019), a continuidade no consumo de comida síria é percebida como uma forma de manter o elo com a terra natal, apesar da distância física e temporal. Além disso, criar oportunidades onde o consumo de comida árabe é priorizado, pode ser uma estratégia para tornar o dia mais agradável. Para Scagliusi (2018), manter o consumo de diversas preparações e em grandes quantidades é uma forma dos refugiados recordarem a vida que tinham na Síria. Esse fato ocorre, mesmo que a falta de recursos seja um problema enfrentado no Brasil.

Durante uma das entrevistas, um dos participantes do presente estudo, relata que “não se controla” no restaurante árabe a quilo e que também construiu a rotina de trabalho de forma que pudesse garantir a ida semanal a um restaurante árabe.

> *“eu almocei aqui no [restaurante árabe], é muito caro porque eu não me controlo e como 1 kg, é 80 reais. Eu como uma vez por mês, não posso gastar mais de 1 vez por mês lá [...] Eu dava aula em Copacabana toda quinta-feira [nome do curso] (...) então, eu agendei as minhas aulas particulares. Chego em copa quatro. Chegava 4 na Siqueira Campos, andava até o restaurante [nome do restaurante], comia uma entrada, uma folha de uva, tomava um chá e às 6:15 tinha aula. Fazia isso toda quinta-feira, fiz a minha rotina de quinta-feira, e foi muito bom” (P1)*

Quanto a mudança da alimentação, essa foi evidenciada pela maioria dos participantes do estudo que pontuaram a falta de disponibilidade, acesso, tempo e habilidade para preparo, como uns dos principais responsáveis pela mudança. Entretanto, em oposição, no estudo de Porreca (2019), também com refugiados sírios, foi relatado que a maior parte dos indivíduos não relatou grandes mudanças

quanto aos alimentos consumidos, mas reforçaram a falta de acesso à certos temperos.

Apesar da disponibilidade e do custo elevado de alguns alimentos terem sido apontados como barreiras, a possibilidade de acesso a produtos específicos da culinária árabe, torna viável a manutenção de práticas comuns à vida na Síria. Esse é o caso do uso do cardamomo no café, prática valorizada pelos participantes da pesquisa que, quando possível, a mantêm no Rio de Janeiro.

Por outro lado, o custo do alimento se interpõe nas práticas religiosas dos refugiados e dificulta a continuidade no consumo de carne permitida pela religião. A frustração em não conseguir manter a alimentação conforme os preceitos do Islamismo foi verbalizada por dois participantes. Embora não esteja presente de forma direta na fala dos outros participantes, aparece, sistematicamente, por meio de justificativas e preocupações relativas ao consumo de carnes e produtos à base de carne de porco, no Brasil. Em árabe, o termo *haram* significa proibido e é diretamente oposto a *halal*, permitido. Para ser *halal*, os animais precisam ser abatidos de acordo com um ritual e, é dessa forma que os sírios muçulmanos orientam a compra de carne de origem animal. No presente estudo, foram reveladas as dificuldades para a aquisição de carne *halal*, deixando transparecer um claro descontentamento, pois encontrar carnes desse tipo no Brasil não é uma tarefa fácil.

Ainda que no país de origem não houvesse o desconforto da aquisição, por ser carne *halal*, no Brasil, o valor elevado se tornou um fator limitante do acesso, como verbalizado por um dos participantes. Um participante do estudo mencionou que gostaria de consumir carne de boi e frango *halal*, mas não o faz pela dificuldade de encontrar e pelo custo elevado para adquirir esse produto. Outra participante aponta como dificuldade saber quais alimentos têm carne de porco como parte dos

ingredientes. O consumo da carne suína é desencorajado pelo Alcorão. A resistência inicial é superada, embora permaneça o desconforto em consumir carne após um tempo vivendo no Brasil. Frente à indisponibilidade dos alimentos *halal*, os refugiados muçulmanos não veem outra alternativa que não o consumo da carne não *halal*, que é de fácil acesso.

> *"Tipo, para gente na religião, a gente mata o animal, a vaca com um jeito diferente que é aqui. A gente não dá choque, nem água quente, mata natural. Se chama halal, o sangue sai todo do corpo e fica só a carne, aqui é meio difícil encontrar. A gente encontrou com o dobro o preço, muito caro [...] aqui é difícil. Tipo, 1 kg de carne é 20 reais, se é halal vai pra 60 reais [...] no começo eu comecei a comer só peixe e depois descobri que tinha frango halal. Pouco tempo depois comecei a comer carne ... Foi um pouco difícil, mas tem que comer porque não tem outro jeito [...]" (P5 – por telefone)*

No presente estudo, nenhum participante relatou fazer consumo de carne *halal*, ao contrário do encontrado em estudo com refugiados sírios em São Paulo, onde o consumo de carne *halal* é mantido apesar do custo elevado (Scagliusi, 2018). No entanto, a maior parte dos sujeitos que participaram do estudo em São Paulo não conseguiram manter o consumo de carne halal diante do elevado custo e pela falta de acessibilidade, como também foi referido pelos participantes no presente estudo.

Enquanto o consumo de carne de boi ou frango não *halal* seja aceito com algumas considerações pela religião muçulmana, o consumo de carne de porco é terminantemente proibido por ser considerado impuro. Nesse contexto, no início do período de refúgio houve um relato sobre a dificuldade em tornar clara a necessidade de restrição de carne de porco. Com isso foi preciso aprender o português rapidamente e usar o *Google Tradutor* para identificar quais alimentos possuem carne de porco.

> *"Na verdade, nós comemos todas as comidas, frango, carne, que estão aqui ou outros países, não tem problema. Não tem problema, porque no nosso corão, ele aceita que come todos os tipos, só porco que não"(P7)*

A dificuldade de acesso ao alimento *halal* e a baixa proficiência com o idioma local para entender rótulos de alimentos também foram apontadas por Kavian et al. (2020), e associadas ao sentimento de ansiedade, em seu estudo conduzido com mulheres refugiadas afegãs, que vivem na Austrália. Entretanto, diferente do que foi encontrado no presente estudo Kavian et al. (2020), observou que apesar da dificuldade de acesso, os participantes do estudo não abriram mão do consumo de carne *halal*, que eram encontradas apenas em mercearias do Afeganistão sediadas na Austrália.

Por outro lado, o fato de ser ateu e comer carne de porco é percebido por um dos participantes como algo que facilita a vida, ao fazer uma comparação entre a adaptação dele e dos amigos que são muçulmanos. Enquanto se coloca numa posição onde a adaptação foi fácil, por não se importar sobre o que tem na comida, conclui que os outros "caras" [sírios] não têm conhecimento sobre o que se serve nos restaurantes e por isso comem em casa. Nesse discurso o participante se mostra ambivalente quanto ao consumo de carne de porco, onde nega a abdicação apesar de achar a carne "suja". Apesar de não pertencer a uma religião, esse participante se refere a carne de porco como "suja", crença carregada pela religião muçulmana.

> *"Uma coisa religiosa, os muçulmanos não comem porco, eu sou ateu, eu como. A maioria deles come em casa. Os meus amigos que conheço aqui, todos eles comem em casa, meu irmão nem sabe comprar comida aqui, ele nunca foi em restaurante [...]. Até eu não gosto muito porque acho que é carne suja. A carne mais suja no mundo é a do porco...pra mim era fácil, eu não precisa comer halal. Como porco, como fora da casa, não me importa se a comida era suja. Está tudo bem, não vou morrer se comer. Mas os outros caras, você não vai acreditar, nem sabe o que tem no restaurante, nem sabe pedir comida. Aí todos eles comem em casa, mas pra mim era muito fácil" (P6)*

A falta de confiança em comer fora referenciada por P6 no trecho acima, também foi destacada por participantes do estudo de Kavian et al. (2020).

Ainda sobre a dificuldade de acesso à certos alimentos, constatou-se a falta de conhecimento da existência de alimentos que estão disponíveis no Rio de Janeiro. Como a folha de uva, que apesar de um dos participantes não ter encontrado, outro participante mencionou que tem acesso ao alimento.

Habilidades culinárias e tempo para cozinhar

A falta de habilidade para cozinhar e/ou tempo para preparo são percebidos como fatores que dificultam a permanência das práticas alimentares características da vida na Síria. A ocupada rotina de trabalho para garantir a renda, é prioridade frente ao preparo de comida em casa. Diante disso, as refeições durante a semana são compatíveis com a rotina de cada um que trabalha fora de casa, e opta por “quentinha” (comida transportada/marmitex) ou algum lanche pelo caminho. Por outro lado, o consumo de comida síria/árabe, quando desejado, costuma ocorrer nos finais de semana (FIGURA 5), quando se tem mais tempo disponível para o preparo de refeições mais elaboradas, como “arroz com lentilha”, “shawarma”, “falafel”, “pasta de grão de bico”, “tabule” e “pasta de berinjela” ou para socializar com amigos ou familiares. A foto enviada pela participante ilustra como é a mesa de almoço no final de semana, onde se busca a aproximação com a cultura alimentar da Síria através do preparo, forma de servir, fartura, variedade e família reunida ao redor da mesa. A presença do pão francês, em substituição ao pão árabe representa uma estratégia de adaptação à realidade brasileira.

FIGURA 5. MESA DE ALMOÇO NO FINAL DE SEMANA (RJ)

Fonte: Participante P7, 2020.

No estudo de Osei-Kwasi et., al (2017), com ganenses que moram no Reino Unido, o final de semana também foi descrito como o dia escolhido para cozinhar pratos mais elaborados do país de origem. Entretanto, em outro estudo conduzido no Brasil, Porreca et., al (2019), os autores observam a continuidade do consumo de comida síria diariamente, assim como a reunião familiar durante a refeição. Esse fato pode estar relacionado ao critério de inclusão do estudo, onde foram considerados aqueles que possuíam restaurante, algum negócio, ou trabalho relacionado a comercialização de alimentos.

Acostumados com a presença de um responsável pelo preparo de alimentos, alguns assumem que não sabem cozinhar e assim permanecem, enquanto outros buscam aprender mesmo à distância, por meio de ligações com a mãe ou pela internet. Não saber cozinhar é utilizado como uma explicação para não consumir o que gostariam, e optar por comidas que “estão no caminho”, como bem define um dos participantes.

> *"Porque eu não faço nada, nem salada [...]. Eu sou bom de comer, mas de cozinha (...) Eu sou muito ruim (risos) [...] Quando a minha mãe fazia isso, caraca, para nós era um dia maravilhoso".* Enquanto no Rio de Janeiro: *"No almoço eu como quentinha na rua, carne assada, frango, churrasquinho misto também eu adoro, arroz e feijão...Eu acho que só isso que eu como, é o que existe na minha vida, no meu caminho"* (P6)

Apesar de o ato de cozinhar não fazer parte do cotidiano de todos os participantes, é sem dúvida, um fator que contribui para a permanência das práticas alimentares. Mesmo quando não eram os principais responsáveis pelo preparo de alimentos na Síria, foi percebido que alguns se esforçam continuamente para manter o preparo de refeições que trazem recordações do lugar de origem.

> *"Alguma receita que não conheço, abro no Youtube, pego, faço e sai bom pra caramba [...]. Falo sempre! Falo com a minha mãe -como se prepara isso? -O que você coloca nisso, mais? Minha mãe às vezes coloca uma coisa a mais que vi do Youtube, que isso era o principal, isso era...muda tudo. Era o segredo." (P2)*

Segundo Bailey (2017), a partir do consumo de comida tradicional, comprada, preparada ou compartilhada, os participantes de seu estudo foram capazes de reconstruir o sentido de *self*, num cenário transnacional. Através da comida foi possível reforçar a percepção de si mesmo como indiano, e, também, contribuir para a recriação do sentido de lar no novo contexto.

Comer Junto

A dificuldade de adaptação é acentuada pela saudade dos familiares e todo contexto que a alimentação envolve, como a reunião familiar e o tão valorizado ato de comer junto. A este respeito, Carneiro (2005) afirma que "comer não é um ato solitário ou autônomo do ser humano, ao contrário, é a origem da socialização, pois, nas formas coletivas de se obter a comida, a espécie humana desenvolveu utensílios culturais diversos, talvez até mesmo a própria linguagem".

Momentos de solidão são caracterizados pela ausência de refeições ou escolha por lanches rápidos. Na tese de Longhi, 2018, com refugiados do Oriente Médio em Berlim, também emergiram relatos de omissão de refeições. O fato foi atribuído a incapacidade de comer sozinho mesmo após alguns após alguns meses. A autora defende que o ocorrido é resultado de uma sensação de desconforto, que surge quando memórias ao redor da alimentação são evocadas. Portanto, Longhi (2018) conclui que evitar comer pode ser um reflexo do estado emocional negativo. Tuomainen (2014), em seu estudo com ganenses em Londres, defende que comer sozinho leva a uma perda das identidades alimentares coletivas tradicionais.

Os momentos de reunião com os amigos árabes ou familiares, é envolto pela presença de alimentos familiares. A comida funciona como um elo de conexão com a terra natal.

> *"Tem comidas que lembro lá porque a mesma receita, mas lá mais gostoso por que você come com a família, junto, como aqui no final de semana a família almoça junto, come junto saudade sobre essas coisas que eu lembro."* (P3)
>
> *"A única coisa que sinto falta, da comida. Da minha família e comida, os dois juntos, se tiver família vai ter comida"* (P6)

Longhi (2018), também conclui que comer com a família e amigos ajuda a desenvolver um senso de pertencimento e, portanto, tem papel crucial para os refugiados possam construir um senso de comunidade.

A comida que transporta para o convívio em família permanece fincada na memória e difícil de ser substituída frente aos valores que estão atribuídos. Para esses participantes, essa comida é aquela que demonstra de forma subjetiva o cuidado, acolhimento e conforto. Sendo um poderoso elemento capaz de conectá-los à momentos especiais, com pessoas queridas, como as mães, frequentemente mencionadas como as responsáveis pelo preparo dos alimentos.

Hadjab (2014), em sua tese, intitulada *Alimentação, memória e identidades árabes*, destacou a memória afetiva como um dos aspectos que mais contribuíram para que, imigrantes e descendentes, por meio da alimentação, encontrassem formas de manter viva uma identidade étnica “árabe”. Apesar de um cenário diferente, ambos grupos compartilham motivações semelhantes.

Ao chegar a um país sozinho, por vezes o refugiado busca conterrâneos para mostrar o caminho das pedras e ajudar na adaptação inicial. Conforme o tempo passa, mais conexões são feitas e se forma o círculo social. Nesse estudo, foi percebido que as práticas alimentares podem ser mantidas em dois cenários. No primeiro, o indivíduo cria laços com árabes que se tornam amigos e se reúnem para socializar em torno de preparações da culinária árabe. No segundo, os indivíduos que criam uma conexão com os brasileiros, buscam por integração, acolhimento ou até mesmo uma forma de comunicar. Para Montanari (2008, p.16) “a comida se apresenta como elemento decisivo da identidade humana e um dos mais eficazes instrumentos para comunicá-la”.

Nesse contexto, oferecem a comida árabe como forma de mostrarem a origem e que apreciam a amizade. Dessa forma, esse intercâmbio de culturas, constrói e reconstrói a cultura alimentar árabe no Brasil, de maneira similar como ocorreu após a imigração sírio-libanesa, que contribuiu para incorporação de certos alimentos na esfera alimentar brasileira, como kibe, esfiha, tabule e pasta de grão de bico (HADJAB, 2014). Scagliusi et al. (2018), constatou que os participantes do seu estudo, refugiados da Síria que trabalham com a comercialização de alimentos, realizam adaptações nas receitas, para que essas se adequem ao paladar brasileiro.

No estudo de Parasecoli (2014), o autor discute o papel da comida na construção de relações interculturais, ao reforçar que aqueles que migram buscam recriar o senso de lugar em torno da produção, preparo e consumo de alimentos. Considerando que maior partes dos participantes do estudo trabalham com comida, percebe-se que esse se torna um meio de alavancar o reassentamento e integração de refugiados, visto que a comida é um elemento central na identidade humana (FISCHLER, 1988) e tem outras funções que vão além do nutrir biológico, como as relações sociais aqui exploradas.

As duas formas contribuem para a permanência do valorizado comer junto. É importante observar que ao mesmo tempo que as práticas alimentares são mantidas, outras são adquiridas, e constantemente ocorre uma troca entre as duas nacionalidades.

Comer junto é valorizado e é muito comum na Síria. Por isso, reuniões que têm a comida como centro, remetem às reuniões em família. Comida e família caminham de mãos dadas, e então ao sentir falta da comida, sentem falta da família e todo contexto envolvido. Manter essa prática no Rio de Janeiro, seja com novos amigos árabes ou brasileiros, pode contribuir com o sentimento de estar em casa, e se sentir em família, a nova família.

> *"A gente comemora às vezes que a gente tem um mês de jejum e no final desse mês a gente comemora uma festa religiosa. O Ramadã. Normalmente chama amigos pra minha casa, a gente faz um almoço [...] [amigos] Árabes. Pra falar a minha língua e não ficar falando português [...] tem uns do Egito, Marrocos, mas os que vem pra minha casa são da Síria." (P5 – por telefone)*

> *"Quando estamos fora, tipo assim, o amigo é quase um primo né. Que ajuda, eu acredito neles, eles vão me ajudar, eu vou ajudar eles, existe confiança. Não dá pra viver sozinho, hoje em dia falo português e tenho muitos amigos [...] A única coisa que sinto falta é da comida. Da minha família e comida, os dois juntos, se tiver família vai ter comida" (P6)*

De maneira similar, Liempt e Miellet (2020), observaram que cozinhar e compartilhar refeições é frequentemente mencionado como uma das formar de se sentir em casa num ambiente pouco familiar.

Compartilhar a residência com familiares e amigos emergiu como um outro facilitador para a manutenção de práticas alimentares semelhantes à vida na Síria, principalmente o comer junto, tão valorizado pelos sírios. Ter com quem compartilhar refeições é um motivador para comer. Enquanto, morar sozinho é uma justificativa para omitir refeições ou optar por algo pronto para comer ao invés de cozinhar. Gürhan, 2018 discute em seu estudo que jovens sírios que compartilham o alojamento continuam com o preparo de comida síria e não se adaptam à cultura alimentar de Mardin, Turquia.

> *"No começo quando era solteiro, eu quase esqueci comida de lá [Síria], pois como eu trabalhava muito eu volto de noite e quase nem cozinhava. Eu comia fora ou pedia qualquer coisa pra comer. Depois que casei comecei...voltar poucos e poucos."* (P5-por telefone)

De forma parecida, Gürhan (2018), enfatizou em seu estudo com refugiados sírios na Turquia, o fato de não poder se reunir com a família durante o almoço reflete na qualidade da alimentação.

6 CONCLUSÃO

O presente estudo nos mostrou uma população jovem, composta prioritariamente por pessoas do sexo masculino, com escolaridade do nível médio ou superior, que saíram da Síria por questões ligadas ao conflito da Guerra que vai completar 11 anos. As mudanças nas condições de vida, na rotina e tipo de trabalho refletiram diretamente nas práticas alimentares dos refugiados da Síria no Rio de Janeiro. A alimentação atual foi frequentemente comparada àquela que mantinham na Síria, sendo a comida da terra natal a referência de comida variada, saborosa, saudável, temperada, e, também, carregada de memória afetiva.

Inicialmente, a alimentação dos refugiados realizada no Rio de Janeiro foi percebida como monótona, sem variedade e com a repetição de alimentos, especialmente, pela presença diária do arroz e feijão nas principais refeições, como o almoço e o jantar. No cotidiano, nem sempre a alimentação desejada era aquela que de fato ocorria, sendo o custo e a disponibilidade, os principais fatores que guiavam as escolhas. Aqueles sem habilidade ou tempo para cozinhar “deixaram de lado” o prazer em comer, para “matar a fome” com os alimentos que estivessem ao alcance nesse novo contexto que foram inseridos pelo refúgio. Enquanto os que dispunham de saberes culinários, tiveram mais propriedade para reproduzir receitas da Síria, adaptá-las ou cozinhar algo que não fosse de origem síria, mas que se aproximasse pelo uso de temperos e ingredientes, ou ainda que simplesmente agradasse ao paladar.

Se adaptar à alimentação no Rio de Janeiro, onde o diferente é percebido por uns como uma dificuldade e por outros como algo a ser incorporado, contribuiu para a permanente construção da identidade, que é contínua e depende do contexto vivido. Esses indivíduos, através de muita resiliência, coragem e esforço

reconstruíram a vida no Rio de Janeiro, enquanto buscam manter alguma conexão com a terra natal através da comida.

Embora a culinária árabe seja valorizada pelos brasileiros, e favoreça a disponibilidade de restaurantes e ingredientes característicos ou similares, alguns dos participantes do estudo ainda sentem dificuldade de adaptarem as suas práticas alimentares à sua cultura alimentar, seja por não terem acesso aos itens culinários que gostariam, independentemente do custo e disponibilidade, mas pela falta de habilidade para o preparo das alimentos, pratos e refeições típicas sírias ou pela falta de tempo disponível para cozinhar.

Após um período no país de refúgio, os indivíduos relataram que se acostumaram com essas novas práticas alimentares, alguns deles relatam sentirem inclusive prazer com algumas comidas brasileiras. Ao mesmo tempo que criaram um apreço por alguns elementos da culinária brasileira, mostraram também estratégias para adquirir alimentos e ingredientes da culinária síria, e que atualmente conhecem locais onde podem encontrar alguns produtos que desejam da terra natal. De toda forma, optar pela comida brasileira também foi uma estratégia de adaptação a alimentação após o refúgio, pela questão de necessidade nesse processo, considerando a acessibilidade e disponibilidade característica ao ambiente que estão inseridos.

Portanto, ao mesmo tempo que buscaram manter o vínculo com o passado, através das práticas alimentares características da vida na Síria, incorporam práticas no novo ambiente. Isso nos mostra a permanente construção da identidade cultural no processo do refúgio de sírios no Rio de Janeiro e também de resistência da cultura síria.

A partir desse estudo foi possível identificar os aspectos que contribuíram para a ruptura de práticas alimentares comuns à vida na Síria, assim como os fatores que levaram à continuidade dessas práticas no refúgio. Como barreiras, foram identificados, a falta de tempo, habilidade e recursos para cozinhar, assim como a dificuldade de acesso físico e econômico a certos alimentos e utensílios, necessários para preparo de receitas tradicionais. Por vezes, a qualidade e adequação de alguns alimentos foi questionada. Além disso, não ter com quem compartilhar as refeições refletiu no tipo de alimento a ser consumido ou em omissão de refeições, reforçando a importância da comensalidade, identificada através de verbalizações.

Foram identificados como facilitadores que contribuem para a continuidade dessas práticas, a vasta presença de restaurantes árabes, a habilidade culinária ou esforço para aprender a cozinhar e/ou trabalhar com encomenda de comida síria. Esses aspectos, contribuem com formas que encontram para manter as práticas em questão, como para promoção de eventos sociais com conterrâneos ou brasileiros para comer junto e preparo de refeições sírias aos finais de semana

Ainda assim, mesmo que o custo e a disponibilidade tenham sido identificados como barreiras, a importância que o alimento tradicional ocupa na vida desses entrevistados parece motivar essa busca. Seja pela reafirmação do pertencimento ao lugar de origem ou por remeterem ao cuidado recebido pela figura feminina responsável pelo preparo (mãe, irmã, tia e avó) e momentos compartilhados com a família e amigos.

Manter as práticas alimentares, mesmo que de forma parcial, aproxima o indivíduo ao passado responsável pela construção de quem se é, além de contribuir para um sentimento de conforto e resistência de uma identidade síria.

A limitação do estudo, refere-se ao baixo número de participantes para entrevista diante da dificuldade em ter acesso a outros participantes. Entretanto, o número de participantes alcançado foi suficiente para responder os objetivos propostos pela pesquisa. Outra limitação diz respeito à baixa representatividade de participantes do sexo feminino, que pode ter sido um viés nos resultados.

Espera-se que futuros estudos considerem: 1) a análise dos dados em profundidade para compreender os sentidos e significados atribuídos pelos que vivem na situação de refúgio no Brasil; 2) avaliar a situação de segurança alimentar e nutricional dos indivíduos em situação de refúgio no Brasil. Esses resultados poderão identificar pontos chave, úteis para fundamentar estratégias de apoio ou para impulsionar abordagens culturalmente sensíveis, ou seja, que respeitem as tradições, crenças e práticas pertencentes à cultura alimentar de cada país.

REFERÊNCIAS

ALTO COMISSARIADO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA REFUGIADOS. **Cartilha para Solicitantes de Refúgio no Brasil**. Disponível em: https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2018/02/Cartilha-para-Solicitantes-de-Ref%C3%BAgio-no-Brasil_ACNUR-2015.pdf. Acesso em: 20 fev. 2019.

_____. **Direitos das Pessoas Refugiadas e Solicitantes de Refúgio**. Disponível em: https://help.unhcr.org/brazil/rights-and-duties/refugees-and-asylum-seekers-rights/. Acesso em: 30 jan. 2019.

_____. **Deslocamento forçado supera 68 milhões de pessoas em 2017 e demanda novo acordo global sobre refugiados.** Disponível em: https://www.acnur.org/portugues/2018/06/19/mais-de-68-milhoes-de-pessoas-deslocadas-em-2017-e-essencial-um-novo-acordo-global-sobre-refugiados/. Acesso em: 18 dez. 2019.

_____. **Direitos e deveres dos solicitantes de refúgio no Brasil (2011).** Disponível em: http://www.justica.gov.br/central-de-conteudo/estrangeiros/2011direitosdeveresrefugio_brasil.pdf. Acesso em: 1 mar. 2019.

_____. **Documentos. (s.d)** Disponível em: https://help.unhcr.org/brazil/documentos/. Acesso em: 28 dec. 2020.

_____. **Refugiado ou Migrante? O ACNUR incentiva a usar o termo correto**. Disponível em: https://www.acnur.org/portugues/2015/10/01/refugiado-ou-migrante-o-acnur-incentiva-a-usar-o-termo-correto/. Acesso em: 19 jan. 2019.

_____. **Perguntas e respostas: Quais os países recebem refugiados em programas de reassentamento?** Disponível em: https://www.acnur.org/portugues/dados-sobre-refugio/perguntas-e-respostas/#reassentamento. Acesso em: 19 jan. 2019.

_____. **Protocolo de 1967 relativo ao estatuto dos refugiados.** Genebra, 1967. Disponível em: <https://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/portugues/BD_Legal/Instrumentos_Internacionais/Protocolo_de_1967.pdf>. Acesso em: 22 jan 2019.

_____. **Reunião familiar e extensão dos efeitos da condição de refugiado.** Disponível em: https://help.unhcr.org/brazil/asylum-claim/reuniao-familiar-e-extensao-dos-efeitos-da-condicao-de-refugiado/. Acesso em: 19 jan. 2019.

AL-SAYED, Lubana; BIELING, Claudia. Food-related well-being in times of crisis: Conceptual considerations and empirical findings for Syrian refugees in Germany. **Journal of Migration and Health.** v. 1, n. 22, p. 1-20, nov./2020. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/346316457_Food-related_well-being_in_times_of_crisis_Conceptual_considerations_and_empirical_findings_for_Syrian_refugees_in_Germany/link/5fc0f9a9299bf104cf83a8e5/download. Acesso em: 8 jan. 2021.

ATAMAN, Kemal; BILGIN, Vejdi; EVRENK, Faruk. Modernization, Social Change, and The Persistence of Traditional Institutions of Religious Learning: The Case of Diyarbakir Madrasahs. **Dergipark**, Turquia, v. 26, n. 2, p. 75-95, 20 set. 2007. Disponível em: https://dergipark.org.tr/en/download/article-file/510829. Acesso em: 25 jan. 2021.

ALTOÉ, Isabela; AZEVEDO, Elaine. Comida migratória: a cultura alimentar e identidade de refugiados. **Revista del CESLA**, Warsaw, v. 1, n. 1, p. 1-12, out./2019. Disponível em: http://cejsh.icm.edu.pl/cejsh/element/bwmeta1.element.desklight-bdf4be5e-09db-49e7-969e-b2584943c1f5. Acesso em: 08 nov.2020.

BAILEY, Ajay. The migrant suitcase: Food, belonging and commensality among Indian migrants in The Netherlands. **Appetite**, v. 110, p.51-60, dez./2016. Disponível em: https://doi.org/10.1016/j.appet.2016.12.013. Acesso em: 08 nov.2020.

BARBOSA, Raul Felix. Reassentamento solidário e políticas públicas para refugiados no Brasil. **Universitas**, Brasília, v. 13, n. 2, p. 17-23, set./2015. Disponível em: https://doi.org/10.5102/uri.v13i2.3398. Acesso em: 21 ago. 2019.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2008.

BARTONELLI, Elis. **Fábrica de salgados árabes garantem o sustento de estrangeiros.** G1, 2017. Disponível em: https://oglobo.globo.com/rio/fabricas-de-salgados-arabes-garantem-sustento-de-estrangeiros-21465736. Acesso em: 26 dez. 2020.

BBC NEWS. **Europe's migrant crisis: The year that changed a continent**. Disponível em: https://www.bbc.com/news/world-europe-53925209. Acesso em: 20 jan. 2019.

BEMAK, Fred; CHUNG, Rita Chiying. Refugee Trauma: Culturally Responsive Counseling Interventions. **Journal of Counseling & Development**, Estados Unidos, v. 25, n. 3, p. 299-308, jun./2017. Disponível em: https://doi.org/10.1002/jcad.12144. Acesso em: 6 out. 2020.

BELL, Judith. **Como realizar um projecto de investigação.** 3ª ed. Lisboa: Gradiva, 2004

BIERNACKI, Patrick; WALDORF, Dan. Snowball Sampling: Problems and Techniques of Chain Referral Sampling. **Sociological Methods & Research,**, Thousand Oaks, CA, v. 10, n. 2, p. 141-163, nov./1981.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação, uma introdução à teoria e aos métodos.** Porto: Porto Editora, 2013.

BÓGUS, L. M. M; RODRIGUES, Viviane Mozine. Os refugiados e as políticas de proteção e acolhimento no Brasil: História e Perspectivas. **Dimensões**, Vila Velha, ES, v. 27, n. 1, p. 101-114, out./2011. Disponível em: https://periodicos.ufes.br/dimensoes/article/view/2585/2081. Acesso em: 02 fev. 2019.

BRASIL. **Emenda Constitucional n. 64, de 4 de fevereiro de 2010**. Diário Oficial da União, Brasília, 4 fev. 2010. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/emendas/emc/emc64.htm. Acesso: 15 jan. 2021.

_____. **Lei Nº 9.474, de 22 de julho de 1997**. Define mecanismos para a implementação do Estatuto dos Refugiados de 1951, e determina outras providências.
Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9474.htm#:~:text=Define%20mecanismos%20para%20a%20implementa%C3%A7%C3%A3o,1951%2C%20e%20determina%20outras%20provid%C3%AAncias.&text=Art.&text=III%20%2D%20devido%20a%20grave%20e,buscar%20ref%C3%BAgio%20em%20outro%20pa%C3%ADs. Acesso: 15 jan. 2019

_____. Ministério da Saúde (MS). Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Política Nacional de Alimentação e Nutrição** 2. ed. rev. Brasília: MS; 2003. Disponível em https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_alimentacao_nutricao.pdf. Acesso: 15 jan. 2021.

_____. **Resolução Normativa Nº 17, de 20 de setembro de 2013**. Dispõe sobre a concessão de visto apropriado, em conformidade com a Lei nº 6.815, de 19 de agosto de 1980, e do Decreto 86.715, de 10 de dezembro de 1981, a indivíduos forçosamente deslocados por conta do conflito armado na República Árabe Síria. Disponível em: https://www.legisweb.com.br/legislacao/?id=258708. Acesso: 15 jan. 2019

_____. **Resolução Normativa nº 25, de 14 de setembro de 2017**. Prorroga a vigência da Resolução Normativa nº 17, de 20 de setembro de 2015. Disponível em: https://www.in.gov.br/web/dou/-/resolucao-normativa-n-25-de-14-de-setembro-de-2017-19296756. Acesso em: 15 jan. 2019.

_____. **Resolução Nº 510, de 7 de abril de 2016**. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2016/res0510_07_04_2016.html. Acesso em: 15 mai. 2019.

_____. Ministério da Justiça. **Refúgio em números 4ª edição**. Cenário Brasil e mundo até dezembro de 2018. Disponível em: https://www.justica.gov.br/seus-direitos/refugio/anexos/RefgioemNmeros_2018.pdf. Acesso em: 04 jan. 2019

BRIGHTWELL, M. G. S. L. Sentir-se em casa longe de casa: a comida no cotidiano de migrantes brasileiros em Londres. **Tessituras**, v. 3, n.2, p. 60-78, dez./2015. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/288993933_SENTIR-SE_EM_CASA_LONGE_DE_CASA_A_comida_no_cotidiano_de_migrantes_brasileiros_em_Londres. Acesso em: 5 dez.2020.

BRZOZOWSKI, Jan. Migração internacional e desenvolvimento econômico. **Estudos Avançados**, s.i, v. 26, n. 75, p. 137-156, ago./2012. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/262634692_Migracao_internacional_e_desenvolvimento_economico. Acesso em: 22 nov. 2020.

BURGE, Candice; DHAROD, Jigna M.. What Are the Nutrition Education Needs of Refugees: Assessment of Food Choices, Shopping and Spending Practices of South-Asian Refugees in the USA. **Journal of International Migration and Integration**, SPRINGER, v. 19, n. 3, p. 555-564, ago./2018. Disponível em: https://doi.org/10.1007/s12134-018-0565-1. Acesso em: 19 dez. 2020.

BURNS, Cate. Effect of Migration on Food Habits of Somali Women Living as Refugees in Australia. **Ecology of Food and Nutrition**, United Kingdom, v. 43, n. 3, p. 213-229, ago./2010. Disponível em: https://doi.org/10.1080/03670240490447541. Acesso em: 20 set. 2018.

CANESQUI, Ana Maria; GARCIA, R. W. D. **Antropologia da Nutrição: um diálogo possível.** 1. ed. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005. p. 1-306.

CARNEIRO, Henrique S. COMIDA E SOCIEDADE: SIGNIFICADOS SOCIAIS NA HISTÓRIA DA ALIMENTAÇÃO. **História: Questões & Debates**, [S.l.], v. 42, n. 1, june 2005. ISSN 2447-8261. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/historia/article/view/4640/3800>. Acesso em: 19 mar 2021.

CENTRAAL ORGAAN OPVANG ASIELZOEKERS. **Rights and obligations**. Disponível em: https://www.coa.nl/en/reception-of-asylum-seekers/rights-and-obligations. Acesso em: 20 jan. 2019.

CHAPMAN, Gwen E.; BEAGAN, Brenda L. Food practices and transnational identities: case studies of two Punjabi-Canadian families. **Food, Culture and**

Society: An International Journal of Multidisciplinary Research, London, v. 16, n. 3, p. 367-386, set./2013. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Brenda_Beagan/publication/267210236_Food_Practices_and_Transnational_Identities_Case_Studies_of_Two_Punjabi-Canadian_Families/links/556f2a6608aefcb861dd5029/Food-Practices-and-Transnational-Identities-Case-Studies-of-Two-Punjabi-Canadian-Families.pdf. Acesso em: 29 mai. 2020.

CONTRERAS, Jesús; GRACIA, Mabel. **Alimentação Sociedade e Cultura**. 1ª ed. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2011

DAMATTA, Roberto. **O que faz o Brasil, Brasil?** 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1986. p. 1-86. Disponível em: http://hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/Da_Matta-O_que_faz_Brasil_Brasil.pdf. Acesso em: 03 abr. 2019.

DAVIS, R. et al. Refugees from Syria. **Centre For Applied Linguistics**. Cultural Orientation Research Center, United States, v. 08, p. 1-15, nov./2014. Disponível em: http://www.culturalorientation.net/library/publications/refugees-from-syria. Acesso em: 3 jan. 2020.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **O planejamento da pesquisa qualitativa.** Tradução de Sandra Regina Netz. 2. ed. Porto Alegre: ARTMED, 2006. 432 p.

DHAROD, J. M. *et al*. Lifestyle and Food-Related Challenges Refugee Groups Face Upon Resettlement: Do we Have to Move Beyond Job and Language Training Programs? **Journal of Hunger & Environmental Nutrition**, United States, v. 8, n. 2, p. 187-199, jun./2013. Disponível em: https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/19320248.2012.761574. Acesso em: 1 dez. 2018.

ELSHAHAT, Sarah; MOFFAT, Tina. Dietary practices among Arabic-speaking immigrants and refugees in Western societies: A scoping review. **Appetite**, v. 154, n. 1, p. 1-11, mai./2020. Disponível em: https://doi.org/10.1016/j.appet.2020.104753. Acesso em: 20 dez. 2020.

EMBAIXADA DO BRASIL EM BEIRUTE. **Informações práticas sobre refúgio e concessão de vistos de caráter humanitário para indivíduos afetados pelo conflito armado na Síria.** Disponível em: http://cgbeirute.itamaraty.gov.br/pt-br/refugio_e_concessao_de_vistos_humanitarios.xml. Acesso em: 2 mar. 2019.

ENCYCLOPÆDIA BRITANNICA. **Syria**. Imagem. Disponível em: https://www.britannica.com/place/Syria#/media/1/578856/61852. Acesso em: 15 nov. 2020

FARAH, P. D. Combates à xenofobia, ao racismo e à intolerância. **Revista USP**, n. 114, p. 11-30, 2017. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/142365. Acesso em: 05 mai. 2019.

FERRAZ, Thaís Chaves. Acordos cotidianos: os conceitos de halal (permitido) e haram (ilícito) entre muçulmanos xiitas e sunitas do Rio de Janeiro e suas escolhas alimentares. In: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 31., 2018, Brasília. Anais. Brasília: Associação Brasileira de Antropologia, 2018. p. 1-11. Disponível em: http://www.evento.abant.org.br/rba/31RBA/files/1539543319_ARQUIVO_CHAVES FERRAZ_THAIS_Acordoscotidianos.pdf. Acesso em: 24 jan. 2021.

FISCHLER, Claude. Food, self and identity. **Social Science Information**, França, v. 27, n. 2, p. 275-292, jun./1988. Disponível em: https://doi.org/10.1177/053901888027002005. Acesso em: 16 set. 2020.

G1, GLOBO.COM. **Parlamento confirma vitória de Bashar al-Assad nas eleições na Síria**. (2014) Disponível em: http://g1.globo.com/mundo/siria/noticia/2014/06/parlamento-confirma-vitoria-de-bashar-al-assad-na-eleicoes-na-siria.html. Acesso em: 25 jan. 2019.

GALLEGOS, Danielle; ELLIES, Pernilla; WRIGHT, Janine. Still there's no food! Food insecurity in a refugee population in Perth, Western Australia. **Journal of Dietitian Association of Australia**, Australia, v. 65, n. 1, p. 78-83, fev./2008. Disponível em: https://doi.org/10.1111/j.1747-0080.2007.00175.x. Acesso em: 1 ago. 2018.

GANDIN, ARTHUR. **Especial Dia Nacional da Comunidade Árabe: em meio a mudanças, região da rua 25 de Março, em São Paulo, segue com tradição árabe.** Instituto da Cultura Árabe (2017). Disponível em: https://icarabe.org/node/2993. Acesso em: 20 dez. 2020.

GHATTAS, H. *et al*. Poverty, food insecurity, and health of Palestinian refugees in Lebanon and recently displaced from Syria to Lebanon: findings from the 2015 socioeconomic household survey. **The Lancet**, United Kingdom, v. 391, n. 1, p. 5-11, fev./2018. Disponível em: https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0140673618303362. Acesso em: 05 jan. 2019

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008. p. 1-220.

GOMES, Charles P.; SOUZA, M. A. D. Perfil socioeconômico dos refugiados no Brasil. Elementos para subsídio de políticas públicas.: Rio de Janeiro. **Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados**, Curitiba, v. 2, n. 1, p. 129-143, mai./2019. Disponível em: https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2019/06/VOL.-II-PERFIL-SOCIOECONOMICO-DOS-REFUGIADOS-final.pdf. Acesso em: 21 nov. 2020.

GONZALES, Amélia. **O sucesso dos jovens sírios que vendem salgados no Rio e nossa chance de conhecer melhor a história de refugiados**. G1 (2015). Disponível em: http://g1.globo.com/natureza/blog/nova-etica-social/post/o-sucesso-

dos-jovens-sirios-que-vendem-salgados-no-rio-e-nossa-chance-de-conhecer-melhor-historia-de-refugiados.html. Acesso em: 26 dez. 2020.

GÜRHAN, Nazife. Migratory Kitchen: The Example of Syrians in Mardin. **Journal of Sociological Research,** United States, v. 21, n. 2, p. 86-113, ago./2018. Disponível em: https://dergipark.org.tr/en/download/article-file/563181. Acesso em: 27 dez. 2020.

HADJAB, Patrícia Dario El-Moor. **Alimentação, memória e identidades Árabes no Brasil**. 2014. 230 f. Tese (Doutorado) - Curso de Sociologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2014. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/17546/1/2014_PatriciaDarioElmoorHadjab.pdf. Acesso em: 08 jan. 2021.

HALL, Stuart. **Identidade cultural na pós-modernidade**. 11ª edição. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

HOLTZMAN, Jon D. Food and Memory. **Annual Review of Anthropology**, United States, v. 35, n. 1, p. 361-378, set./2006. Disponível em: https://www.annualreviews.org/doi/abs/10.1146/annurev.anthro.35.081705.123220. Acesso em: 21 dez. 2018.

HUIZINGA, Rik P.; HOVEN, Bettina Van. Everyday geographies of belonging: Syrian refugee experiences in the Northern Netherlands. **Geoforum**, Netherlands, v. 96, n. 1, p. 309-3017, nov./2018. Disponível em: https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S001671851830263X. Acesso em: 3 jan. 2021.

INTERNATIONAL ORGANIZATION FOR MIGRATION (IOM). **Glossary on Migration. International Organization for Migration. Geneva.** Nº34. 2019. Disponível em: < https://publications.iom.int/system/files/pdf/iml_34_glossary.pdf>. Acesso em: 20 Jul 2020.

JUNTA LOCAL. **Ajuntados da Junta: Luciara Franco**. Disponível em: https://revista.juntalocal.com/ajuntados-da-junta-luciara-franco/. Acesso em: 7 jan. 2021.

KAVIAN, F. et al. Migration, Stress and the Challenges of Accessing Food: An Exploratory Study of the Experience of Recent Afghan Women Refugees in Adelaide, Australia. **International Journal of Environmental Research Public Health and, Switzerland**, v. 17, n. 4, p. 1-16, fev./2020. Disponível em: https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7068606/. Acesso em: 18 dez. 2020.

KERSHEN, Anne. Food in the British immigrant experience. **Journal of Migration & Culture**, London, v. 5, n. 2, p. 211-224, set./2014. Disponível em: https://doi.org/10.1386/cjmc.5.2-3.201_1. Acesso em: 7 dez. 2020.

KRAUSE, Ulrike. Researching forced migration: critical reflections on research ethics during fieldwork. **Refugee Studies Centre**. Oxford, v. 123, n. 1, p. 1-36, ago./2017.

Disponível em: https://www.rsc.ox.ac.uk/publications/researching-forced-migration-critical-reflections-on-research-ethics-during-fieldwork. Acesso em: 5 mai. 2019.

LIEMPT, Ilse Van; MIELLET, Sara. Being far away from what you need: the impact of dispersal on resettled refugees' homemaking and place attachment in small to medium-sized towns in the Netherlands. **Journal of Ethnic and Migration Studies**, p. 1-19, dez./2020. Disponível em: https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/1369183X.2020.1845130 Acesso em: 4 jan. 2021.

LIMA, Gabriela Figueiredo. **A aculturação alimentar do consumidor sírio: uma abordagem evolucionista**. 2019. 169 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Administração, Universidade Federal do Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/30293/1/Disserta%c3%a7%c3%a3o%20-%20GABRIELA%20FIGUEIREDO%20LIMA.pdf. Acesso em: 02 jan. 2021.

LOCHER, J. L. et al. Comfort Foods: An Exploratory Journey Into The Social and Emotional Significance of Food. **Food and Foodways: Explorations in the History and Culture of Human Nourishment**, v. 13, n. 4, p. 273-297, jun./2006. Disponível em: http://dx.doi.org/10.1080/07409710500334509. Acesso em: 20 dez. 2020.

LONGHI, Maddalena. **Foodways away from home. The symbolic value of food in the experience of refugees in Berlin**. 2018. 155 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Línguas Modernas Para A Comunicação e Cooperação Internacional, Universidade de Pádua, Pádua, 2018. Disponível em: http://tesi.cab.unipd.it/60949/. Acesso em: 18 dez. 2018.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo (SP): EPU; 1986.

MACIEL, Maria Eunice. **A identidade cultural e alimentação**. In: CANESQUI, Ana Maria; GARCIA, Rosa Wanda Diez. Alimentação e Nutrição: um diálogo possível. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2005.

MANZINI, E.J. Entrevista semi-estruturada: análise de objetivos e de roteiros. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE PESQUISA E ESTUDOS QUALITATIVOS, 2, 2004, Bauru. A pesquisa qualitativa em debate. Bauru: USC, 2004. CD-ROOM. ISBN:85-98623-01-6. 10p.
Disponível em: https://www.marilia.unesp.br/Home/Instituicao/Docentes/EduardoManzini/Manzini_2004_entrevista_semi-estruturada.pdf. Acesso em: 18 dez. 2018.

MENASCHE, Renata; ALVAREZ, Marcelo; COLLAÇO., Janine. **Dimensões socioculturais da alimentação: diálogos latino-americanos**. 1. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2012. p. 1-264.

MIAZGA, Sylwia. Stereotypes of Refugees as Presented in the Media and the Reality of Problems Linked with Cultural Adaptation and Social Integration of the Immigrant Children. **Social Communication**, Poland, v. 4, n. 1, p. 30-37, mai./2019.

MINAYO, M. C. D. S. AMOSTRAGEM E SATURAÇÃO EM PESQUISA QUALITATIVA: CONSENSOS E CONTROVÉRSIAS. **Revista Pesquisa Qualitativa**, São Paulo, v. 5, n. 7, p. 1-12, abr./2017. Disponível em: https://editora.sepq.org.br/index.php/rpq/article/view/82/59. Acesso em: 4 dez. 2020.

MINTZ, Sidney W. Comida e antropologia: uma breve revisão. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 16, n. 47, p. 31-42, out./2001. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0102-69092001000300002. Acesso em: 15 nov. 2020.

MINTZ, Sidney W.; BOIS, C. M. D. The Anthropology of Food and Eating. **Annual review of Anthropology**, v. 31, n. 1, p. 99-119, mai./2002.

MONTANARI, Massimo. **Comida como cultura.** 1. ed. São Paulo: Senac, 2008. p. 1-149.

NAPIER, D. et al. Cultural Contexts of Health and Well-being: Culture matters: using a cultural context of health approach to enhance policy-making. **World Health Organization**: Europe, Copenhagen, p. 54, 2017. Disponível em: <http://www.euro.who.int/__data/assets/pdf_file/0009/334269/14780_World-Health-Organisation_Context-of-Health_TEXT-AW-WEB.pdf?ua=1>. Acesso em: 20 Dez 2018.

ORGANIZAÇÃO PARA COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO (OCDE). **Education at a Glance** 2020. Disponível em: https://www.oecd.org/education/education-at-a-glance/. Acesso em: 23 jan. 2021.

OLIVEIRA, M. O. R. D. et al. Uma comparação entre entrevistas face to face e entrevistas on-line via chat, aplicando-se a técnica laddering. **Gestão e Regionalidade**. v. 25, n. 75, p. 57-72, set./2009. Disponível em: https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_gestao/article/download/195/113/677. Acesso em: 1 ago. 2019.

OLIVEIRA, M. A. A. D; VANZELLA, Elidio; BRAMBILLA, Adriana. **ALIMENTAÇÃO & CULTURA - PROCESSOS SOCIAIS**: : sistemas culinários em contexto de ressignificações, comensalidade, processos discursivos e religiosos. 1. ed. João Pessoa: CCTA, 2019. p. 1-459.

ONU NEWS. **Acnur: Venezuela tem segunda maior crise de refugiados do mundo após Síria.** Disponível em: https://news.un.org/pt/audio/2019/10/1692481. Acesso em: 6 jan. 2021.

OSEI-KWASI, H. A. *et al*. Systematic mapping review of the factors influencing dietary behaviour in ethnic minority groups living in Europe: a DEDIPAC study. **International Journal of Behavioral Nutrition and Physical Activity volume**, Netherlands, v. 13, n. 85, p. 1-17, jul./2016.

PARASECOLI, Fabio. Food, Identity, and Cultural Reproduction in Immigrant Communities. **Social Research: An International Quarterly**, United States, v. 81, n. 2, p. 415-439, ago./2014. Disponível em: https://muse.jhu.edu/article/549124/summary. Acesso em: 19 dez. 2020.

PARES CÁRITAS-RJ. **NÚMEROS DO REFÚGIO. Refúgio no Brasil em 2020**. Disponível em: http://www.caritas-rj.org.br/numeros-refugio-no-brasil.html. Acesso em: 11 nov. 2020.

_____. **O que fazemos?** Disponível em: http://www.caritas-rj.org.br/opares.html. Acesso em: 14 jan. 2020.

_____. **Projetos.** Disponível em: http://www.caritas-rj.org.br/projetos.html. Acesso em: 19 jan. 2019.

PIRES, Álvaro P. **Epistemologia e teoria: Sobre algumas questões epistemológicas de uma metodologia geral para as ciências sociais**. In: POUPART, J. et al. A pesquisa qualitativa: Enfoques epistemológicos e metodológicos. Tradução de Ana Cristina Nasser. Petrópolis: Vozes, 2008.

POLÍCIA FEDERAL. **Solicitação de refúgio.** Disponível em: http://www.pf.gov.br/servicos-pf/imigracao/refugio. Acesso em: 2 fev. 2019.

PONS, Silvia Carrasco. Pontos de Partida Teórico-metodológicos para o Estudo Sociocultural da Alimentação em um Contexto de Transformação. In: CANESQUI, Ana Maria; GARCIA, Rosa Wanda Diez. Alimentação e Nutrição: um diálogo possível. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2005.

PORRECA, F. I. *et al*. Dialogues and Tensions in the Eating Habits of Syrian Refugees Living in São Paulo, Brazil. **Ecology of Food and Nutrition**, United Kingdom, v. 59, n. 2, p. 175-194, out./2019. Disponível em: https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/31661318/. Acesso em: 11 set. 2020.

POULAIN, Jean-Pierre; PROENCA, Rossana Pacheco da Costa. Reflexões metodológicas para o estudo das práticas alimentares. **Revista de Nutrição,** Campinas, v. 16, n. 4, p. 365-386, dez. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-52732003000400001&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 12 jan. 2021. https://doi.org/10.1590/S1415-52732003000400001.

QUEIROZ, Thayná Holanda Magalhães Diógenes. **Refugiados Sírios em Fortaleza -Entre Guerra, Lei e Fronteiras.** 2020. 59 f. TCC (Graduação) - Curso de Ciências Sociais, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2020. Disponível em: http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/55491/1/2020_tcc_thmdqueiroz.pdf. Acesso em: 05 jan. 2021.

QUOSH, Constanze; AJLANI, L. E. &. R. Mental health of refugees and displaced persons in Syria and surrounding countries: a systematic review. **Intervention: International Journal of Mental Health, Psychosocial Work & Counselling in Areas of Armed Conflict**, Washington, DC, v. 11, n. 3, p. 276-294, jan./2013. Disponível em: https://doi.org/10.1097/WTF.0000000000000013. Acesso em: 9 set. 2019.

RONDINELLI, A. J. *et al*. Under- and Over-Nutrition Among Refugees in San Diego County, California. **Journal of Immigrant and Minority Health**, Germany, v. 13, n. 1, p. 161-168, mai./2010. Disponível em: https://link.springer.com/article/10.1007/s10903-010-9353-5. Acesso em: 10 set. 2018.

SATIA-ABOUT A, Jessie. *et al*. Dietary acculturation. Applications to nutrition research and dietetics. **Journal of Academy of Nutrition and Dietetics**, United States, v. 102, n. 8, p. 1105–1118, ago./2002. Disponível em: https://jandonline.org/article/S0002-8223(02)90247-6/fulltext. Acesso em: 5 jan. 2019.

SCAGLIUSI, F. B. *et al*. Representations of Syrian food by Syrian refugees in the city of São Paulo, Brazil: An ethnographic study. **Appetite** , Birmingham, v. 129, n. 2018, p. 236-244, ago./2018. Disponível em: https://doi.org/10.1016/j.appet.2018.07.014. Acesso em: 5 jan. 2019.

SECRETARIA MUNICIPAL DE SAÚDE. **Recomeço - A experiência da Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro no atendimento aos refugiados.** Disponível em: https://issuu.com/asasrio/docs/recomeco. Acesso em: 27 dez. 2020

SELLEN, Daniel W; TEDSTONE, Alison E; FRIZE, Jacqueline. Food insecurity among refugee families in East London: results of a pilot assessment. **Public Health Nutrition**, Cambridge, v. 5, n. 5, p. 637-644, dez./2006. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Daniel_Sellen/publication/11087961_Food_insecurity_among_refugee_families_in_East_London_results_of_a_pilot_assessment/links/5407c7810cf2bba34c2470f5/Food-insecurity-among-refugee-families-in-East-London-results-of-a-pilot-assessment.pdf. Acesso em: 18 dez. 2018.

SILVA, Filipe Rezende; FERNANDES, Duval. Desafios enfrentados pelos imigrantes no processo de integração social na sociedade brasileira. **Revista do Instituto de Ciências Humanas**, Belo Horizonte, v. 13, n. 18, p. 50-64, dez./2017. Disponível em: http://periodicos.pucminas.br/index.php/revistaich/article/view/16249#:~:text=Resumo,%2C%20idioma%2C%20preconceito%20e%20xenofobia. Acesso em: 5 mai. 2019.

SYRIAN OBSERVATORY FOR HUMAN RIGHTS. **During 7 consecutive years… about 511 thousand people killed since the start of the Syrian revolution in**

2011. 2018. Disponível em: https://www.syriahr.com/en/86573/. Acesso em: 05 fev. 2021.

THE GUARDIAN. **Destitute Syrian refugees in Jordan and Lebanon may return to warzone.** Disponível em: https://www.theguardian.com/global-development/2015/sep/11/destitute-syrian-refugees-jordan-lebanon-may-return-to-warzone. Acesso em: 20 dez. 2018.

THE GUARDIAN. **Asylum seekers 'could contribute £42m to UK' if work rules relaxed.** Disponível em: https://www.theguardian.com/uk-news/2018/oct/16/asylum-seekers-could-contribute-42m-to-uk-if-work-rules-relaxed. Acesso em: 1 fev. 2019.

TERRAGNI, L. E. A. Migration as a Turning Point in Food Habits: The Early Phase of Dietary Acculturation among Women from South Asian, African, and Middle Eastern Countries Living in Norway. **Ecology of Food and Nutrition**, 15 Abril 2014. 273-291. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Laura_Terragni/publication/261739886_Migration_as_a_Turning_Point_in_Food_Habits_The_Early_Phase_of_Dietary_Acculturation_among_Women_from_South_Asian_African_and_Middle_Eastern_Countries_Living_in_Norway/links/550832160cf2d7a281276601/Migration-as-a-Turning-Point-in-Food-Habits-The-Early-Phase-of-Dietary-Acculturation-among-Women-from-South-Asian-African-and-Middle-Eastern-Countries-Living-in-Norway.pdf. Acesso em: 08 jan. 2021

TERRAGNI, Laura; ROOS, Gun. People Moving with Food from and to Northern Europe: Food, Migration and Multiculturalism. **Anthropology of food [Online]**, v. 12, Número, jan./2019. Disponível em: https://journals.openedition.org/aof/9123. Acesso em: 11 nov. 2020.

TUOMAINEN, Helena. Eating alone or together? Commensality among Ghanaians in London. **Anthropology of Food**, UK, v. 14, n. 10, p. XX-YY, nov./2014. Disponível em: https://journals.openedition.org/aof/7718. Acesso em: 18 dez. 2020.

UNITED NATIONS HIGH COMMISSIONER FOR REFUGEES. **Global Trends: Forced Displacement** in 2019. Disponivel em: < https://www.unhcr.org/statistics/unhcrstats/5ee200e37/unhcr-global-trends-2019.html>. Acesso em: 22 nov 2020.

_____. **UNHCR appalled at news of refugee and migrant deaths on Mediterranean Sea.** Disponível em: https://www.unhcr.org/news/press/2019/1/5c41e8a04/unhcr-appalled-news-refugee-migrant-deaths-mediterranean-sea.html. Acesso em: 20 jul. 2019

_____. **Figures at a Glance.** Disponível em: https://www.unhcr.org/figures-at-a-glance.html. Acesso em: 20 nov. 2020.

_____. **The sea route to Europe: The Mediterranean passage in the age of refugees**. Disponível em: https://www.unhcr.org/protection/operations/5592bd059/sea-route-europe-mediterranean-passage-age-refugees.html. Acesso em: 18 fev. 2019.

UNITED NATIONS POPULATION FUND. **Women & Girls Safe Spaces**. 2015. Disponível em: https://www.unfpa.org/sites/default/files/resource-pdf/UNFPA%20UNFPA%20Women%20and%20Girls%20Safe%20Spaces%20Guidance%20%5B1%5D.pdf. Acesso em: 25 jan. 2021.
.

UNITED NATIONS. **Universal Declaration of Human Rights**: Article 25. 1948. Disponível em: https://www.un.org/en/about-us/universal-declaration-of-human-rights. Acesso em: 8 jan. 2021.

VANDEVOORDT, Robin. The Politics of Food and Hospitality: How Syrian Refugees in Belgium Create a Home in Hostile Environments. **Journal of Refugee Studies**. v. 30, n. 4, p. 605-621, mai./2017. Disponível em: https://doi.org/10.1093/jrs/fex017. Acesso em: 30 dez. 2020.

VIVAS, Laila. Análisis de la estrategia alimentaria en la acogida de personas refugiadas en Cataluña (España). **Rev. Bioética y Derecho**, Barcelona, n. 46, p. 167-183, 2019. Disponível em <http://scielo.isciii.es/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1886-58872019000200011&lng=es&nrm=iso>. Acesso em: 7 jan. 2021. Epub 01-Oct-2019.

WORLD FOOD PROGRAM. **SYRIA - Review on the impact of rising food prices. Food Security Update: March 2020.** Disponível em: https://reliefweb.int/report/syrian-arab-republic/syria-review-impact-rising-food-prices-food-security-update-march-2020. Acesso em: 25 jan. 2021

WORDOMETERS. **Syria Population (LIVE)**. Disponível em: https://www.worldometers.info/world-population/syria-population. Acesso em: 23 jan. 2021.

WYCKAERTA, Elizabeth; LEINFELDERB, Hans; DECKERC, Pascal De. Stuck in the Middle: The Transition from Shelter to Housing for Refugees in Belgium. **Transactions of the Association of European Schools of Planning.** v. 4, p. 74-88, jun./2020. Disponível em: https://ppulresearch-kuleuven.be/wp-content/uploads/2020/11/6_Wyckaert-Leinfelder-Decker_1.pdf. Acesso em: 3 jan. 2021.

YHOUNG-AREE, Jinata; PUWASTIEN, Prapasri; ATTIG, George A. Edible insects in Thailand: An unconventional protein source? **Ecology of Food and Nutrition,** v. 36, n. 4, p. 133-149, set./1997. Disponível em: https://www.researchgate.net/deref/http%3A%2F%2Fdx.doi.org%2F10.1080%2F03670244.1997.9991511. Acesso em: 2 jan. 2021.

YOKOHAMA, F. I. et al**. Plano Estadual de Políticas Públicas para a Promoção e Defesa de Direitos de Refugiados, Migrantes e Apátridas do Paraná/2014-2016**. Governo Estadual do Paraná. Paraná, p. 31. 2014. Disponível em: http://www.dedihc.pr.gov.br/arquivos/File/2015/PlanoEstadualMigranteRefugiadoParana.pdf. Acesso em: 19 jan. 2019.

ZAMAN, Meryem Fatima. **The Semiotics of Revivalist Islam: women, space, and stories in pakistan's islamic movements.** 2014. 240 f. Tese (Doutorado) - Curso de Antropologia, Michigan State University, Estados Unidos, 2014. Disponível em: https://d.lib.msu.edu/etd/2436/datastream/OBJ/download/The_semiotics_of_revivalist_Islam___women__space__and_stories_in_Pakistan_s_islamic_movements.pdf. Acesso em: 25 jan. 2021.

ZURAYAK, Rami. GLOBAL VIEWS OF LOCAL FOOD SYSTEMS: Civil War and the Devastation of Syria's Food System. **Journal of Agriculture, Food Systems, and Community Development**, Beirut, v. 3, n. 2, p. 7-9, mar./2013. Disponível em: https://www.foodsystemsjournal.org/index.php/fsj/article/view/155/148. Acesso em: 1 dez. 2020

GLOSSÁRIO

Ayran: bebida de iogurte com sal
Falafel: bolinho de grão de bico, ou fava frito
Fatteh: feito com grão de bico, iogurte, tahine, alho e sal. Servido no pão árabe.
Fattoush: salada de pepino, rabanete, cebola, tomate e sumac com pedaços de pão árabe torrado.
Foole: salada feita com grãos de fava, tomate, salsa, cebola, alho, azeite de oliva e limão
Halaweh: Um pedaço de pasta de gergelim cravejado de frutas e doces / doces.
Hummus: pasta de grão de bico cozido, misturado com tahine, azeite, suco de limão, sal e alho.
Kanafeh: Sobremesa de massa folhada recheada com queijo branco doce, nozes e calda.
Labne/coalhada: iogurte coado com gosto semelhante ao creme de leite, porém mais ácido.
Mahshi: abobrinha ou berinjela recheada com carne moída ou cordeiro, nozes e arroz.
Makdous: conserva de pequenas berinjelas recheadas com nozes, pimentão, alho e sal
Molokhia: são folhas geralmente utilizadas desidratadas ou frescas, acompanhada de frango, carne ou cordeiro
Shawarma: Carne fatiada e marinada assada em espeto, servida em pão árabe com cebola fresca e saladas
Sumac: especiaria do oriente médio que possui sabor ácido
Tahine: pasta de gergelim
Tabule: salada composta majoritariamente por salsa, pepino, hortelã, tomate e um pouco de trigo pra kibe
Za’atar: tempero feito com orégano, sumac, cominho, gergelim, sal e pimenta

APÊNDICE A – CARTA CONVITE PARA PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO – UFRJ
Instituto de Nutrição Josué de Castro - INJC
Av. Carlos Chagas Filho, 373 - bloco J 2 andar - Cidade Universitária da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro - RJ
Fone: (21) 3938-6399

CARTA CONVITE PARA PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA

Prezado (a),

Gostaríamos de te convidar para participar da pesquisa, realizada como projeto de dissertação do Mestrado em Nutrição Humana da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), intitulada "COMIDA E REFÚGIO: MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS NO SISTEMA CULINÁRIO DE REFUGIADOS DO CONFLITO SÍRIO". Esta pesquisa tem como objetivo analisar aspectos relacionados à comida, como a seleção, preparo, consumo de alimentos antes e após o tempo de refúgio. Espera-se que os resultados deste estudo possibilitem o profundo conhecimento sobre a alimentação de refugiados afetados pelo conflito da síria, tais como a formulação de condutas que levem em consideração suas crenças, gostos e costumes e no desenvolvimento de políticas públicas. Sendo assim, estamos te convidando para entrevista, onde faremos perguntas relacionadas a sua a alimentação antes e após a chegada no Rio de Janeiro. Além disso, será solicitado o preenchimento de um questionário sociodemográfico. Destacamos que, a sua participação no estudo é muito importante para a produção de conhecimento acerca do tema, e que a presente pesquisa obteve aprovação do COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA, sob número CAAE: 14219019000005257, mediante análise das questões éticas, que envolvem a dignidade dos sujeitos envolvidos. Caso tenha interesse em participar, você receberá um documento, onde serão fornecidas informações referentes a sua participação no estudo, riscos, benefícios e confidencialidade dos dados, acompanhados da sua versão em árabe. Informamos que a entrevista poderá ser realizada de forma presencial ou não presencial (online/telefone) em horário e dia da sua preferência.

Atenciosamente,

Amanda Cunha Nicolau

دعوة للمشاركة في البحث

عزيزي /عزيزتي

نود أن ندعوك للمشاركة في البحث ، الذي تم إجراؤه كمشروع للحصول على ماجستير في التغذية البشرية من الجامعة الفيدرالية في ريو دي جانيرو

بعنوان "الغذاء واللجوء: التغيرات التي تحدث للاجئين في نظام الطهي مع الصراع السوري

. يهدف هذا البحث إلى تحليل الجوانب المتعلقة بالغذاء ، مثل اختيار وإعداد واستهلاك الطعام قبل وبعد وقت اللجوء. ومن المنتظر أن تتيح نتائج هذه الدراسة معرفة عميقة حول إطعام اللاجئين المتأثرين بالصراع السوري ، مع الأخذ في الاعتبار معتقداتهم وأذواقهم وعاداتهم ، لذلك ، فإننا ندعوك لإجراء مقابلة ، حيث سنطرح أسئلة تتعلق بطعامك قبل وبعد وصولك إلى ريو دي جانيرو. بالإضافة إلى ذلك ، سيُطلب منك عمل استبيان اجتماعي ديموغرافي. نؤكد أن مشاركتك في الدراسة مهمة جدًا حتى تتثنى لنا معرفة عميقة عن الموضوع، وأن هذا البحث قد تمت الموافقة عليه من قبل لجنة الأخلاق البحثية ،من خلال تحليل القضايا الأخلاقية التي تتعلق بكرامة الأشخاص المعنيين. إذا كنت مهتمًا بالمشاركة ، سوف تتلقى مستندًا به معلومات بخصوص مشاركتك في الدراسة والأضرار والفوائد وسرية البيانات ، مصحوبة بنسختها العربية. قد تكون المقابلة شخصية أو غير شخصية (عبر الإنترنت / عبر الهاتف)... في الوقت واليوم الذي تفضله

تحياتي

أماندا كونها نيكولاو

APÊNDICE B – INFORMAÇÕES PREVISTAS PARA O CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO SOBRE A PESQUISA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO – UFRJ
Instituto de Nutrição Josué de Castro – INJC
Programa de Pós-Graduação em Nutrição-PPGN

INFORMAÇÕES PREVISTAS PARA O CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO SOBRE A PESQUISA

Prezado (a) participante,

Você está sendo convidado a participar de uma pesquisa intitulada: **"COMIDA E REFÚGIO: MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS NO SISTEMA CULINÁRIO DE REFUGIADOS DO CONFLITO SÍRIO".** Esta pesquisa tem como **objetivo** conhecer como é a seleção, preparo, consumo de alimentos antes e após o período de refúgio.

PARTICIPAÇÃO NO ESTUDO: você será entrevistado durante aproximadamente 60 minutos. Você poderá escolher em ser entrevistado de forma presencial ou não presencial (*online*/telefone). A entrevista será gravada para permitir o registro completo das informações fornecidas. **Você tem a liberdade de não querer participar da pesquisa. Sua decisão de participar ou não será mantida em sigilo pela equipe de pesquisadores, de modo a não interferir e não prejudicar você.** Se desejar, poderá também retirar seus dados a qualquer momento, **sem nenhum prejuízo. Ressaltamos ainda que, o (a) Sr (a) não terá nenhuma despesa na participação desta pesquisa, e também não haverá nenhum tipo de pagamento ou gratificação financeira pela sua participação.**

RISCOS: a sua participação na pesquisa pode causar desconforto visto que as perguntas podem te remeter à lembranças indesejadas. Caso se sinta desconfortável, você tem o direito de interromper a participação em qualquer momento da pesquisa, bem como solicitar a exclusão de seus dados, sem qualquer penalização ou prejuízo.

BENEFÍCIOS: Sua entrevista ajudará a compreender o contexto que envolve comida e refúgio a partir da ótica de refugiados afetados pelo conflito da Síria, tais como suas adaptações ao contexto brasileiro. Os resultados dessa pesquisa poderão auxiliar na formulação de condutas que levem em consideração as suas crenças, gostos e costumes através do acolhimento culturalmente sensível.

CONFIDENCIALIDADE: Não existe risco de você ser identificado, pois embora a entrevista seja gravada, serão omitidos os nomes verdadeiros das pessoas entrevistadas e colocados nomes inventados. Garantimos que todas as informações obtidas na pesquisa são confidenciais, **ou seja, não serão acessadas por outras pessoas que não sejam pesquisadores. Somente os pesquisadores envolvidos** terão acesso aos seus dados, não sendo permitido, em qualquer hipótese, divulgar seus dados pessoais. As entrevistas com suas informações serão **guardadas** no Instituto de Nutrição Josué de Castro, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em local seguro, cujas informações **que você respondeu** serão digitadas em computadores de pesquisa. Em todo esse processo o acesso é restrito aos pesquisadores. As informações obtidas serão armazenadas pelo pesquisador principal por 5 anos. Os resultados da pesquisa serão divulgados em reuniões, congressos científicos, em livros e artigos publicados em revistas da área de saúde, migração e afins. Esses trabalhos não divulgam nomes das pessoas entrevistadas, apenas os resultados das informações coletadas como um todo, ou seja, de todas as pessoas entrevistadas, ao mesmo tempo. E, em qualquer momento da pesquisa você poderá consultar os entrevistadores ou entrar em contato com as pesquisadoras abaixo para questionar sobre os resultados e andamento da pesquisa. Após a defesa da Dissertação, os resultados da presente pesquisa poderão ser apresentados a você, em data a ser agendada.

Antes de falarmos com você, o projeto deste estudo foi avaliado e aprovado pelo COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA. Caso você queira entrar em contato com este Comitê, pode fazê-lo por meio dos telefones 3938-2480 / Fax: 3938-2481, pelo e- mail cep@hucff.ufrj.br e/ou pelo endereço R. Prof. Rodolpho Paulo Rocco, n.° 255 - 7º andar - Ala E. Cidade Universitária/Ilha do Fundão - Rio de Janeiro/RJ Informamos que a sua participação é absolutamente voluntária, portanto, não poderá ser fornecido qualquer tipo de ajuda financeira e ou ressarcimento da pesquisa. ***Agradecemos sua colaboração!***

Em qualquer etapa da pesquisa você poderá entrar em contato, em caso de dúvida, com as pesquisadoras pelas formas de contato disponibilizadas abaixo:

Amanda Cunha Nicolau - Tel.(s): 21-99199-6362; e-mail: amandanicolau@ufrj.br

Acredito ter sido suficientemente informado a respeito das informações sobre o estudo acima citado que li ou que foram lidas para mim. Eu discuti com a entrevistadora Amanda Cunha Nicolau sobre a minha decisão em participar desse estudo. Ficaram claras para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, seus desconfortos e riscos, as garantias de confidencialidade e de esclarecimento permanentes. Ficou claro também que minha participação é isenta de despesas. Concordo voluntariamente em participar deste estudo e que poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, sem penalidades, constrangimentos ou prejuízos. Eu recebi uma via deste documento.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO – UFRJ
Instituto de Nutrição Josué de Castro – INJC
Programa de Pós-Graduação em Nutrição-PPGN

عزيزي المشارك ،

أنت مدعو للمشاركة في استطلاع بعنوان: "الغذاء واللجوء: التغيرات التي تحدث للاجئين في نظام الطهي مع الصراع السوري".

يهدف هذا البحث إلى التعرف على اختيار وإعداد واستهلاك الطعام قبل وبعد فترة اللجوء

المشاركة في الدراسة: ستتم مقابلتك لمدة 60 دقيقة تقريبًا. يمكنك اختيار إجراء مقابلة شخصية أو غير شخصية (عبر الإنترنت / عبر الهاتف). سيتم تسجيل المقابلة للسماح بالتسجيل الكامل للمعلومات المقدمة. أنت حر في عدم الرغبة في المشاركة في الاستبيان. سوف يحافظ فريق البحث على قرارك بالمشاركة من عدمه ، حتى لا يكون هناك تدخل منا. ، يمكنك أيضًا سحب بياناتك في أي وقت دون أي ضرر. نؤكد أيضًا أنه لن يكون لديك أي نفقات للمشاركة في هذا البحث ، ولن يكون هناك أي نوع من المدفوعات أو المكافآت المالية لكي تشارك.

الأضرار: قد تتسبب مشاركتك في البحث في الشعور بعدم الراحة لأن الأسئلة يمكن أن تقودك إلى ذكريات غير مرغوب فيها. إذا شعرت بعدم الارتياح ، فيحق لك التوقف عن المشاركة في أي وقت أثناء الاستبيان ، وكذلك طلب حذف بياناتك ، دون أي مشكلة أو ضرر.

الفوائد: سوف تساعد مقابلتك على فهم علاقة الغذاء باللجوء من منظور اللاجئين المتأثرين بالنزاع السوري ، مثل تكيفهم مع النظام البرازيلي. قد تساعد نتائج هذا البحث في اعداد السلوكيات التي تأخذ في الاعتبار معتقداتهم وأذواقهم وعاداتهم من خلال التنوع الثقافي.

السرية: ليس هناك خطر من أن يتم تحديد هويتك ، لأنه على الرغم من تسجيل المقابلة ، سيتم حذف الأسماء الحقيقية للأشخاص الذين تمت مقابلتهم وستتم إضافة أسماء غير حقيقية. نحن نضمن أن جميع المعلومات التي سوف يتم الحصول عليها في الاستطلاع سرية ، أي أنه لن يتم الوصول إليها من قبل أشخاص آخرين غير الباحثين. سيتمكن الباحثون المعنيون فقط من الوصول إلى بياناتك ، ولا يُسمح تحت أي ظرف من الظروف بالكشف عن بياناتك الشخصية. سيتم الاحتفاظ بالمقابلات مع معلوماتك في المعهد التابع للجامعة الفيدرالية في ريو دي جانيرو ، في مكان آمن ، وستتم طباعة المعلومات التي أجبت عليها على كمبيوتر الأبحاث. خلال هذه العملية ، يقتصر الوصول على الباحثين. سيتم تخزين المعلومات التي حصل عليها الباحث الرئيسي لمدة 5 سنوات. تنشر نتائج البحث في اجتماعات ومؤتمرات علمية وفي كتب ومقالات تنشر في مجلات الصحة والهجرة والمجالات ذات الصلة. لا تكشف هذه الأعمال عن أسماء الأشخاص الذين تمت مقابلتهم ، بل تكشف فقط عن نتائج المعلومات التي تم جمعها ككل ، أي جميع الأشخاص الذين تمت مقابلتهم ، في نفس الوقت. وفي أي وقت أثناء الاستبيان ، يمكنك استشارة المحاورين أو الاتصال بالباحثين أدناه للاستفسار عن نتائج المسح وتقدمه. بعد مناقشة الأطروحة ، قد يتم عرض نتائج هذا البحث عليك في موعد يتم تحديده.

قبل أن نتحدث إليكم ، تم تقييم تصميم هذه الدراسة والموافقة عليها من قبل لجنة الأخلاق البحثية. إذا كنت ترغب في الاتصال بهذه اللجنة ، فيمكنك القيام بذلك عن طريق الاتصال بالرقم 3938-2480 / الفاكس: 3938-2481

عن طريق الأميل

cep@hucff.ufrj.br

العنوان

Rua Prof. Rodolpho Paulo Rocco, n.° 255 - 7º andar
Ala E. Cidade Universitária/Ilha do Fundão - Rio de Janeiro/RJ

عليك أن تعلم أن مشاركتك طوعية تمامًا ، لذلك لا نقوم بتقديم أي مساعدة مالية أو تعويض. شكرا لتعاونك

يمكنك الاتصال بالباحثين ، في أي مرحلة من مراحل البحث إذا كان لديك سؤال ، باستخدام نماذج الاتصال الواردة أدناه

الأسم

أماندا كونها نيكولاو

هاتف

21-99199-6362

البريد الإلكتروني

amandanicolau@ufrj.br

أعتقد أنني قد أُبلغت بشكل كاف بالمعلومات المتعلقة بالدراسة المذكورة أعلاه والتي قرأتها. ناقشت مع المحاور "أماندا كونها نيكولاو" حول قراري بالمشاركة في هذه الدراسة.وقد اتضح لي ما هي أغراض الدراسة ، والإجراءات الواجب القيام بها ، وفوائدها وأضرارها ، وضمانات السرية التامة. اصبح واضح أيضًا لي أن مشاركتي مجانية. أوافق طواعية على المشاركة في هذه الدراسة وأنني اذا اردت سوف أتمكن من سحب موافقتي في أي وقت ، دون عقوبات أو قيود أو أضرار. وأنني قد تلقيت نسخة من هذه الوثيقة.

APÊNDICE C – FICHA DE DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO – UFRJ
Instituto de Nutrição Josué de Castro - INJC
Av. Carlos Chagas Filho, 373 - bloco J 2 andar - Cidade Universitária da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro - RJ
Fone: (21) 3938-6599

FICHA DE DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS

Por favor, não escreva seu nome neste formulário. Fique à vontade para ignorar qualquer pergunta que você não se sinta confortável em responder. Vamos manter esta informação privada e confidencial.

CÓDIGO DO PARTICIPANTE:

Dados Pessoais

1. Sexo: ( ) Feminino( ) Masculino
2. Idade:_____anos
3. Estado Civil: ( ) Solteiro(a) ( ) Casado(a) ( ) Separado(a) / Divorciado(a) ( ) Viúvo(a) ( ) Vivo com companheira (o)
4. País/cidade de nascimento:_____
5. Cidade de origem antes do refúgio: _____

6. O lugar que você morava era localizado em área: ( ) Urbana (cidade) OU ( ) Rural (fazenda, sítio, chácara, aldeia, vila agrícola, etc.)
7. Em que ano você chegou no Brasil e no Rio de Janeiro?_____

Língua

8. Qual a sua língua materna?_____ _____
9. Você fala outro idioma? Se sim, qual?_____ _____
10. Como você considera o seu nível de língua portuguesa: ( ) Ruim ( ) Regular ( ) Bom ( ) Ótimo

Religião

11. Você pertence a alguma religião/crença?
Qual?_____ _____ ( ) Prefiro não declarar

Escolaridade e ocupação

12. Escolaridade: ( ) Não alfabetizado ( ) Ensino fundamental incompleto ( ) Ensino fundamental completo
( ) Ensino médio incompleto ( ) Ensino médio completo ( ) Ensino superior incompleto
( ) Ensino superior completo. Qual curso:_____
( ) Pós-Graduação. Qual: ( ) Especialização ( ) Mestrado ( ) Doutorado ( ) Pós-Doutorado
13. Ocupação antes da Imigração:_____
14. Ocupação atual:_____

15. Informações sobre as pessoas que residem com você:
( ) Pais ( ) Marido/Esposa ( ) Companheiro (a) ( ) Filhos ( ) Parentes ( ) Amigos ( ) Outros ( ) (ou) Moro sozinho (a)
16. Qual é o seu trabalho ou ocupação principal? ( ) Empregado assalariado ( ) Estagiário remunerado ( ) Bolsista ( ) Trabalha por conta própria, é autônomo ( ) Não trabalho
OUTROS_____

OBRIGADA!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO – UFRJ
Instituto de Nutrição Josué de Castro - INJC
Av. Carlos Chagas Filho, 373 - bloco J 2 andar - Cidade Universitária da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro - RJ
Fone: (21) 3938-6599

وثيقة البيانات الاجتماعية

من فضلك لا تكتب اسمك في هذا النموذج. لا تتردد في تجاهل أي سؤال لا يشعرك بالراحة. تأكد أننا سنحافظ على هذه المعلومات خاصة وسرية.

رمز المشارك

بيانات شخصية

الجنس: ذكر () أنثى ()

العمر () سنة

الحالة الاجتماعية: () أعزب () متزوج () منفصل / مطلق () أرمل () تعيش مع شريك

البلد () / مدينة الميلاد ()

مدينة المنشأ قبل عمل اللجوء ()

المكان الذي كنت تعيش فيه يقع في منطقة: (حضر, مدينة, قرية, ريف)

في أي عام وصلت إلى البرازيل وريو دي جانيرو ()

لغة

ما هي لغتك الأم ()

هل تتحدث لغة أخرى؟ إذا كان الأمر كذلك ، ما هي؟ ()

كيف تنظر إلى مستواك في اللغة البرتغالية: () ضعيف () متوسط () جيد () محترف .

الدين ()

هل تنتمي إلى أي دين / معتقد؟ () أفضل عدم التصريح ()

التعليم والوظيفة

التعليم: () غير متعلم () غير مكمل للتعليم الأبتدائي () مكمل للتعليم الأبتدائي ()

غير مكمل للتعليم الثانوي () مكمل للتعليم الثانوي () غير مكمل للتعليم العالي ()

:مكمل التعليم العالي. وهو ()

الدراسات العليا. المؤهلات: () التخصص () ماجستير () الدكتوراه () ما بعد الدكتوراه ()

المهنة قبل الهجرة ()

الوظيفة الحالية ()

معلومات عن الأشخاص الذين يعيشون معك

الآباء () الزوج / الزوجة () الرفيق () الأطفال () الأقارب () الأصدقاء () آخرون () أو أعيش بمفردي ()

ما هي وظيفتك الرئيسية؟ () موظف بأجر () متدرب مدفوع الأجر () حامل منحة دراسية () صاحب عمل خاص ()

لا أعمل () شئ آخر ()

شكرًا

APÊNDICE D – ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Introdução: Primeiramente, gostaria de agradecer por aceitar conversar comigo. O foco desta entrevista será sobre comida. Se houver perguntas que você não está confortável em responder ou que você não sabe, não se preocupe, está tudo bem. Se você tiver alguma pergunta, por favor fique à vontade para me perguntar a qualquer momento.

MEMÓRIAS CULINÁRIAS

1. Como era a sua alimentação no dia a dia?
2. Quem era responsável pelo planejamento, compra de alimentos e onde comprava? Quem cozinhava?
3. Quais eram os ingredientes mais utilizados em preparações?
4. Como eram realizadas as refeições?
5. Alguma comida te traz recordações? Pode dar exemplos?

ADAPTAÇÕES CULINÁRIAS NO RIO DE JANEIRO

7. Como foi se adaptar às opções de comida no Rio de Janeiro?
8. De que forma você busca manter os costumes alimentares desde que chegou ao Rio de Janeiro?
9. Você sente falta da comida do seu país? Por quê? Alguma preparação específica?
10. Você gosta de comida brasileira? Quais alimentos brasileiros você come?
11. Conte sobre as dificuldades para comer desde que chegou no Brasil
12. Como é a sua alimentação do dia a dia? Houve alguma mudança desde o período que chegou e o período atual?
13. Você tem a possibilidade de cozinhar? O que você costuma cozinhar? OU Quem prepara as suas refeições?
14. Onde você costuma comprar a sua comida? Você consegue encontrar todos os ingredientes que gostaria?
15. Quais são as maiores dificuldades no momento de compra de alimentos?
16. Você prepara alimentos de formas diferentes? Qual é a razão para preparar os alimentos ou pratos de forma diferente?
17. Como é a diferença entre a aquisição de alimentos no seu país e no Brasil?
18. Com quem você come? Como é o momento da refeição?
19. Você costuma se reunir com outras pessoas durante a refeição? De onde são? Quem geralmente cozinha nessas ocasiões?
20. O que sua comida tradicional significa para você? Você é capaz de comer do jeito que você quer no Brasil? (tempo, acesso a comida, aceitação, renda)

Há mais algum fato que você gostaria de compartilhar comigo?

Conclusão: Obrigada pela sua contribuição! Para continuar o nosso estudo, gostaríamos de entrevistar mais pessoas que migraram para o Rio de Janeiro em virtude do conflito na Síria. Você teria alguém para nos indicar?

APÊNDICE E - PERFIL SOCIODEMOGRÁFICOS DOS PARTICIPANTES

P	GÊNERO	IDADE	ESTADO CIVIL	ESCOLARIDADE	RELIGIÃO	CHEGADA NO BRASIL	OCUPAÇÃO ANTERIOR	OCUPAÇÃO ATUAL
P1	M	26	Solteiro	Superior Incompleto	Sem religião	2012	Estudante universitário	Estudante universitário e Professor de árabe
P2	M	24	Solteiro	Ensino Médio completo	Sem religião	2015	Trabalho em restaurante e estudante	Vendedor de comida árabe
P3	M	34	Divorciado	Superior Completo	Cristão ortodoxo	2015	Diretor de produção	Cozinheiro
P4	M	34	Casado	Superior Completo	Sem religião	2015	Engenheiro de telecomunicações	Cozinheiro
P5	M	22	Casado	Superior Incompleto	Muçulmano	2016	Estudante e auxiliar de cozinha	Cozinheiro
P6	M	26	Solteiro	Ensino Médio Completo	Sem religião	2016	*Jogador de futebol e dono de uma loja de lanches	Vendedor de comida árabe
P7	F	32	Casada	Superior Completo	Muçulmana	2015	Economista	Estudante universitária e professora de inglês*

Legenda
F – Feminino
M – Masculino
P – Participante
*Não preencheu na ficha, mas mencionou na entrevista

APÊNDICE F – MATERIAL ILUSTRADO UTILIZADO NAS ENTREVISTAS

Fatteh
فتة

Kafta
كفتة

Syrian Broad Beans/*Fool Moukala Bi Zayt*
فول مقلي بالزيت /فاصولية سوري

Esfiha
لحم بعجين

Muhammara
المحمرة

Foole/Foule (Fava beans)
فول

Sheikh Mahshi/Ablama
محشي الشيخ

Arabic/Syrian/vermicelli rice
الأرز العربي /السوري

Kibbeh
كبة

Kanafeh
كنافة

Makdous/magdoos
مكدوس الباذنجان السوري

Mujadara
مجدرة بالأرز

Molokhia
ملوخية

Fattoush
فتوش

Mabroumeh
مبرومة بالفستق

Halawet el Jibn
حلاوة الجبن

Ma'amoul
معمول

Labneh – coalhada seca
لبنة

Freekeh
فريكة

Qamar al-deen
قمر الدين